

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

EDUARDO DE OLIVEIRA DUTRA

**A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS
DENTAIS /t/ E /d/ NO MUNICÍPIO DO CHUÍ,
RIO GRANDE DO SUL**

Prof^ª. Dr. Cláudia Regina Brescancini
Orientadora

Porto Alegre, janeiro de 2007

EDUARDO DE OLIVEIRA DUTRA

**A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS /t/ E /d/
NO MUNICÍPIO DO CHUÍ, RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dr. Cláudia Regina Brescancini

Instituição depositária:
Biblioteca central Irmão José Ótão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, janeiro de 2007

EDUARDO DE OLIVEIRA DUTRA

**A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS /t/ E /d/
NO MUNICÍPIO DO CHUÍ, RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em 28 de fevereiro de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dr. Cláudia Regina Brescancini - PUCRS

Prof^a. Dr. Valéria Neto de Oliveira Monaretto - UFRGS

Prof^a. Dr. Regina Ritter Lamprecht - PUCRS

AGRADECIMENTOS

À coordenação de Pós-graduação em Letras da PUCRS, professora Dr. Regina Lamprecht, por seu apoio;

À minha orientadora, professora Dr. Cláudia Regina Brescancini, por sua paciência, durante meu amadurecimento teórico, e por sua orientação séria;

À Capes pela concessão da bolsa parcial de estudo;

Aos professores de Pós-Graduação em Linguística da PUCRS, Leda Bisol, Leci Barbisan, Sérgio Menuzzi e Jorge Campos, por suas experiências e conhecimentos acadêmicos transmitidos;

À professora Ana Maria Ibaños da PUCRS, por ter me iniciado nos estudos lingüísticos;

Ao professor Dr. Jorge Espiga UCPEL, pelo envio de material do BDS-Pampa;

Ao professor Dr. Sérgio Carvalho (UFRJ), pela disponibilidade de enviar inúmeros textos;

Aos professores de língua espanhola da PUCRS, Marina Tazón Volpi, Elisabeth Rodríguez, Aureliano Hernández e Susana Quinteros, por terem acreditado em mim;

À coordenadora do curso de Letras do Centro Universitário Univates, professora Renate, por sua compreensão;

À equipe diretiva do Instituto Marista Nossa Senhora das Graças, por todo apoio;

Ao meu pai, Assis, por sua paciência, durante os momentos difíceis, e por suas palavras de estímulo;

À minha mãe, Jussara, *in memoriun*, pelos seus ensinamentos;

À Daniela, minha namorada, por ter estado ao meu lado;

Às minhas colegas e amigas, Marilu, Aida, Ana Roseli e Silvana, por nossos momentos de estudo e pelo apoio;

A todos aqueles, que contribuíram para realização deste trabalho.

RESUMO

Este estudo faz uma análise em tempo aparente das oclusivas dentais seguidas de [i] e de [j] na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, a partir da amostra de 24 informantes bilíngües do Projeto BDS-Pampa. Os pressupostos teórico-metodológicos adotados seguem, portanto, a Teoria da Variação Lingüística (Labov, 1972, 1994). Neste estudo foi possível concluir que a palatalização das oclusivas dentais é uma regra variável sujeita aos condicionamentos de variáveis lingüísticas e sociais e que a aplicação da regra parece ser um fenômeno variável de mudança em progresso.

Palavras-chave: Teoria da Variação. Palatalização das oclusivas dentais. Chuí.

RESUMEN

Esta investigación hace un análisis en tiempo aparente de las oclusivas dentales seguidas de [i] o [j] en la ciudad de Chuí, *Rio Grande do Sul* a partir del *corpus* de sujetos bilingües del Proyecto BDS-Pampa. Los presupuestos teórico-metodológicos adoptados siguen, por lo tanto, la Teoría de la Variación Lingüística (Labov, 1972, 1994). En este estudio se pudo concluir que la palatalización de las oclusivas dentales es una regla que está sometida al influjo de las variables lingüísticas y sociales. La aplicación de la regla parece ser un cambio lingüístico en progreso.

Palabras-clave: Teoría de la Variación. Palatalización de las Oclusivas Dentales. Chuy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Palatização das oclusivas dentais no modelo linear.....	16
Figura 2: Palatização das oclusivas dentais no modelo estruturalista	16
Figura 3: Representação do processo de palatalização das oclusivas dentais	17
Figura 4: Princípio de não cruzamento de linhas	18
Figura 5: Representação das regras de assimilação.....	19
Figura 6: Representação da palatalização da oclusiva dental.....	19
Figura 7: Configuração hierárquica de traços distintivos.....	19
Figura 8: Representação da configuração das classes de nós e suas formas de organização em vogais.....	21
Figura 9: Representação da configuração das classes de nós e suas formas de organização em consoantes.....	22
Figura 10: Representação da oclusiva palatalizada	23
Figura 11: Representação das africadas	24
Figura 12: Contexto precedente sibilante e contexto seguinte sibilante.....	31
Figura 13: Gráfico da frequência global: africadas palato-alveolares e outras variantes.....	90
Figura 14: Gráfico dos fatores sexo masculino X escolaridade ensino médio.....	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Palatalização de /t/ e /d/ - Tipo de Vogal Alta.....	91
Tabela 2: Palatalização de /t/ e /d/ - Tonicidade.....	92
Tabela 3: Palatalização de /t/ e /d/ - cruzamento entre Tipo de Vogal Alta e Tonicidade	94
Tabela 4: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Precedente.....	95
Tabela 5: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Precedente (com amálgamas e separação de segmentos do fator vogais altas anteriores)	97
Tabela 6: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Precedente (com separação de segmentos orais e nasais)	98
Tabela 7: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Seguinte	99
Tabela 8: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Seguinte (com separação dos fones dentais)	101
Tabela 9: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Seguinte (com amalgamações)	102
Tabela 10: Palatalização de /t/ e /d/ - Localização do Contexto Seguinte.....	103
Tabela 11: Palatalização de /t/ e /d/ - cruzamento entre Contexto Seguinte e Localização do Contexto Seguinte	104
Tabela 12: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Sonoridade.....	105
Tabela 13: Palatalização de /t/ e /d/ - tipo de sintagma	107
Tabela 14: Palatalização de /t/ e /d/ - Tipo de Sintagma (com amalgamações).....	108
Tabela 15: Palatalização de /t/ e /d/ - escolaridade.....	110
Tabela 16: Palatalização de /t/ e /d/ - Sexo.....	113
Tabela 17: Palatalização de /t/ e /d/ - cruzamento entre Escolaridade e Sexo.....	115
Tabela 18: Palatalização de /t/ e /d/ - faixa etária.....	117
Tabela 19: Palatalização de /t/ e /d/ - informantes de faixa etária intermediária.....	118
Tabela 20: Palatalização de /t/ e /d/ - faixa etária (com retirada dos informantes)	119
Tabela 21: Palatalização de /t/ e /d/ - Atividade Profissional.....	121
Tabela 22: Palatalização de /t/ e /d/ - cruzamento entre Atividade Profissional e Faixa Etária.....	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS: FONÉTICA E FONOLOGIA ...	14
1.1 O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO	14
1.2 DESCRIÇÃO FONOLÓGICA	15
1.2.1 Modelo fonológico linear	15
1.2.2 Modelo fonológico não-linear	17
2 A TEORIA DA VARIAÇÃO	25
2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	25
2.2 ESTUDOS SOBRE A PALATALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO ...	30
2.2.1 Região Sul	31
2.2.1.1 O estudo de Bisol (1986).....	31
2.2.1.2 O estudo de Bisol (1991).....	33
2.2.1.3 O estudo de Sassi (1997)	34
2.2.1.4 O estudo de Almeida (2000).....	36
2.2.1.5 O estudo de Pagotto (2001)	38
2.2.1.6 O estudo de Kamianecy (2002)	40
2.2.1.7 O estudo de Bopp (2002).....	42
2.2.1.8 O estudo de Pires (2003)	43
2.2.2 Região Sudeste	45
2.2.2.1 O estudo de Carvalho (2002).....	45
2.2.3 Região Nordeste	47
2.2.3.1 O estudo de Hora (1990)	47
2.2.3.2 O estudo de Hora (1995)	50
2.2.3.3 O estudo de Santos (1996).....	51
2.2.3.4 O estudo de Mota e Rollemberg (1997)	52
2.2.3.5 O estudo de Mota (1995).....	54
2.2.4 Região Sul, Sudeste e Nordeste	56
2.2.4.1 O estudo de Abaurre e Pagotto (2002)	56
2.3 SUMÁRIO ACERCA DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	60
3 METODOLOGIA	68
3.1 A REGIÃO DE ESTUDO	68
3.1.1 O projeto do BDS-PAMPA	68
3.1.2 O município do Chuí, Rio Grande do Sul	69
3.1.3 A amostra	70
3.1.4 Constituição da amostra da pesquisa	71
3.2 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS	71

3.2.1 Variável dependente	72
3.2.2 Variáveis independentes	72
3.2.3 Variáveis lingüísticas	72
3.2.3.1 Contexto precedente	72
3.2.3.2 Localização do contexto precedente.....	74
3.2.3.3 Contexto seguinte	75
3.2.3.4 Localização do contexto seguinte.....	77
3.2.3.5 Tonicidade	77
3.2.3.6 Sonoridade	79
3.2.3.7 Tipo de vogal alta	79
3.2.3.8 Tipo de sintagma	81
3.2.4 Variáveis extralingüísticas	81
3.2.4.1 Faixa etária	82
3.2.4.2 Escolaridade	83
3.2.4.3 Sexo	84
3.2.4.4 Atividade profissional	84
3.3 CODIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS	85
3.4 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS	86
4 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E SOCIAIS: DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO	88
4.1 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS PELO PROGRAMA VARB2000.....	88
4.2 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	89
4.2.1 Freqüência global	89
4.2.2 Variáveis lingüísticas	90
4.2.2.1 Tipo de vogal alta	90
4.2.2.2 Tonicidade	92
4.2.2.3 Contexto precedente	95
4.2.2.4 Contexto seguinte	99
4.2.2.5 Localização do contexto seguinte.....	101
4.2.2.6 Sonoridade.....	105
4.2.2.7 Tipo de sintagma	106
4.2.3 Variáveis sociais	109
4.2.3.1 Variável escolaridade	110
4.2.3.2 Variável sexo	113
4.2.3.3 Variável faixa etária.....	117
4.2.3.4 Variável atividade profissional.....	120
CONCLUSÃO	125
REFERÊNCIAS	129

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, investigamos a regra variável da palatalização de /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior não arredondada [i] e da semivogal palatal alta [j], no português falado na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, à luz da Teoria da Variação Labov (1972).

A investigação do fenômeno em questão, a partir da Teoria da Variação Lingüística, permite assumir a língua como um sistema heterogêneo passível de variação e/ou mudança lingüística, por influência de fatores lingüísticos e sociais.

Os dados, parte integrante do Banco de Dados BDS-Pampa da Universidade Católica de Pelotas-UCPEL, foram coletados através de narrativas de experiência pessoal, a partir da amostra de 24 informantes estratificados de acordo com as variáveis extralingüísticas: sexo, faixa etária e escolaridade.

Na coleta de dados através da análise de 24 (vinte e quatro) entrevistas da amostra, audição e transcrição fonética, constatamos a existência de cinco formas alternantes, a saber, oclusiva dental vozeada e desvozeada, a africada palato-alveolar vozeada e desvozeada e a africada alveolar desvozeada, para a variável em exame. São exemplos:[dʒi]vertido~[di]vertido, [tʃi]nha~[ti]nha e important[tsi]~importan[ti].

Este estudo em tempo aparente, ou seja, a partir de um recorte temporal sincrônico, é necessário por dois motivos: o primeiro é que até o momento não se havia realizado uma pesquisa do processo de palatalização das oclusivas dentais no município do Chuí, Rio Grande do Sul; o segundo é o fato de haver menos investigações variacionistas que descrevam a variedade dialetal do português brasileiro em cidades de fronteira com países de língua espanhola do que investigações em outros municípios.

A fim de verificar o *quantum* cada fator das variáveis independentes influencia a aplicação da regra variável de palatalização das oclusivas dentais, utilizamos o programa computacional Varbrul 2S.

Norteamos nosso estudo a partir dos seguintes objetivos:

- a) identificar os condicionamentos lingüísticos e sociais que compõem a regra variável de palatalização das oclusivas dentais;
- b) verificar se o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ no português falado no município do Chuí, Rio Grande do Sul, é um caso de variação estável ou de mudança em progresso;
- c) identificar o *status* social das variantes palatalizadas na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul;
- d) comparar os condicionamentos obtidos no presente estudo para a aplicação da regra variável com os de outras regiões do Brasil.

Com o intuito de descrever e analisar a regra de palatalização na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, elencamos as seguintes hipóteses:

- a) tanto os grupos de fatores lingüísticos quanto os sociais influenciam o processo de palatalização das oclusivas dentais, na região do Chuí, Rio Grande do Sul;
- b) no português falado no município do Chuí, Rio grande do Sul o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ é incipiente, portanto, o processo de palatalização das oclusivas dentais tende a ser mais freqüente na fala espontânea dos mais jovens e coexiste com as variantes não africadas;
- c) as variantes palatalizadas desfrutam de prestígio social na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul;
- d) comparando os condicionamentos lingüísticos da localidade do Chuí, Rio Grande do Sul, com os de outras regiões, supomos que os fatores condicionantes comuns serão contextos seguinte e precedente, sonoridade e tipo de vogal alta, para as variáveis lingüísticas; sexo, escolaridade e faixa etária, para as variáveis sociais.

Com a intenção de melhor conduzir a organização deste estudo, dividimos este trabalho em capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos as interpretações fonológicas do processo de palatalização das oclusivas dentais, à luz da fonologia linear e não-linear. No segundo capítulo, tratamos dos pressupostos da Teoria da Variação Lingüística. Além disso, apresentamos a revisão bibliográfica dos trabalhos acerca da palatalização de /t/ e /d/ no português brasileiro e o sumário dos resultados obtidos em tais pesquisas. No terceiro capítulo, descrevemos a metodologia utilizada na pesquisa: a constituição da amostra, o instrumento estatístico empregado (o pacote de programa Varbrul 2S) e a definição das variáveis. No quarto capítulo, expomos a análise das variáveis lingüísticas e sociais. Em seguida, apresentamos a conclusão.

1 A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS: FONÉTICA E FONOLOGIA

Nesta seção, realizamos uma breve apresentação dos processos de palatalização das oclusivas dentais bem como dos modelos fonológicos lineares e não-lineares, seguidos pelas interpretações fonológicas do processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ propostas por Lopez (1979) e Hora e Bisol (1993).

1.1 O PROCESSO DE PALATALIZAÇÃO

Do ponto de vista articulatorio, de acordo com Câmara Júnior (1977, p. 186), “a palatalização é uma mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, devido ao desdobramento da parte média da língua no palato médio”.

Fonologicamente, Dubois (2004, p. 448) considera “a palatalização um fenômeno particular de assimilação sofrido por certas vogais e consoantes em contato com um fonema palatal”.

Segundo Bhat (1978) existem, pelo menos, três processos distintos de palatalização, a saber, elevação, frontalização da língua e espirantização. Tais processos podem se distinguir a partir do ambiente que promove a palatalização, das consoantes afetadas ou através de línguas ou de dialetos que sofrem o processo de palatalização.

O primeiro processo, elevação, ocorre em consoantes dentais/alveolares e labiais. Geralmente, esse tipo de palatalização é promovido por semivogal palatal seguinte ou vogal anterior em sílaba não acentuada.

Já o processo de frontalização é mais freqüente em consoantes velares, causado por uma vogal anterior seguinte, de preferência, em sílaba acentuada.

No terceiro processo, a espirantização, uma estridência ou fricção é acrescentada a uma consoante velar, apical ou palatal e, raramente, a uma labial, em um determinado ambiente. O fenômeno variável que investigamos se enquadra no terceiro processo que foi apresentado.

1.2 DESCRIÇÃO FONOLÓGICA

1.2.1 Modelo fonológico linear

A perspectiva gerativa, proposta em *The sound Pattern of English*, de Chomsky e Halle (1968) (SPE doravante), concebe os segmentos como constituídos de propriedades de natureza acústica ou articulatória, ou seja, de traços que se combinam, de maneira desordenada, na matriz. A relação entre os traços e os segmentos é bijectiva, uma vez que os traços se agrupam, sem organização interna, para representar apenas um único segmento.

Com os traços distintivos, foi possível caracterizar as classes naturais, constituídas de dois ou mais segmentos que compartilham traços comuns. De acordo com Hymes (1975), os segmentos pertencem à mesma classe natural quando um ou mais dos seguintes critérios são encontrados em uma língua:

- os dois segmentos sofreram regras fonológicas juntos;
- os dois segmentos funcionam juntos nos ambientes de regras fonológicas;
- um segmento é convertido no outro segmento através de uma regra fonológica;
- um segmento é derivado no ambiente do outro segmento.

Com base nesses critérios, podemos exemplificar um caso de classe natural, a partir da regra de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/.

Hernandorena (2005) classifica os segmentos *t* e *d* como uma classe natural em razão desses segmentos sofrerem juntos a regra de palatalização de /t/ e /d/ e devido ao fato de o

número de traços exigido para definir [t, d] ser inferior ao número de traços para especificar isoladamente /t/ e /d/, conforme segue:

t	d	t,d
- soante - contínuo + coronal + anterior - met. ret. - sonoro	- soante - contínuo + coronal + anterior - met. ret. + sonoro	- soante - contínuo + coronal + anterior - met. ret.

Figura 1: Palatização das oclusivas dentais no modelo linear

Fonte: Hernandorena (2005, p. 30).

Assim sendo, no modelo gerativo, em uma representação formal de fenômenos lingüísticos, não será um segmento, em ambiente lingüístico determinado, que sofrerá mudanças, como propunha o modelo estruturalista, mas um ou mais traço(s) que constitue(m) uma classe natural.

Hernandorena (2005) comenta que, em um modelo que não segmentasse os fonemas em traços distintivos, a regra de palatalização ficaria assim representada:

$$\begin{bmatrix} t \\ d \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} tʃ \\ dʒ \end{bmatrix} \quad / \text{ — } \begin{bmatrix} i \end{bmatrix}$$

Lê-se: [t] é reescrito como [tʃ] quando precede a vogal [i] e [d] é reescrito como [dʒ] antes de [i], não explicitando a naturalidade do processo.

Figura 2: Palatização das oclusivas dentais no modelo estruturalista

Fonte: Hernandorena (2005, p. 26).

Segundo Lopez (1979, p. 131), a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i] e do glide [j] é um dos traços mais característico do dialeto carioca. Para a autora, a regra se aplica em todas as posições da palavra diante da vogal subjacente /i/ acentuada e não-acentuada, e antes das vogais médias frontais subjacentes não acentuadas transformadas em [i] ou [j]. Com base no modelo SPE, Lopez representa fonologicamente a passagem das

oclusivas dentais /t/ e /d/ para as africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] diante da vogal alta ou do glide palatal, como podemos observar a seguir:

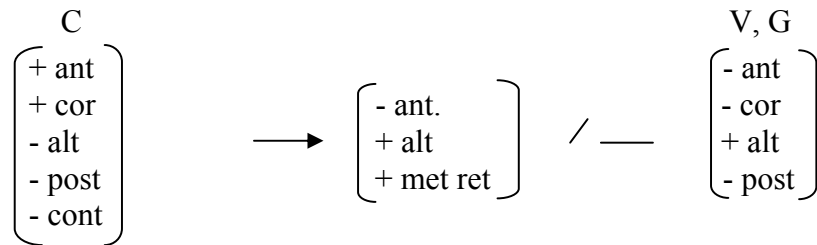


Figura 3: Representação do processo de palatalização das oclusivas dentais

Fonte: Lopez (1979, p. 131).

Lê-se: uma consoante [-cont,+ant,+cor...], ou seja, [t, d] torna-se [-ant, + alt, + met ret], quando preceder a uma vogal ou glide [+alt,-post], como [i, j].

Esta descrição interpreta o processo assimilatório de palatalização como um processo de cópia de traços de um segmento vizinho.

1.2.2 Modelo fonológico não-linear

Apesar de o modelo gerativista ter avançado se comparado ao fonêmico, no tratamento da relação entre os segmentos e os traços nas regras fonológicas, foi Goldsmith, em 1976, que deu início, a partir da Fonologia Autossegmental, a uma nova abordagem na relação entre segmentos e traços em processos fonológicos.

Na concepção da Fonologia Autossegmental, os traços são auto-segmentados, isto é, são propriedades independentes que ocupam um *tier* próprio. Portanto, a relação bijectiva entre o segmento e os traços, presente na fonologia gerativa padrão, é rejeitada na Fonologia Autossegmental, visto que os traços, independentes, podem ligar-se ou desligar-se a outros traços de segmentos adjacentes.

Se de um lado, no modelo gerativista, nos processos fonológicos, um traço se transforma em outro e os segmentos são representados por um feixe de traços desorganizados,

na Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985; CLEMENTS e HUME, 1995) o segmento é formado por traços organizados hierarquicamente que podem espraiar-se para um segmento adjacente ou desligar-se, alterando-se em função das regras fonológicas. Desse modo, apresenta-se a organização hierárquica entre os traços que constituem o segmento de forma que cada traço ocupe um lugar próprio na estrutura arbórea. Existe, portanto, uma relação de subordinação entre os traços e os nós de classe, assim como entre a unidade de tempo e o nó da raiz. Os traços são independentes, mas interdependentes. São independentes pelo fato de poderem individualmente espraiar-se aos segmentos adjacentes, sem que os demais traços desapareçam, e interdependentes em razão de juntos constituírem o segmento.

Como Condição de Boa-Formação, surge o Princípio de Não Cruzamento de Linhas (NCL) (GOLDSMITH, 1976), o qual, em Clements e Humes (1995), tem a seguinte formulação: linhas de associação ligando dois elementos do *tier j* a dois elementos do *tier k* não podem cruzar-se, como segue:



Figura 4: Princípio de não cruzamento de linhas

Fonte: Clements e Humes (1995, p. 266).

Isso significa que, em um processo de assimilação, uma consoante, a fim de obedecer a Condição de Boa-Formação, assimilará o ponto de articulação de outra consoante adjacente, mas não cruzará uma vogal para assimilar o traço de outra consoante não-adjacente.

Tratando da regra de assimilação, em termos operacionais como a ligação de traços de segmentos contíguos, Clements e Hume (1995) caracterizam as regras de assimilação como espraiamento ou associação de um traço ou nó F de um segmento A para o segmento vizinho B:

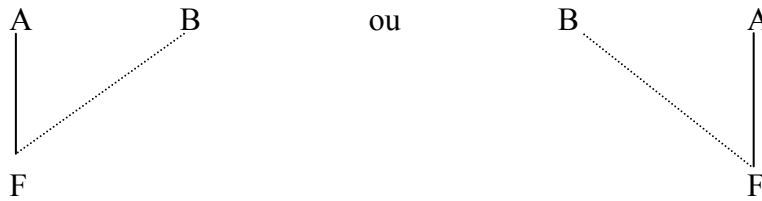


Figura 5: Representação das regras de assimilação

Fonte: Clements e Hume (1995, p. 258).

Desta maneira, representamos a palatalização das oclusivas dentais diante de [i] ou [j], foco deste estudo, como um processo assimilatório de traço, a partir da Fonologia Autossegmental, da seguinte maneira:

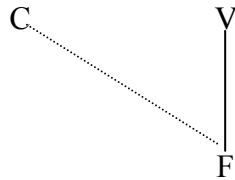


Figura 6: Representação da palatalização da oclusiva dental

Fonte: Almeida (2000, p. 58).

A partir da proposta de Geometria dos Traços, os segmentos apresentam uma hierarquização interna que é representada na Figura de uma estrutura arbórea, como segue:

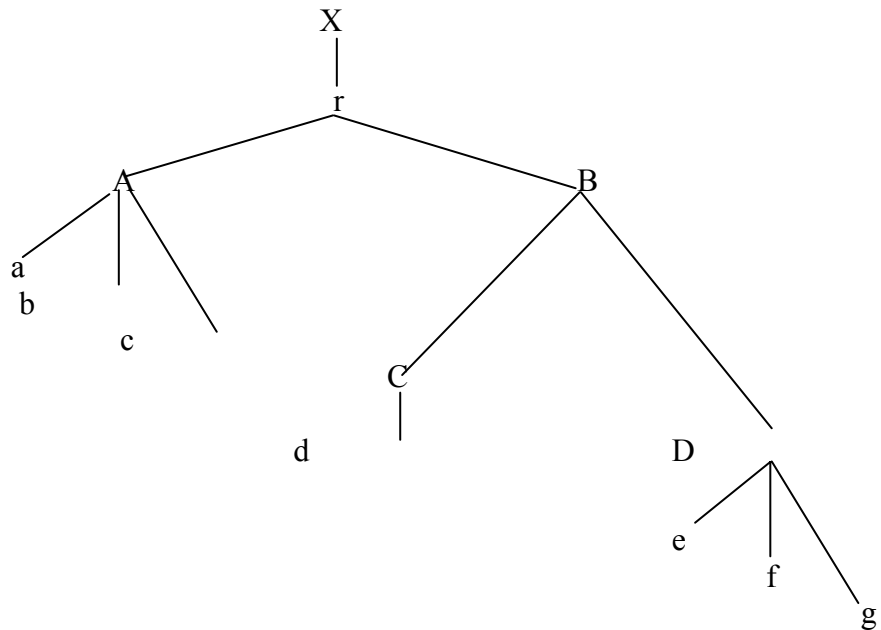


Figura 7: Configuração hierárquica de traços distintivos

Fonte: Clements e Hume (1995, p. 249).

No diagrama acima, r (do qual emanam todos os galhos) representa o nó de raiz, isto é, o segmento propriamente dito; os nós A, B, C e D representam os nós de classe, que dominam grupos de elementos que funcionam como unidades ou classes naturais em regras fonológicas; os nós C e D são irmãos e ambos dependentes de B; os nós terminais a, b, c, d e e são os traços que estão subordinados aos nós de classe; o nó da raiz r é dominado por uma unidade abstrata de tempo X. Os nós são ligados por linhas de associação (CLEMENTS e HUME, 1995).

As Figuras (8) e (9), a seguir, esboçam a representação estabelecida por Clements e Hume (1995) no que se refere às classes de nós e suas formas de organização em vogais e consoantes:

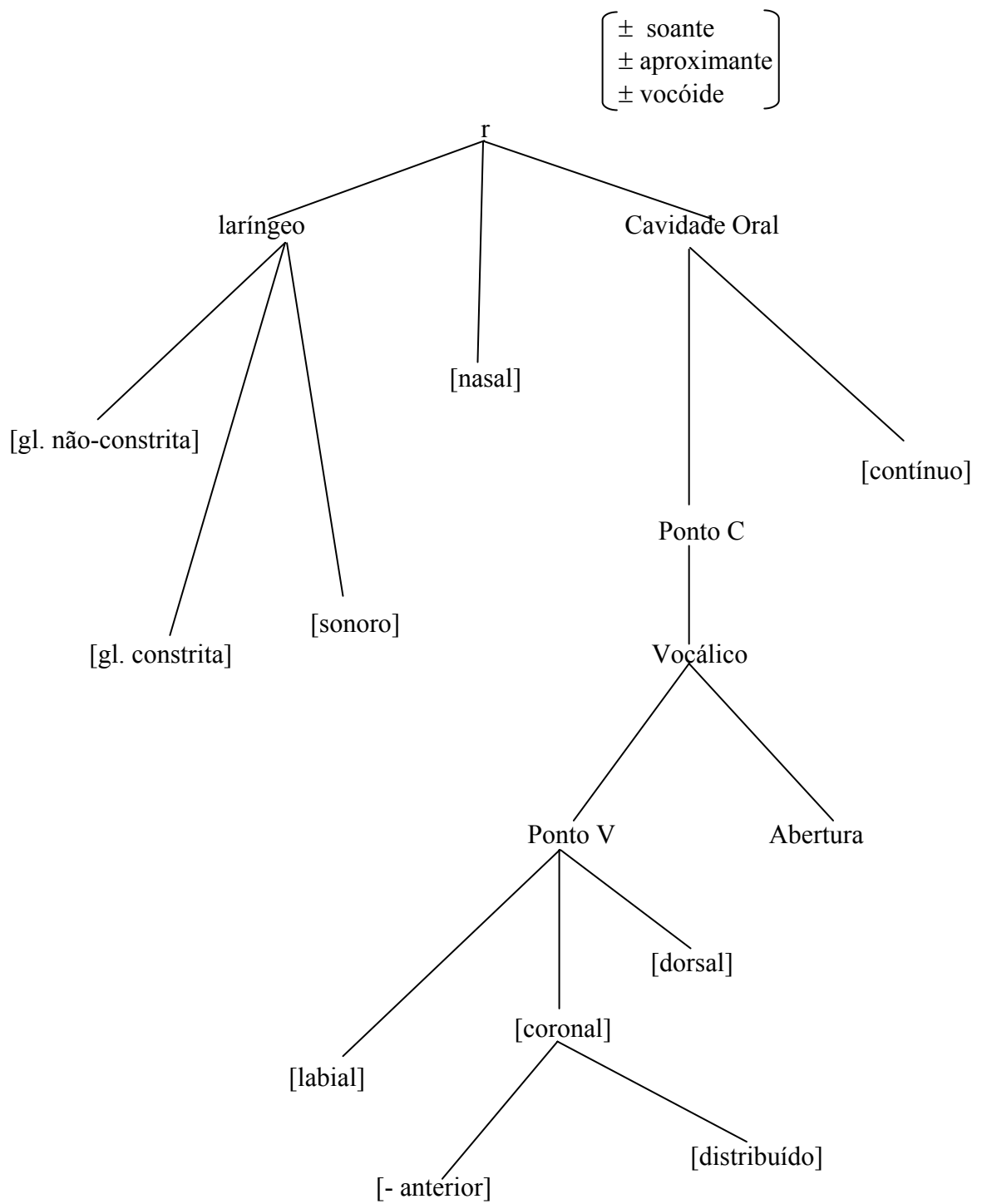


Figura 8: Representação da configuração das classes de nós e suas formas de organização em vogais

Fonte: Clements e Hume (1995, p. 292).

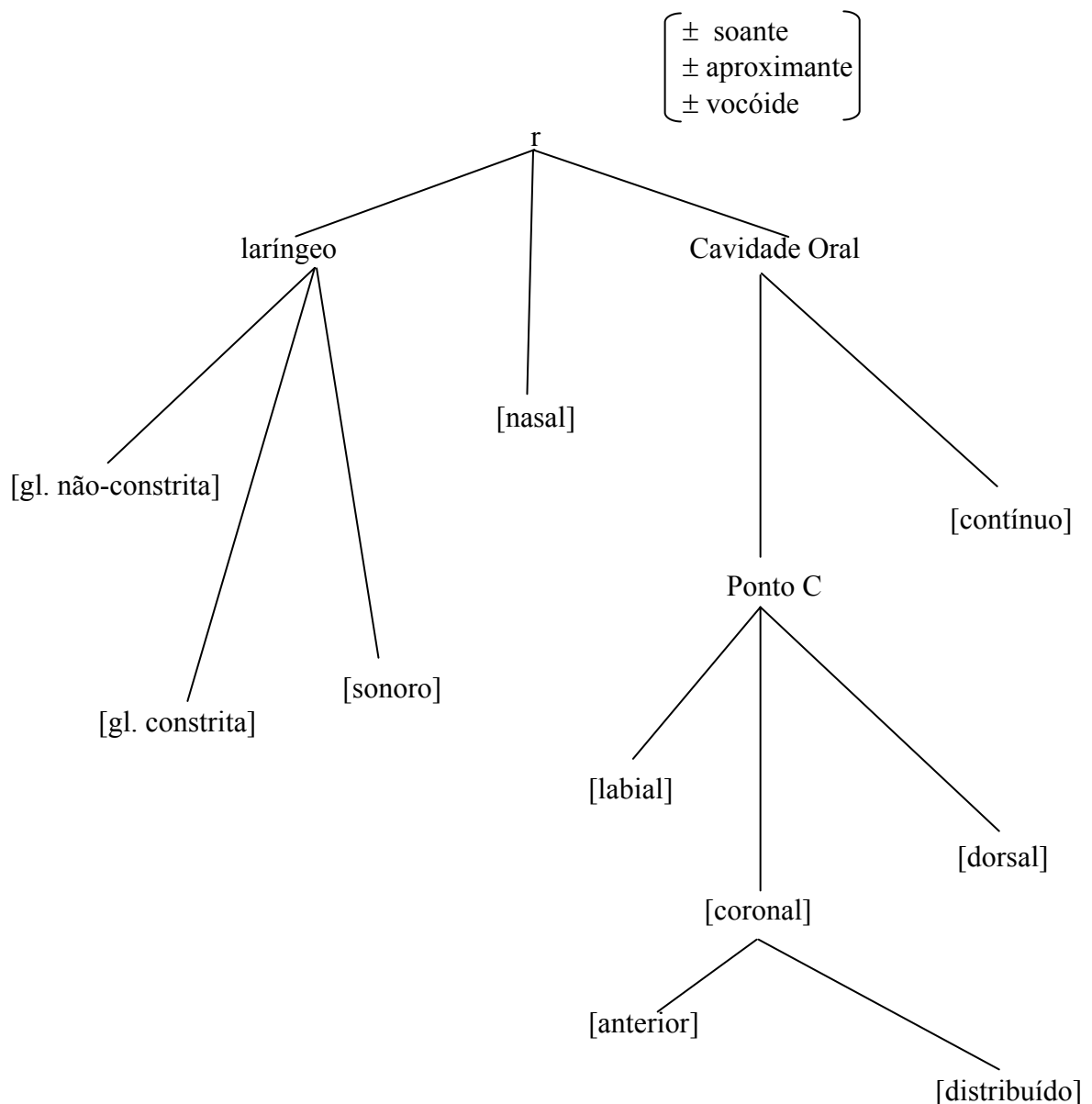


Figura 9: Representação da configuração das classes de nós e suas formas de organização em consoantes
 Fonte: Clements e Hume (1995, p.292).

A partir das duas representações arbóreas observamos que de um lado, há traços que podem estar presentes ou ausentes na constituição de determinado segmento; é o caso dos traços binários, como [anterior] e [distribuído]. Por outro lado, há traços que sempre estão presentes no segmento como os traços monovalentes labial, coronal e dorsal.

De acordo com Bisol e Hora (1993, p. 15), “a palatalização das oclusivas dentais na interpretação da fonologia auto-segmental é entendida como um processo assimilatório de espriamento ou expansão de traço”. Nessa perspectiva, ocorre o espriamento do traço

coronal da vogal [i], promovendo a assimilação de traços secundários à matriz de uma consoante que, em princípio, se formaria apenas por traços primários. Dessa forma, trata-se do espriamento do traço secundário (ou traços) que, ao ser assimilado pela consoante, [+coronal] e [+anterior] provoca a mudança desse último traço que transforma-se em [-anterior], já que toda a vogal é redundantemente [-anterior].

Assim sendo, a palatalização das oclusivas dentais é entendida como a mudança de uma consoante simples a complexa. Essa mudança pode envolver dois estágios.

De um lado, no primeiro estágio, a consoante oclusiva simples [t] e [d] diante de [i] palataliza-se, recebendo uma articulação secundária, que a converte em uma oclusiva palatalizada [tʃ] ou [dʃ], isto é, um segmento com duas articulações: uma articulação maior ou (acima do Ponto Consoante – PC) e uma articulação menor ou secundária, que se refere ao nó vocálico como representa a Figura 10.

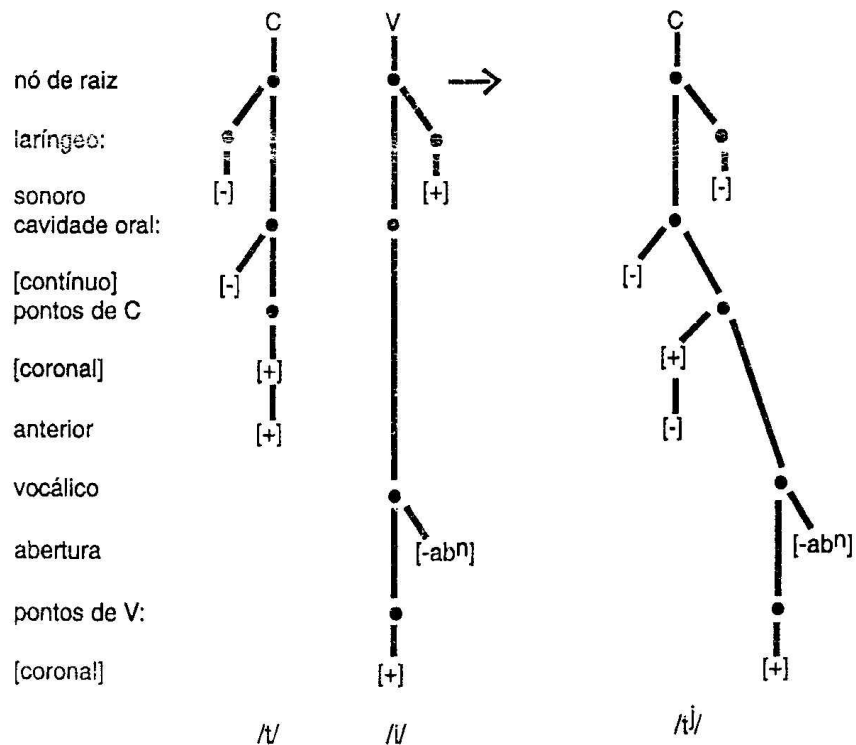


Figura 10: Representação da oclusiva palatalizada

Fonte: Hora e Bisol (1995, p. 66).

Por outro lado, no segundo estágio, ocorre a promoção do traço secundário da consoante à articulação primária, bifurcando-se em duas raízes, criando assim as africadas [tʃ, dʒ], como representa a Figura 11 que segue:

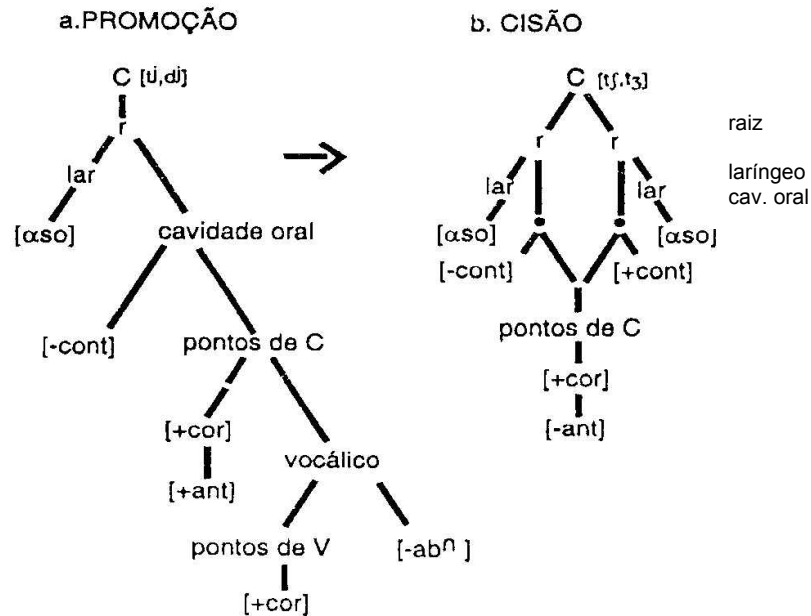


Figura 11: Representação das africadas

Fonte: Bisol e Hora (1995, p. 63).

A bifurcação da consoante em duas raízes realiza-se pela aplicação da Convenção de Fissão de Nós e em obediência à Convenção de Não-Ramificação.

Pela convenção de Não-Ramificação, considera-se malformada a configuração em que um nó não-terminal A ramifica-se em dois nós mais baixos na mesma camada B e C. A má formação desse tipo de estrutura é então solucionada pela atuação da Convenção de Fissão de Nós, segundo a qual uma configuração ramificante se divide em dois nós irmãos, retendo todas as associações interiores (CLEMENTS, 1989b, p. 11). Caso a configuração resultante ainda viole a Condição de não-ramificação, a Convenção de Fissão de Nós se aplica novamente ou até que a condição seja atendida.

No próximo capítulo, apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam nossa investigação.

2 A TEORIA DA VARIAÇÃO

Nesta seção, apresentamos a teoria que fundamenta nossa investigação, a Teoria da Variação Lingüística, bem como faremos uma revisão bibliográfica dos trabalhos acerca do fenômeno variável da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no português brasileiro.

2.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Willian Labov, lingüista americano, desenvolveu, na década de sessenta, o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação ou Sociolingüística Quantitativa. Nesse modelo, o objeto de estudo é a língua falada em situações reais de uso, ou seja, em situações nas quais os falantes interagem com seus interlocutores, fazendo uso do comportamento lingüístico espontâneo.

Para os variacionistas, as línguas naturais são sistemas dinâmicos e heterogêneos, que estão sujeitos, ao longo do tempo, à variação e/ou a mudanças.

Conforme Hinskens (2000, p. 20), “O mérito da sociolingüística não é tanto porque acentua a heterogeneidade dos sistemas lingüísticos, mas antes porque desenvolveu técnicas – essencialmente quantitativas – capazes de revelar a ordem que existe na heterogeneidade”.

Labov (1972), quando introduziu o conceito de regra variável, no estudo sobre a contração e o apagamento da cópula na fala dos negros adolescentes do Harlem, explicou o caráter heterogêneo, variável, da língua como um fenômeno regular, motivado por fatores de natureza lingüística e social.

Nessa pesquisa, realizada nos bairros negros das periferias de Boston, Detroit, Filadélfia, Washington, Cleveland, Chicago, St Louis, San Francisco e Los Angeles, Labov pôde concluir que o apagamento da cópula pertencia à gramática do inglês, isto é, ao conhecimento lingüístico do falante, e o seu apagamento não permitiria fazer uma distinção entre a fala dos negros e a fala dos brancos. Assim sendo, não existiam falantes do BEV

(*Black English Vernacular*) que sempre apagavam a cópula ou que nunca a eliminavam. Os falantes empregavam em seu comportamento lingüístico formas plenas, contrações ou apagamentos, conforme o entorno lingüístico. Havia, portanto, restrições variáveis, ou seja, ambientes que favoreciam a aplicação da regra de apagamento ou a inibiam. Por exemplo, o apagamento da cópula ocorria quando o sintagma nominal (contexto precedente) era um pronome pessoal, ao passo que a sua aplicação se dava cada vez que a cópula estava no tempo passado.

De acordo com Sankoff (1988, p. 984):

Sempre que a escolha entre duas (ou mais) alternativas discretas puder ser percebida como tendo sido feita durante o desempenho lingüístico, e sempre que esta escolha puder ser influenciada por fatores tais como traços do ambiente fonológico, contexto sintático, função discursiva do enunciado, tópico, estilo, situação interacional, ou características sociodemográficas ou pessoais do falante ou de outros participantes, estamos diante de uma situação apropriada para recorrer a noções e métodos estatísticos conhecidos pelos estudiosos da variação lingüística como regras variáveis.

Na literatura da área, um fenômeno lingüístico variável é denominado variável dependente, ao passo que as formas lingüísticas alternantes que apresentam equivalência semântica, em um mesmo ambiente lingüístico, são denominadas variantes.

Segundo Tarallo (2001, p. 8), “Variantes lingüísticas são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”.

A um grupo de fatores de natureza lingüística e extralingüística que motivam ou desfavorecem a aplicação ou ausência da(s) variante(s), dá-se o nome de variável independente.

As variantes da variável dependente têm comportamento distinto nos processos de variação estável ou de mudança em progresso. De um lado, duas ou mais formas alternantes da variável podem coexistir, durante décadas, sem que uma delas desapareça, o que, na literatura, se denomina caso de variação estável. Por outro lado, em uma situação de mudança em progresso, variantes concorrem, de modo que apenas uma das formas lingüísticas em

competição permanecerá, ao passo que outra(s), paulatinamente, vai (vão) perdendo força até desaparecer(em).

Uma das questões fundamentais, nas pesquisas variacionistas, é, justamente, a identificação por parte do sociolinguísta de um fenômeno variável como processo de variação estável ou de mudança em progresso.

Para tal fim, os estudiosos da linguagem, no contexto social, têm recorrido a duas modalidades possíveis de investigação das regras variáveis, a saber, estudo em tempo aparente e/ou estudo em tempo real.

Em um estudo em tempo aparente, o variacionista investiga uma variável em um recorte temporal, isto é, sincronicamente, através da verificação da distribuição das variantes por faixa etária.

De acordo com Hinskens (2000, p. 19):

investigações sociolinguísticas do tipo laboviano mostram que a variação sincrônica é tipicamente uma fase dentro de um processo que pode eventualmente resultar numa mudança categórica. A variação quantitativa é uma condição necessária, mas, como tal, não suficiente para a mudança linguística, como prova a existência de exemplos de variação estável.

Os estudos variacionistas têm mostrado que, quando os jovens levam à frente a variante inovadora, o fenômeno linguístico variável tende a ser definido como um processo de mudança em progresso. Entretanto, Labov (1994, p. 137) adverte que uma distribuição etária das variantes pode não representar uma mudança em progresso, mas uma estratificação por idade. Segundo este mesmo autor (1994, p. 105):

Há muitas situações onde no princípio somente aparece uma imprecisa distribuição em tempo aparente, e é trabalho do analista fazer aflorar a relação forte que pode estar oculta nos dados. Ocorre esta situação quando a distribuição não é uniforme em toda comunidade, mas está fortemente concentrada em falantes de um grupo étnico, uma classe social ou um sexo em particular.

Além da distribuição etária, os variacionistas devem se valer de evidências em tempo real para identificar se uma variável em estudo está em processo de mudança em progresso.

Nesse sentido, Labov (1963) investigou a centralização dos ditongos [ay] e [aw], no Estado de Massachusetts, na ilha de Martha's Vineyard. Com o intuito de verificar a influência de fatores de ordem social na aplicação das variantes centralizadas, Labov entrevistou 69 (sessenta e nove) nativos da ilha e os distribuiu por ocupação (pescadores, agricultores e outros); faixa etária (abaixo de 30 anos; 31 a 45; 46 a 60; acima de 60); região (parte superior, zona rural e parte inferior, zona urbana); etnia (descendentes de ingleses, portugueses, índios) e avaliação em relação à ilha (positiva, negativa, neutra).

A fim de atestar o papel condicionador das variáveis lingüísticas em relação ao fenômeno variável, o pesquisador controlou os contextos precedente e seguinte, tonicidade e tipo de item lexical.

Os resultados desta investigação apontaram como inovadores os falantes com idade intermediária de 31-45, pescadores da zona rural, descendentes de ingleses e de atitude positiva em relação à ilha. Logo, a questão da identidade foi essencial para esta investigação, visto que aqueles que não pretendiam abandonar a ilha tendiam a centralizar mais do que aqueles que apresentavam atitude neutra ou negativa.

No que se refere aos ambientes lingüísticos mais favoráveis à aplicação dos ditongos centralizados, Labov verificou que, no contexto seguinte, as obstruintes orais, surdas, apicais e oclusivas foram os segmentos condicionantes, enquanto que, no contexto seguinte, foram as consoantes /h, l, r, w, m, n/ que favoreceram as variantes centralizadas.

Labov pôde concluir que, a partir da distribuição etária da variante centralizada, evidência em tempo aparente, em relação à centralização dos ditongos [ay] e [aw], na ilha de Martha's Vineyard, e do contraste entre os dados de seu estudo em 1961, com os dados apresentados no LANE (*Linguistic Atlas of New England*), em 1933, evidência em tempo real, o aumento relevante da aplicação dos ditongos centralizados caracterizava um processo de mudança em progresso. O autor constatou que o aumento da centralização dos ditongos por parte dos nativos era uma reação à invasão dos veranistas, uma forma de marcar sua identidade como habitantes da ilha.

Tanto no trabalho referente ao inglês falado por negros no Harlem quanto no realizado em Martha's Vineyard, os dados foram obtidos a partir de observações sistemáticas e não-sistemáticas da língua em uso. Desse modo, conclui-se que qualquer um desses dois tipos de investigação utilizados pelo pesquisador possibilitará o contato com a região a ser investigada e a formulação de hipóteses de trabalho, já que haverá, supostamente, no comportamento lingüístico dos falantes, fenômenos recorrentes e variáveis.

Segundo Labov (1972, p. 268):

Uma observação não sistemática e espontânea da fala realizada em vários pontos estratégicos pode nos ensinar muito. Assim é possível registrar um grande número de traços constantes e variáveis em um conjunto amplo de pessoas, em lugares públicos.

O pesquisador, de posse da metodologia variacionista, após observar de forma não sistemática uma dada região, dentre os fenômenos variáveis existentes, poderá: (a) definir a regra variável a ser investigada; (b) levantar hipóteses acerca da mesma; (c) selecionar os informantes; (d) coletar os dados; (e) transcrevê-los; (f) codificá-los; (g) aplicar procedimentos estatísticos e, finalmente, (h) interpretar os resultados.

Porém, as etapas da metodologia variacionista não serão sempre as mesmas. Assim como nesta pesquisa, há trabalhos nos quais os dados que constituem o *corpus* de investigação provêm de bancos de dados sociolingüísticos, portanto, as etapas de observação da região pesquisada, seleção dos informantes e realização das entrevistas já foram executadas previamente, correspondendo ao pesquisador às etapas (e), (f), (g) e (h).

Na literatura, um exemplo de trabalho resultante eminentemente de observação não-sistemática foi de Labov (1962). Nesse estudo, o pesquisador investigou a estratificação do (r) final e pré-consonantal em lojas de departamentos, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Para a constituição dos dados, Labov realizou entrevistas casuais e anônimas com funcionários de três lojas de departamento: Saks, Macy's e S. Klein.

Para a coleta de ocorrências, Labov se aproximava dos vendedores como se fosse um cliente e perguntava: "Por favor, onde fica a seção de sapatos para senhoras?" A resposta era "Fourth floor" (quarto andar). Depois de obter a resposta, o entrevistador dizia: "Excuse me?",

como se não houvesse entendido e, conseqüentemente, o vendedor repetia “Fourth floor” (quarto andar), de uma forma mais cuidadosa e enfática.

O pesquisador supunha que os funcionários da Klein, loja freqüentada pela classe baixa, empregariam pouco a variante de prestígio e que os funcionários de Macy’s e Saks, freqüentadas pela classe média e alta, respectivamente, tenderiam a empregá-la mais, o que apontaria, portanto, para uma relação entre o emprego de (r) e a estratificação social.

Os resultados confirmaram as hipóteses, já que a variante (r) foi mais freqüente na fala dos funcionários do sexo feminino e da faixa etária mais jovem que atendiam as classes média e alta. Isso significa que a ausência ou presença do (r) final e pré-consonantal em lojas de departamentos diferenciava socialmente os falantes de Nova York.

A seguir, consideraremos estudos realizados à luz da Teoria da Variação Lingüística sobre o objeto em exame, a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/.

2.2 ESTUDOS SOBRE A PALATALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Neste capítulo, retomamos ¹os estudos referentes ao processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, no português brasileiro, contidos em artigos, monografias, dissertações e teses.

Para a constituição desta seção, foram revisados os trabalhos de Bisol (1986), Bisol (1991), Hora (1990), Hora (1995), Mota (1995), Mota e Rollemberg (1995), Santos (1996), Sassi (1997), Carvalho (1998), Almeida (2000), Pagotto (2001), Kamianecy (2002), Bopp (2002), Pires (2003) e Abaurre e Pagotto (2002).

Por questões práticas, resolvemos organizar este capítulo a partir da região de amostra de cada estudo e conforme a ordem cronológica de escrita dos textos.

¹ A dissertação de Alice Telles de Paula intitulada “A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades bilíngües de Taquara e Panambi, RS-Análise Quantitativa” não fez parte de nossa revisão pelo fato de não termos tido acesso ao trabalho em tempo hábil.

2.2.1 Região Sul

2.2.1.1 O estudo de Bisol (1986)

Bisol (1986) pesquisou a africatação das oclusivas dentais /t/ e /d/ em quatro comunidades do Rio Grande do Sul, a saber, metropolitana, fronteiriça, alemã e italiana. Segundo a autora, tal africatação é produto da aplicação de duas regras: a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de /i/ ou da elisão de /e/ antecedida de /t/ e /d/ e seguida de /s/ e /z/, as quais originam, respectivamente, as africadas palato-alveolares [tʃ] e [dʒ] e as alveolares [ts] e [dz], como exemplifica Bisol em in[sti]tuto~in[stʃi]tuto; pare[dis]~pare[dzis].

Nas quatro regiões investigadas, a pesquisadora pôde constatar que as sibilantes anteriores /s/ e /z/ exerciam uma função bloqueadora em relação à aplicação das variantes palato-alveolares. Para Bisol, uma das explicações para a inibição do processo de palatalização das oclusivas dentais é de ordem fonética, visto que tanto as oclusivas dentais /t/ e /d/ quanto as sibilantes /s/ e /z/ compartilham o traço [-alt], o qual fortalece a oclusiva dental e tende a preservá-la da vogal palatal, que possui os traços necessários à aplicação da palatalização de /t/ e /d/. Desse modo, conforme Bisol (1986, p. 165), “a preservação da oclusiva coronal no contexto da sibilante deve-se à ação conjunta de traços comuns aos segmentos fortes [t, d, s, z] que circundam a vogal fraca”.

De acordo com os resultados das quatro comunidades citadas, a tendência é de que a restrição à aplicação das africadas palato-alveolares seja menor em contexto precedente sibilante do que em contexto seguinte sibilante, conforme mostra o quadro a seguir:

	Sibilante	
	Precedente	Seguinte
Metropolitanos	0,33	0,70
Fronteiriços	0,49	0,26
Alemães	0,44	0,33
Italianos	0,27	0,23

Figura 12: Contexto precedente sibilante e contexto seguinte sibilante

Fonte: Bisol (1986, p. 171).

Conforme a pesquisadora, três regras morfológicas, a saber, pluralização, flexão verbal e derivação paradigmática, podem contribuir para a realização alternante das oclusivas dentais, como exemplifica, nos casos de pen[tʃi] mas pen[tis]~pen[ts]; ven[dʒi] mas ven[dis] ~ ven[ds]; par[tʃi] mas partis ~par[ts].

Quanto à produtividade da palatalização de /t/ e /d/, nos quatro grupos étnicos, Bisol apresentou a seguinte escala descendente: Metropolitanos>Frenteiriços>Alemães>Italianos.

Segundo Bisol (1986, p. 170):

O contato do dialeto gaúcho com línguas que não possuem a palatalização das oclusivas ou que não seguem os cânones da língua portuguesa (espanhol, italiano, alemão) vem embargando o caminho da expansão da regra, reforçando-lhe a restrição peculiar nas comunidades monolíngües e acentuando-lhe o caráter de regra adquirido nas comunidades bilíngües.

Além disso, a autora pôde verificar que a hierarquia de uso entre a aplicação da regra de elevação vocálica (/e/→[i]) e a palatalização de /t/ e /d/, é distinta, conforme o dialeto. De um lado, na metrópole, a produtividade das africadas palato-alveolares é diretamente proporcional à elevação vocálica, enquanto que, na região de colonização alemã, a aplicação moderada da regra da elevação (de /e/) resulta em um processo moderado da palatalização das oclusivas dentais. Por outro lado, na zona de fronteira, a aplicação da regra de elevação vocálica é inversamente proporcional à palatalização de /t,d/, ao passo que, na região de colonização italiana, a elevação moderada de /e/ é seguida por uma menor produtividade das africadas palato-alveolares.

A pesquisadora concluiu que:

- a) há uma explicação fisiológica para a restrição da sibilante, pois os traços compartilhados entre as oclusivas dentais e as sibilantes preservavam as oclusivas da força assimilatória da vogal palatal;
- b) ocorre a aplicação da palatalização categoricamente em todos os contextos na metrópole, exceto no contexto da sibilante;

- c) explicam-se as diferenças dialetais pela maior ou menor aplicação da regra de palatalização, tendo em vista o avanço ou não da regra em aquisição.

2.2.1.2 O estudo de Bisol (1991)

Bisol (1991) investigou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i] em uma amostra do Rio Grande do Sul, constituída de 15 informantes da metrópole, da fronteira e pertencentes a colônias alemã e italiana. Os informantes tinham educação primária, à exceção aos da capital que eram universitários.

Com o controle das variáveis grupo étnico e idade, foi possível verificar a influência dos fatores extralingüísticos na aplicação da palatalização de /t/ e /d/.

Em relação à variável idade, os falantes mais jovens palatalizaram mais do que os mais velhos, à exceção aos metropolitanos (fala popular). Os resultados para a capital não são confirmados pela fala culta, que segue a tendência apontada.

A influência dos fatores lingüísticos em relação à palatalização das oclusivas dentais foi averiguada, através do controle das variáveis sílaba, acento, juntura e contextos precedente e seguinte.

Quanto à variável acento, nos grupos metropolitano e fronteiriço, a posição de sílaba tônica, como em *artigo*, favoreceu o processo de palatalização das oclusivas dentais, enquanto que, nas regiões de colonização alemã e italiana, as posições mais fracas, no caso de *parente*, foram as que mais influenciaram a aplicação da palatalização de /t/ e /d/.

Em relação ao grupo de fatores juntura, a borda direita, como em *pente*, foi o fator que mais exerceu influência na palatalização das oclusivas dentais, nas quatro regiões citadas.

No que se refere à variável contexto precedente, o fator vibrante, como em *arte*, foi o que mais motivou, na metrópole e no município de colonização italiana, a aplicação da palatalização de /t,d/, enquanto que, na zona fronteiriça e na região de colonização alemã, os

fatores vogal posterior, como em *botica*, e lateral, no caso de *ativo*, respectivamente, foram os condicionantes da palatalização das oclusivas dentais.

Em relação ao contexto seguinte, o fator lateral, como em *dilema*, foi o que mostrou-se mais expressivo à aplicação da palatalização de /t/ e /d/.

Bisol (1991) concluiu que a palatalização de /t/ e /d/ possui aplicação quase categórica na região metropolitana, sendo que, nas demais regiões, encontram-se em fase de expansão. Para a autora, o menor ou maior uso da regra estabelece diferenças dialetais na seguinte escala descendente: metropolitanos, fronteiriços, alemães e italianos.

2.2.1.3 O estudo de Sassi (1997)

Sassi (1997) investigou o processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i] na cidade de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul.

A pesquisadora constituiu os dados, a partir da amostra do BDS-Pampa (Banco de Dados Sociolinguístico da Campanha e da Fronteira Sul-Rio-Grandense), através da análise de 30 (trinta) entrevistas de informantes bilíngües, português-espanhol, oriundos do processo de “rede”, ou seja, as entrevistas foram realizadas com pessoas conhecidas do pesquisador, entre elas seus parentes, os quais indicaram outras pessoas para a constituição da amostra.

A influência das variáveis sociais em relação à palatalização de /t,d/ foi verificada, através dos grupos de fatores escolaridade e idade. A variável escolaridade estava formada por dois fatores, ensino fundamental e ensino médio. O grupo de fatores idade estava constituído de três faixas etárias, a saber, de 10 a 19 anos; de 20 a 50 anos e acima de cinquenta anos. Essas variáveis extralingüísticas, na rodada do Varb2000, foram selecionadas como relevantes estatisticamente.

Na variável social, a idade – o fator constituído de informantes jovens –, despontou como o que mais influenciou a palatalização de /t/ e /d/.

Quanto ao grupo de fatores escolaridade, o fator ensino fundamental foi o que mais exerceu influência na regra de palatalização das oclusivas dentais, ou seja, a palatalização de /t,d/ foi mais produtiva entre os falantes menos escolarizados.

O condicionamento dos grupos de fatores lingüísticos no que se refere à aplicação da palatalização das oclusivas dentais foi averiguado, por meio do controle dos contextos fonológicos, precedente e seguinte, sonoridade, tonicidade e estrutura da sílaba (quando existe após a vogal que segue a oclusiva /t/ [s] ou qualquer outra consoante a sílaba é considerada fechada). O programa computacional Varb2000 apenas selecionou as variáveis contexto seguinte e tonicidade como relevantes estatisticamente.

Na variável contexto seguinte, o fator fricativo, no caso de *tive*, foi o que mais condicionou o processo de palatalização de /t/ e /d/.

No que se refere ao grupo de fatores tonicidade, as sílabas pretônicas, como em *direito*, foram as que mais exerceram influência na aplicação da palatalização das oclusivas dentais.

A partir dos resultados, a pesquisadora pôde concluir que:

- a) a palatalização de /t/ e /d/ na cidade de Santa Vitória, Rio grande do Sul parece refletir uma mudança em progresso, mostrando que a variante prestigiada no Estado - a palatalização - foi mais freqüente na faixa de 10 a 19 anos, decrescendo entre os falantes de 50 anos;
- b) a palatalização das oclusivas dentais é mais freqüente entre os menos escolarizados;
- c) a fricativa em sílaba seguinte parece influenciar a aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/.

2.2.1.4 O estudo de Almeida (2000)

Almeida (2000) investigou a produtividade da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ seguidas de [i] e do glide [j] no município de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul.

O pesquisador obteve os dados da pesquisa, através do *corpus* do Projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul), por intermédio da análise de 24 (vinte e quatro) entrevistas de informantes bilíngües português-italiano.

Com o objetivo de averiguar o condicionamento de fatores extralingüísticos no que tange à aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/ foram controlados os grupos de fatores gênero, idade e escolaridade, os quais, posteriormente, foram selecionados pelo programa Varb2000 como significativos estatisticamente. As variáveis faixa etária e escolaridade estavam constituídas de dois fatores, respectivamente, informantes com idade inferior ou superior a cinquenta anos e ensino fundamental e médio.

Quanto à variável social gênero, o fator gênero feminino foi o que mais exerceu influência no processo de palatalização de /t/ e /d/. Esse pesquisador deixa margem à suposição de que o gênero feminino tende a levar a variante à frente quando essa é prestigiada.

Em relação ao grupo de fatores faixa etária, os resultados mostraram que a palatalização das oclusivas dentais foi mais freqüente entre os informantes jovens, considerados pelo autor inovadores.

No que tange à variável extralingüística escolaridade, o fator ensino médio mostrou-se favorecedor à palatalização de /t/ e /d/, isto é, a regra de palatalização das oclusivas dentais foi mais produtiva na fala dos informantes mais escolarizados.

A fim de verificar a influência das variáveis lingüísticas no processo de palatalização das oclusivas dentais, foram controlados os grupos de fatores tonicidade, contextos fonológicos, seguinte e precedente, sonoridade, tipo de vogal alta e contexto simultâneo à vogal condicionadora. O programa Varb2000 excluiu apenas a última variável lingüística.

Em relação à variável tonicidade, as sílabas em posição postônica final, no caso de *gente*, e pretônica inicial, como em *diretor*, foram os fatores que mais exerceram influência na produtividade da palatalização de /t/ e /d/.

No que se refere ao grupo de fatores contexto seguinte, os ambientes que mais motivaram a aplicação da palatalização das oclusivas dentais foram o fator lateral, como em *predileto*, e o fator labial, no caso de *tipo*.

Quanto à variável contexto precedente, o fator nasal, como em *antes*, foi o que mais motivou a regra de palatalização das oclusivas dentais.

No que tange à variável sonoridade, as consoantes desvozeadas, no caso de *destino*, foram as mais favorecedoras.

No que concerne ao grupo de fatores tipo de vogal alta, a vogal derivada, como em *sente*, foi o fator que mais exerceu influência no processo de palatalização das oclusivas dentais.

Sumariando os resultados da pesquisa sobre a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ na comunidade de Flores da Cunha, temos o seguinte:

- a) a regra variável da palatalização está em fase de aquisição na comunidade de Flores da Cunha;
- b) a aplicação de palatalização foi influenciada pelos seguintes fatores:
 - gênero feminino;
 - indivíduos com menos de 50 anos de idade;
 - indivíduos que completaram o ensino médio;
 - posição postônica final e pretônica inicial da sílaba;
 - presença das consoantes seguintes lateral e labial;
 - presença da consoante nasal.

2.2.1.5 O estudo de Pagotto (2001)

Pagotto (2001) investigou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i] em três regiões da cidade de Florianópolis, a saber, região urbana central, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão.

Em relação à variável dependente, três formas de realização foram encontradas:

a) oclusivas dentais ([t,d]); b) africadas alveolares ([ts,dz]); c) africadas palato-alveolares ([tʃ] e [dʒ]).

Os dados da pesquisa são provenientes de 63 (sessenta e três) entrevistas do banco de dados do Projeto Varsul-Varição Lingüística da Região Sul.

Os grupos de fatores idade, escolaridade, localidade e sexo serviram para que se verificasse o favorecimento dos fatores extralingüísticos na aplicação da palatalização de /t,d/. As três primeiras variáveis sociais foram selecionadas pelo Varb2000 como significativas estatisticamente. A variável faixa etária estava constituída de três fatores, a saber, faixa 1, de 15 a 23 anos; faixa 2, de 25 a 50 anos; faixa 3, acima de 50 anos, ao passo que a variável escolaridade compreendia quatro fatores, respectivamente, de 1^a- a 4^a- séries do ensino fundamental; de 5^a- a 8^a- séries do ensino fundamental; de 1^a- a 3^a- séries do ensino médio e curso universitário.

Quanto à variável faixa etária, o emprego das oclusivas dentais [t, d] aumentou à medida que a faixa etária subiu, enquanto que as africadas palato-alveolares [tʃ, dʒ] reduziram sua frequência nas faixas 2 e 3. Conforme o pesquisador, esse fato sustenta a idéia de que essas variantes são mais recentes no sistema, já que os falantes mais jovens foram os que palatalizaram mais.

No tocante ao grupo de fatores escolaridade, as formas oclusivas foram menos aplicadas na fala dos informantes universitários em favor das variantes africadas. As formas

africadas palato-alveolares foram mais produzidas pelos sujeitos com ensino médio ou curso universitário.

De acordo com a variável Grupo Geográfico, a Região Urbana mostrou-se mais favorável ao processo de palatalização de /t/ e /d/, seguido da Ribeirão da Ilha e do Sertão do Ribeirão.

Com a intenção de verificar a influência de fatores de ordem lingüística no que se refere à regra variável de palatalização de /t,d/, o pesquisador controlou os grupos de fatores sonoridade, contexto antecedente, natureza da vogal que segue à variável, contexto seguinte à vogal, posição da sílaba na palavra, posição da sílaba com relação ao acento da palavra, acento de frase sobre a sílaba em que se encontra a variável, posição morfológica da variável e classes de palavras, entre os quais revisamos apenas os cinco primeiros grupos de fatores.

No que tange à variável sonoridade, as formas desvozeadas, no caso de *tia*, apresentaram maior africacão que as sonoras.

Em relação ao condicionamento da variável contexto precedente, as consoantes fricativas palatal, como em *castigo*, e fricativa alveolar, no caso de *existe*, foram os fatores que mais motivaram a aplicação das variantes, respectivamente, africada palato-alveolar e africada alveolar.

No que se refere ao grupo de fatores natureza da vogal, os fatores queda da vogal em outros contextos, como em *diferenti*, ditongação, no caso de *djuma*, e vogal palatal /i/, como em *diferente*, foram os fatores que mais influenciaram a aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/.

Quanto à variável contexto seguinte à vogal [i], o fator fricativas labiodentais, no caso de *difícil*, seguido pelas vogais [õ, ã], como em *acordeon* e de *um lado*, foram os fatores mais favoráveis ao processo de palatalização das oclusivas dentais.

Em relação à variável acento de frase sobre a sílaba em que se encontra a variável, a posição da variável em sílaba intermediária de um dátilo exerceu mais influência na produção da africacão, no caso de *ortopédico*.

Sumariando os resultados, temos o seguinte:

- a) as variantes oclusivas são empregadas, com mais frequência, que as africadas;
- b) na região urbana, os mais jovens e os mais escolarizados aplicam mais as africadas palatos-alveolares;
- c) os fatores lingüísticos [-voz], fricativa palatal no contexto precedente, queda da vogal, ditongação e vogal palatal, no grupo de fatores natureza da vogal, fricativas labiodentais e vogais posteriores nasalizadas no contexto seguinte condicionam de forma expressiva o uso das formas africadas palatos-alveolares.

2.2.1.6 O estudo de Kamianecy (2002)

Kamianecy (2002) pesquisou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i] em duas capitais da região Sul, Porto Alegre e Florianópolis.

A pesquisadora constituiu os dados, com base no *corpus* do projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul), analisando 16 (dezesesseis) entrevistas de informantes das duas capitais citadas.

A influência de fatores sociais em relação à palatalização das oclusivas dentais foi averiguada, através das variáveis grupo geográfico, sexo, idade e escolaridade que, posteriormente, foram selecionadas pelo programa Varb2000 como expressivas do ponto de vista estatístico. As variáveis extralingüísticas estavam formadas, respectivamente, pelos fatores Porto Alegre e Florianópolis; informantes com idade inferior ou superior a cinquenta anos e ensino fundamental e ensino médio.

No que se refere à variável grupo geográfico, o fator Porto Alegre foi altamente favorável à palatalização das oclusivas dentais, uma vez que a aplicação da regra de palatalização de /t,d/ foi categórica, ao passo que no grupo geográfico da capital Florianópolis a aplicação de tal regra foi baixa.

Em relação à faixa etária, em Porto Alegre, a palatalização de /t,d/ foi praticamente categórica em todas as faixas etárias, enquanto que, em Florianópolis, o fator constituído de informantes mais jovens foi o mais favorável à palatalização das oclusivas dentais.

Quanto à variável sexo, em Porto Alegre, tanto falantes do sexo masculino quanto informantes do sexo feminino apresentaram elevados índices de africadas palato-alveolares, ao passo que em Florianópolis a palatalização das oclusivas dentais foi mais recorrente na fala de informantes do sexo feminino.

O controle das variáveis nasalidade, sonoridade, contextos fonológicos, seguinte e precedente, tonicidade e tipo de vogal alta serviu para que se averiguasse o condicionamento dos fatores lingüísticos no que tange ao processo de palatalização de /t,d/. O programa Varb2000 descartou os três primeiros grupos de fatores.

No que tange ao grupo de fatores tipo de vogal alta, a vogal não-derivada, como no caso de *dia*, foi o fator que mais influenciou a palatalização das oclusivas dentais.

Em relação à variável lingüística tonicidade, as sílabas de posição postônica não-final, como em *médico*, e final, no caso de *gente*, respectivamente, foram os fatores que mais exerceram influência na regra de palatalização de /t/ e /d/, ao passo que a posição tônica, no caso de *cantina*, apresentou um comportamento neutro.

No que se refere ao grupo de fatores contexto precedente, o fator vibrante, como em *cordial*, foi o que mais motivou a palatalização das oclusivas dentais seguido pelo fator vogal nasal, no caso de *viajante*.

Tendo em vista os resultados obtidos, Kamianecy concluiu que:

- a) as mulheres são as mais sensíveis às formas palatalizadas do que os homens;
- b) as pessoas mais jovens aplicam mais a regra do que os mais velhos;
- c) a variável tipo de vogal alta apresenta o fator não-derivado como favorecedor à regra;
- d) a palatalização das oclusivas dentais se dá em maior número em sílabas átonas;

- e) o fator lateral, no contexto precedente, favorece a aplicação da regra;
- f) a palatalização das oclusivas dentais ocorre como regra geral, na comunidade de Porto Alegre, enquanto que, em Florianópolis, a aplicação da regra é muito reduzida.

2.2.1.7 O estudo de Bopp (2002)

Bopp (2002) investigou a palatalização das oclusivas dentais diante da vogal alta anterior não arredondada [i], na comunidade bilíngüe português-alemão de Panambi, Rio Grande do Sul. Este trabalho é resultado de um estudo monográfico de conclusão de graduação.

A pesquisadora constituiu os dados, a partir da amostra do projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana da Região Sul), através da audição e análise de 04 (quatro) entrevistas de informantes do município de Panambi, Rio Grande do Sul.

O condicionamento de fatores sociais no processo de palatalização de /t,d/ foi averiguado, através da única variável social controlada, idade, que foi selecionada pelo programa Varb2000 como significativa estatisticamente. Esse grupo de fatores estava constituído de dois fatores – sujeitos com idade inferior ou acima de cinquenta anos.

Em relação à variável idade, o resultado estatístico indicou que a produtividade da palatalização das oclusivas dentais foi mais freqüente entre os falantes jovens.

As variáveis contextos seguinte e precedente, contexto simultâneo à vogal condicionadora, tipo de vogal, sonoridade e tonicidade foram controladas, a fim de que se examinasse a influência de fatores lingüísticos em relação à aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais. Os quatro primeiros grupos de fatores lingüísticos foram descartados pelo programa Varb2000 sendo expressivos, do ponto de vista estatístico, apenas tonicidade e sonoridade.

No que se refere ao grupo de fatores tonicidade, as sílabas tônica, como no caso de *dívida*, e pretônica não-inicial, como em *atividade*, foram os fatores condicionadores da palatalização das oclusivas dentais, seguidos pelas sílabas postônica não-final, no caso de *legítimo*, e pretônica inicial, como em *dinheiro*.

Em relação à variável lingüística sonoridade, as oclusivas dentais desvozeadas, como no caso de *típico*, exerceram maior influência na aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/.

Para Bopp (2002), a palatalização foi influenciada pelos seguintes fatores:

- a) os indivíduos mais jovens, com menos de 50 anos de idade;
- b) as posições pretônicas e tônicas na palavra;
- c) a presença do traço [-voz] na consoante.

2.2.1.8 O estudo de Pires (2003)

Pires (2003) investigou a regra variável de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ seguidas de [i] na comunidade de São Borja, Rio Grande do Sul.

A pesquisadora obteve seus dados através da análise de 24 (vinte e quatro) entrevistas de informantes do *corpus* do projeto Varsul (Variação Lingüística Urbana na Região Sul).

A influência dos grupos de fatores extralingüísticos em relação à palatalização das oclusivas dentais foi verificada, por intermédio das variáveis sexo, idade e escolaridade, as quais, na rodada do Varb2000, foram selecionadas como significativas estatisticamente. As variáveis idade e escolaridade estavam formadas por dois fatores, respectivamente, informantes com idade inferior ou superior a cinquenta anos e ensino fundamental e médio.

Em relação ao grupo de fatores sexo, o fator mulheres foi o que exerceu mais influência no processo de palatalização de /t,d/, já que foram as falantes que mais produziram as africadas palato-alveolares.

Quanto à variável escolaridade, o fator ensino médio, ou seja, aquele constituído de informantes mais escolarizados mostrou-se o mais favorecedor à regra de palatalização das oclusivas dentais. Para a pesquisadora, parece que a escola exerce influência em relação ao uso das formas de prestígio, sendo as variantes africadas palato-alveolares empregadas pelos mais escolarizados.

As variáveis contextos seguinte e precedente, nasalidade da vogal alta, sonoridade, tonicidade e tipo de vogal alta foram controladas para que se verificasse o papel exercido pelos fatores lingüísticos na aplicação da palatalização de /t,d/. Na rodada do Varb2000, foram selecionadas pelo programa tipo de vogal alta, contexto seguinte e sonoridade.

No que tange à variável tipo de vogal alta, o fator vogal não-derivada, como em *típo*, apresentou-se como o mais favorável à produtividade da palatalização de /t/ e /d/.

Em relação ao grupo de fatores contexto fonológico seguinte, os fatores lateral, no caso de *predileto*, e velar, como em *antigo*, foram os que mais exerceram influência na palatalização das oclusivas dentais.

No que se refere à variável sonoridade da oclusiva, foi o fator desvozeada o que mais influenciou a regra de palatalização de /t,d/, como no caso de *realmente*.

A partir da pesquisa sobre a variação das oclusivas dentais em São Borja, Pires pôde concluir que:

- a) os informantes que mais palatalizam pertencem ao sexo feminino e são os mais jovens;
- b) a vogal seguinte não derivada, o contexto seguinte lateral e velar e as oclusivas surdas são os contextos mais favoráveis à aplicação da regra.

2.2.2 Região Sudeste

2.2.2.1 O estudo de Carvalho (2002)

Carvalho (2002) pesquisou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior [i], em 13 (treze) comunidades pesqueiras da região Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro.

A constituição do *corpus* realizou-se através da seleção de 76 (setenta e seis) entrevistas do Arquivo Sonoro do Projeto APERJ (Atlas Etnolingüístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro).

O controle dos grupos de fatores área geográfica e faixa etária serviu para que se examinasse a influência dos fatores extralingüísticos na aplicação da palatalização de /t,d/. Ambos os grupos de fatores sociais foram selecionados pelo programa Varb2000 como expressivos do ponto de vista estatístico. As variáveis faixa etária e área geográfica estavam constituídas, respectivamente dos fatores que seguem: faixa 1, de 18 a 35 anos; faixa 2, de 36 a 55 anos e faixa 3, acima de 56 anos e interior [+rural], interior [-rural], litoral [+rural] e litoral [-rural].

Quanto à variável faixa etária, a faixa 1, aquela formada por informantes mais jovens, foi o fator que mais influenciou o processo de palatalização de /t/ e /d/.

Em relação à variável área geográfica, o fator interior [+rural], ou seja, referente à área situada mais no interior, foi o que motivou a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais.

O papel dos grupos de fatores lingüísticos no que se refere à aplicação da palatalização de /t/ e /d/ foi averiguado, através das variáveis sonoridade, contexto precedente, segmento subsequente (subjacência / não subjacência), extensão do vocábulo, natureza da sílaba, intensidade / posição da sílaba, natureza do segmento subsequente quanto

à nasalidade e classe do vocábulo. Os seis primeiros grupos de fatores foram selecionados pelo Varb2000 como significativos estatisticamente.

Em relação à variável sonoridade, o fator [-voz], como em *tipo*, foi o mais favorável à palatalização das oclusivas dentais.

No que se refere ao grupo de fatores extensão do vocábulo, o fator de até duas sílabas, ou seja, com menor matéria fônica, no caso de *gente*, foi o fator que mais motivou a regra de palatalização de /t,d/.

No que tange à variável segmento subsequente, o segmento /i/, como em *dinheiro*, foi o fator que mais influenciou a palatalização das oclusivas dentais.

Quanto à variável contexto precedente, foram os fatores [ʃ], no caso de *plástico*, [ʎ], como em *sardinha*, [x], no caso de *norte*, e vogal [+alto], como em *miudinha*, que mais motivaram a aplicação da palatalização de /t/ e /d/.

Em relação ao grupo de fatores natureza da sílaba,² o fator sílaba aberta, como em *gente*, apresentou um comportamento praticamente neutro em relação à regra de palatalização de /t,d/, e o fator sílaba fechada, no caso de *diz*, foi a que menos influenciou a palatalização de /t/ e /d/.

No que se refere à última variável lingüística, tonicidade e posição na sílaba e no vocábulo, a regra de palatalização de /t,d/ foi mais freqüente em sílabas tônicas mediais. Os fatores tônica medial, como em *ventinho*, final, no caso de *martins*, e inicial, como em *tipo*, apresentaram índices mais elevados de aplicação das africadas palato-alveolares.

Carvalho (2000) pôde concluir que:

- a) há uma maior aplicação da regra entre os falantes mais jovens e residentes na zona [+rural];

² Foram denominadas abertas as sílabas mais simples CV e sílabas fechadas aquelas que continham nasalidade de ordem fonológica.

- b) o traço [+alto], em contexto antecedente, seguido dos fatores [-voz], segmento subjacente /i/, vocábulos até duas sílabas, sílabas abertas e sílabas tônicas médias são os fatores lingüísticos mais favoráveis ao processo de palatalização.

2.2.3 Região Nordeste

2.2.3.1 O estudo de Hora (1990)

Hora (1990) investigou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i], no dialeto de Alagoinhas (BA).

O pesquisador constituiu os dados da amostra de onde provém o *corpus*, analisando 70 (setenta) entrevistas cujos informantes foram selecionados por meio de amostra aleatória simples.

Com o controle do grupo de fatores classe social, estilo, faixa etária e sexo, foi possível verificar o condicionamento dos fatores extralingüísticos no processo de palatalização de /t,d/. O programa computacional Varb2000 selecionou todos os grupos de fatores sociais controlados como relevantes estatisticamente. As variáveis sociais estavam constituídas, respectivamente, dos fatores que seguem: classe alta (A), classe média (M) e classe baixa (B); leitura de frases, lista de palavras, questões abertas e inquérito fonético; 15 a 25, 26 a 36, 37 a 47, mais de 48 anos.

Em relação à variável classe social, os fatores classes alta e média foram os mais favoráveis à aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/. Conforme o autor, a variante palatalizada dispõe de prestígio na região da pesquisa.

No grupo de fatores estilo, os resultados estatísticos indicaram os fatores leitura de frases e lista de palavras como os mais condicionantes à produtividade da palatalização das oclusivas dentais.

Quanto à variável faixa etária, os índices mostraram que a aplicação da regra de palatalização de /t,d/ foi maior entre os sujeitos de 37 a 47.

No que se refere ao grupo de fatores sexo, os fatores feminino e masculino não se mostraram expressivos, no que tange à palatalização das oclusivas dentais, visto que os resultados numéricos obtidos atingiram praticamente o ponto neutro.

As variáveis contextos seguintes e precedentes, tonicidade, contexto fonológico simultâneo à vogal, posição e sonoridade serviram para que se averiguasse o condicionamento dos fatores lingüísticos na aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/. Na rodada do Varb2000, todos os grupos de fatores lingüísticos controlados foram selecionados pelo programa como relevantes do ponto de vista estatístico.

No que tange à variável contexto seguinte, o fator contexto de vogal alta, no caso de *indiu*, o contexto de outras vogais, como em *desobediente*, e contexto de vogal baixa, no caso de *tia*, mostraram-se condicionadores à aplicação da regra de palatalização de /t,d/.

Em relação à segunda variável lingüística selecionada, contexto fonológico precedente, o contexto nasal, como em *onde*, seguido pelo contexto de vogal média, no caso de *rede*, foram os ambientes mais favoráveis à palatalização de /t,d/.

Quanto ao grupo de fatores tonicidade, o clítico, no caso de *te* vi, e a pretônica inicial, como em *tijela*, foram os fatores que mais condicionaram a palatalização de /t/ e /d/.

Em relação à variável contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora os resultados indicaram a vogal nasal, no caso de *time*, como o fator mais favorável à palatalização das oclusivas dentais.

Na variável posição, o fator início de palavra em início de frase, no caso de *disseram que...*], foi o fator que mais favoreceu à regra de palatalização de /t,d/.

A última variável lingüística selecionada como relevante estatisticamente indicou o fator surda, como em *tia*, como o mais favorável ao processo de palatalização das oclusivas dentais..

Com base nos resultados obtidos, Hora concluiu que:

- a) a regra de palatalização ocorre mais frequentemente entre os falantes das classes sociais alta e média, nos estilos formais e entre os falantes mais jovens. Embora a variável sexo tenha apresentado resultados próximos da neutralidade, o autor concluiu que as mulheres palatalizam mais do que os homens;
- b) se as frequências altas de realizações tivessem presentes nos falantes mais jovens (15 a 25 anos) ter-se-ia uma mudança em progresso. Contudo, os valores estatísticos indicam o ponto neutro nos mais jovens (0,53). Para Hora, a neutralidade dos mais jovens é indício de que a despalatalização ameaça a estabilidade da variante de prestígio;
- c) a forma estigmatizada (despalatalizada) ocorre com maior frequência na classe baixa e menor frequência na classe alta. A variante de prestígio (palatalizada) obteve índices de frequência maior na classe alta que na baixa;
- d) na variável Contexto Seguinte, o fator contexto de vogal alta e o contexto de outras vogais são os que exercem influência na aplicação da regra de palatalização de /t,d/;
- e) no grupo de fatores Contexto Precedente, o contexto nasal e o contexto de vogal média são os ambientes favoráveis à palatalização das oclusivas dentais;
- f) na variável Tonicidade, o clítico e a pretônica inicial são os fatores que motivam o processo de palatalização de /t/ e /d/;
- g) no grupo de fatores contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora, o fator vogal nasal é o que condiciona tal processo;
- h) na variável Posição, o fator início de palavra em início de frase é o que favorece à regra de palatalização das oclusivas dentais;
- i) no grupo de fatores Sonoridade, o fator surda é o que exerce influência na aplicação da palatalização.

2.2.3.2 O estudo de Hora (1995)

Hora (1995) pesquisou a regra variável da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal palatal /i/ na comunidade de João Pessoa, Paraíba. Neste trabalho, o pesquisador apenas analisou as variáveis extralingüísticas.

O pesquisador constituiu os dados, a partir da amostra do projeto Variação Lingüística no Estado da Paraíba (VALPB), através da análise de 18077 ocorrências, das quais somente 1332 representaram casos de africadas palato-alveolares.

O favorecimento das variáveis extralingüísticas no que se refere à aplicação da palatalização das oclusivas dentais foi examinado, a partir dos grupos de fatores sexo, nível de escolaridade e faixa etária que, posteriormente, foram selecionados pelo programa Varbr2000 como estatisticamente relevantes. A variável escolaridade estava constituída de três fatores, a saber, até 4 anos; de 5 a 8 anos; mais de 8 anos.

Em relação à variável sexo, o fator sexo masculino apresentou maior índice de aplicação de palatalização de /t,d/ .

Quanto à variável anos de escolarização, os resultados indicaram que os falantes com menos anos de escolarização aplicaram menos a regra palatalização de /t/ e /d/ do que os informantes de escolarização intermediária e os mais escolarizados.

No que se refere à variável faixa etária, o pesquisador amalgamou os fatores, o que resultou em duas faixas etárias: a) 15-25 e b) 26-49. De acordo com os índices obtidos, os falantes pertencentes à faixa etária mais elevada foram aqueles que produziram mais a palatalização das oclusivas dentais.

Sumariando os resultados, temos o seguinte:

- a) o comportamento das oclusivas dentais está estreitamente relacionado às variáveis sociais controladas;

- b) os informantes do sexo masculino levam as variantes africadas palato-alveolares à frente:
- c) os informantes de escolaridade intermediária palatalizam mais;
- d) os falantes pertencentes à faixa etária mais elevada aplicam mais as variantes africadas palato-alveolares.

2.2.3.3 O estudo de Santos (1996)

Santos (1996) investigou o processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de todas as vogais na comunidade de Maceió, Alagoas.

A pesquisadora realizou a coleta de seus dados através de 20 (vinte) entrevistas de experiência pessoal, com informantes do sexo feminino, faxineiras e professoras de uma escola particular de Maceió. Todas as informantes trabalhavam na escola da pesquisa, onde atuavam como professoras ou faxineiras.

Santos considerou apenas 1.601 ocorrências da variável /t/, das quais 531 eram formas palatalizadas (aseitʃ) e 1.070 eram formas não-palatalizadas (aseitu).

A fim de averiguar o condicionamento dos fatores extralingüísticos em relação à palatalização das oclusivas dentais, controlou-se a variável escolaridade, a qual estava constituída de dois fatores – mais escolarizadas (professoras) e menos escolarizadas (faxineiras).

A variável social escolaridade não se mostrou um diferenciador social na fala de Maceió, visto que a diferença de aplicação da palatalização entre professora e faxineira foi pouco significativa.

A influência de fatores lingüísticos na aplicação do processo de palatalização de /t,d/ foi averiguada, através das variáveis contextos seguinte e precedente e tonicidade, as quais foram selecionadas pelo programa Varb2000 como relevantes estatisticamente.

Na variável contexto precedente, a aplicação da palatalização das oclusivas dentais foi maior, quando a oclusiva /t/ estava antecedida do glide palatal [j], como em *feito*, *noite* e *oito*. Nesse grupo de fatores, outro ambiente que mostrou-se favorável ao processo de palatalização de /t/ e /d/ foi a vogal [i], no caso de *sítio*.

Quanto à variável lingüística contexto seguinte, o fator vogal [i], como em *noiti*, foi o mais favorável à aplicação da palatalização de /t,d/.

Na variável tonicidade, o fator sílaba postônica final, no caso de *noite* foi o que mais condicionou a produtividade da palatalização das oclusivas dentais.

A pesquisadora, após a análise dos dados, conclui que:

- a) a aplicação da palatalização é maior quando a oclusiva [t] é precedida de [j] e seguida pela vogal [i] em sílaba postônica final;
- b) a aplicação da oclusiva dental [d] é categórica em todos os contextos;
- c) o fator escolaridade é pouco relevante na aplicação da regra.

2.2.3.4 O estudo de Mota e Rollemberg (1997)

Mota e Rollemberg (1997) investigaram a ocorrência das variantes africadas palato-alveolares [tʃ, dʒ], precedidas da semivogal palatal [j], os decursos -it e -id, em Salvador, Bahia. Foram documentadas com freqüência palavras como *oito* [ˈo.tʃo] e *doido* [ˈdo.dʒo], nas quais se observa o desaparecimento do segmento condicionador.

As pesquisadoras obtiveram os dados da pesquisa através do *corpus* do Projeto NURC/Salvador (Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta em Salvador) de 32 inquéritos, dos quais 16 (dezesseis) eram de elocuições em situações formais, tais como aulas ou conferências (EF), e 16 (dezesseis) eram diálogos entre o informante e o documentador (DID's).

A partir da análise dos dados, foram obtidas apenas vinte e quatro realizações da africada palato-alveolar [tʃ], no ambiente de [j] em sílaba precedente às oclusivas dentais, das quais 20 (vinte) eram da forma *muito* e flexões. As outras formas eram: *oito*, *jeito* com apenas uma ocorrência, e *sujeito*, com duas ocorrências.

Os informantes estavam distribuídos em quatro faixas etárias: faixa 1, de 25 a 35 anos; faixa 2, de 36 a 45 anos; faixa 3, de 46 a 55 anos e faixa 4, acima de 55 anos. Eram universitários, soteropolitanos, de ambos os sexos. A variante [tʃ] ocorreu com mais frequência na fala dos informantes da faixa 3 (de 46 a 55 anos) e da faixa 4 (acima de 55 anos).

Em relação à variável situação do discurso, as pesquisadoras constataram que havia interferência do grau de formalidade na aplicação da variante africada, uma vez que a africada palatal ocorreu em discursos emitidos com maior grau de espontaneidade, tanto nos DIDs quanto nos EFs.

Na relação entre faixa etária e categoria de texto, os informantes da faixa 4 (acima de 55 anos) apresentaram maior aplicação da variante africada em DIDs.

Quanto à variável sexo, dos 32 (trinta e dois) informantes apenas 9 (nove) aplicaram a variante africada no decurso-*yt*, entre os quais 5 (cinco) eram mulheres e 4 (quatro), homens.

No cruzamento categoria de discurso e sexo do informante, os resultados indicaram uma maior aplicação de [tʃ] na categoria de texto DIDs em informantes do sexo feminino.

Do cruzamento faixa etária e sexo, os resultados indicaram que a africada palato-alveolar era mais frequente na fala de informantes do sexo feminino pertencentes à última faixa etária.

Mota e Rollemberg concluíram, com base na análise dos resultados, que:

- a) as variantes africadas são aplicadas na área urbana apenas em um número reduzido de formas, como em *muito*, *oito*, *sujeito*, ao passo que, na área rural, a

produtividade do processo é bastante elevada em palavras que apresentam o contexto favorecedor, mesmo em seqüências fônicas que envolvem mais de um vocábulo, no caso de *tem tudo*;

- b) a baixa aplicação de [tʃ] e a ausência de [dʒ], nos dados do NURC/Salvador, servem como indícios para apontar a tendência do desaparecimento desta variante em Salvador;
- c) a aplicação de [tʃ] é mais produtiva na fala dos informantes da faixa 3 (de 46 a 55 anos) e da faixa 4 (acima de 55 anos);
- d) as variantes africadas baianas não gozam de prestígio social, sendo variantes estigmatizadas.

2.2.3.5 O estudo de Mota (1995)

Mota (1995) investigou a palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ antecedidas de glide palatal [j], em sílaba precedente, e seguidas de vogal alta [i], na mesma sílaba, como nos casos de dói[dʒu] e [tʃi]ru, respectivamente, em comunidades rurais e urbanas.

A pesquisadora constituiu os dados, para duas amostras distintas, zonas rural e urbana, a partir do *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, o *Atlas Lingüístico de Sergipe (ALS)* e o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* e do *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta (NURC / Salvador)*.

A primeira amostra, zona rural, foi constituída a partir dos três primeiros Atlas citados, os quais abrangeram os Estados da Bahia e Sergipe e parte dos Estados de Goiás e Minas Gerais. Os informantes deste *corpus* eram de ambos os sexos, iletrados ou semi-iletrados, de cidades do interior da Bahia, de Sergipe e de Minas Gerais, com idades compreendidas entre 25 e 84 anos, no APFB, e de 30 a 65 anos, nos outros dois Atlas.

A segunda amostra, zona urbana, foi extraída de dezesseis inquéritos da modalidade Diálogo entre Informante e Documentador (DID) do Projeto (NURC/Salvador). Os

informantes desta amostra eram 16 (dezesseis) universitários, 8 (oito) homens e 8 (oito) mulheres, naturais de Salvador, Bahia, filhos de pais também oriundos de Salvador, pertencentes às seguintes faixas etárias: a) 25 a 35 anos; b) 36 a 45 anos; c) 46 a 55 anos e d) mais de 56 anos.

Os informantes do Projeto NURC empregaram com pouca frequência as variantes palatais, no contexto *vogal + semivogal final de sílaba*, como no caso de [‘muj.tʃu]. Das 633 ocorrências, apenas 15 (quinze) foram da africada palatal surda, 14 (quatorze) vezes na forma *muíto* (e flexões) e 01 (uma) na forma *oito*. Essa variante africada, nesse contexto, ocorreu em situações de descontração, na fala de quatro informantes (três do sexo feminino e um do sexo masculino), pertencentes a quarta faixa etária. Não houve registro de africada vozeada.

Quanto à variável tipo de vogal alta, a variante africada [tʃ] no mesmo contexto e no ambiente *vogal + semivogal final de sílaba*, foi mais produtiva em informantes de baixa escolaridade, ao passo que, em falantes mais escolarizados, da zona urbana, essa variante foi pouco recorrente, salvo em algumas palavras como em *muíto, doído e oito*.

Na fala dos informantes mais escolarizados da área urbana, foi categórica a ocorrência de variantes oclusivas palatais antes de vogal palatal alta seguinte [i]. Não houve registro das oclusivas dentais nesse contexto.

Sumariando as conclusões:

- a) quando o contexto condicionador é a semivogal da sílaba imediatamente precedente, as realizações palatais apresentam-se como variantes estráticas, estigmatizadas, características de falares rurais, pouco alfabetizados;
- b) quando as realizações palatais foram condicionadas pela vogal alta seguinte [i], as variantes perdem sua marca estrática e caracterizam a norma padrão baiana, podendo ser encontrada em área rural, com menos frequência, ao lado da realização oclusiva dental.

2.2.4 Região Sul, Sudeste e Nordeste

2.2.4.1 O estudo de Abaurre e Pagotto (2002)

Abaurre e Pagotto (2002) investigaram a regra variável de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante de [i], de [i] em casos de junção de palavra e em ambiente em que a vogal [i] (epentética ou etimológica) era esperada, mas não ocorria, como, respectivamente, nos casos de [ã.tʃi.ga.'mẽ. tʃi], *cento e um* [sem.'tʃi'u] e *medicina* [me.'dsi.na], em cinco capitais brasileiras, a saber, Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Os pesquisadores obtiveram os dados através de 30 (trinta) inquéritos, parte do banco de dados do NURC (Norma Urbana Culta), de dez minutos, que foram realizados nas capitais citadas.

A influência das variáveis extralingüísticas no processo de palatalização de /t/ e /d/, nas capitais supracitadas, foi verificada, através dos grupos de fatores faixa etária, tipo de inquérito, grupo geográfico e sexo. Os três primeiros grupos de fatores foram selecionados pelo programa Varb2000 como estatisticamente relevantes. O grupo de fatores idade estava constituído de três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 55 anos; 56 anos em diante, ao passo que a variável estilo estava formada por três fatores, a saber, DIDs (diálogo com um único informante) e D2s (diálogo com dois informantes) e EF (elocuições formais).

Na variável grupo geográfico, o fator Salvador obteve aplicação elevada, assim como no fator Rio de Janeiro cuja aplicação foi categórica. Já os fatores Porto Alegre e Recife foram os menos favoráveis à palatalização das oclusivas dentais. Em contrapartida, o grupo geográfico São Paulo foi próximo ao ponto neutro.

De acordo com a variável faixa etária, a aplicação da palatalização de /t/ e /d/ foi menor nos informantes da primeira faixa etária, a mais jovem, do que na faixa dos informantes de idade intermediária.

Do cruzamento entre as variáveis grupos geográficos e faixas etárias tem-se que a aplicação da palatalização de /t,d/, na cidade do Rio de Janeiro, foi praticamente categórica em todas as faixas etárias, enquanto que, na cidade de Recife, o processo de palatalização de /t/ e /d/ foi mais freqüente na fala dos informantes da faixa três, dos mais velhos, e menor na faixa intermediária. Porém, nas cidades de Porto Alegre e São Paulo, não foi possível obter conclusões mais seguras a respeito da aplicação do fenômeno, pelo fato de que cada faixa etária ter sido representada por apenas um informante, o que revelou um resultado individual.

Na terceira variável selecionada, tipo de inquérito, os dois últimos fatores, D2s (diálogo com dois informantes) e EF (elocuições formais) obtiveram aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais próximo ao ponto de referência. Porém, nos grupos geográficos de São Paulo, Recife e Porto Alegre, o fator D2s foi o maior condicionador dessa variável, ao passo que, o fator D1s (diálogo com um único informante) foi o que menos condicionou tal processo.

A verificação do favorecimento dos grupos de fatores lingüísticos na aplicação da palatalização de /t,d/ foi realizada, por meio do controle das variáveis sonoridade, contexto precedente, contexto seguinte, natureza do contexto seguinte à vogal [i], posição da sílaba na palavra, posição da sílaba com relação à tônica, sílaba portadora de acento de frase, posição morfológica, classe de palavra. Consideramos, nessa revisão, apenas as quatro primeiras variáveis, em função de os demais grupos de fatores ora terem sido selecionados como significativos estatisticamente pelo Varb 2000, ora não.

Quanto à variável sonoridade, no caso de *tipo*, nas cidades de Recife, Salvador, São Paulo e Porto Alegre, a variante desvozeada apresentou o maior índice de aplicação da palatalização de /t,d/. A cidade de Recife apresentou o maior peso relativo, enquanto que, Salvador, São Paulo e Porto Alegre obtiveram índices praticamente idênticos.

Para a análise da variável contexto antecedente, houve a realização de três rodadas distintas. Na primeira rodada, esse grupo de fatores estava apenas constituído de segmentos nasais e não-nasais, os quais não foram selecionados. Para a segunda rodada, os fatores foram organizados a partir do lugar de articulação e do modo de articulação. Nessa rodada, a variável foi selecionada e os valores estatísticos indicaram os fatores [j], como em *moléstia*,

e [j], no caso de *direitinho*, como os maiores condicionadores do processo de palatalização de /t,d/. O fator fricativa alveolar [s], como em *existi*, mostrou-se o menos favorável à regra de palatalização das oclusivas dentais.

Segundo os autores, não foi possível falar de favorecimento de [j], visto que não se definiu se a realização palato-alveolar de [s] condiciona a aplicação das africadas palato-alveolares ou vice-versa. Segundo os pesquisadores, o que poderia estar ocorrendo era uma sobreposição de fatores, uma vez que a variável foi controlada geograficamente, portanto, a solução encontrada foi cruzar essa variável com grupo geográfico.

O cruzamento entre grupo geográfico e contexto antecedente, em São Paulo e Porto Alegre, não foi selecionado como relevante estatisticamente. Em contrapartida, tanto em Recife quanto em Salvador as vogais posteriores mostraram valores favoráveis à palatalização das oclusivas dentais.

Esse condicionamento tem uma explicação articulatória, conforme Abaurre e Pagotto (2002), já que as vogais posteriores tendem a antecipar o gesto de recuo da língua em direção ao palato duro, o que caracteriza as africadas palato-alveolares.

Em relação à variável contexto seguinte, os resultados indicaram que a vogal fonológica /i/, como em *tipo*, e a vogal [i], no caso de *podí*, derivada do alçamento da vogal /e/ não influenciaram da mesma maneira o processo de palatalização das oclusivas dentais nas cinco capitais. Em Recife e em Porto Alegre, foi a vogal fonológica /i/ a que mais condicionou a produtividade da palatalização das oclusivas dentais. Já na cidade de Salvador, tanto a vogal fonológica /i/ quanto a vogal derivada [i] condicionaram a variante africada palato alveolar. Portanto, de um lado, não houve, em Salvador, distinção no que se refere à palatalização de /t/ e /d/ em função da natureza da vogal. Por outro lado, em São Paulo, a vogal derivada [i] foi o fator condicionante da palatalização de /t,d/.

Com relação à variável contexto seguinte, notamos ainda que os fatores glide [j] de ditongos crescentes, como em *de um jeito*, vogal nasalizada [ĩ], no caso de *tinha*, e vogal epentética [i], como em *advogado*, apresentaram comportamento ora convergente ora divergente, no que tange à aplicação da regra. O glide [j] exerceu um papel condicionador nas

cinco capitais, enquanto que a vogal [ĩ] apresentou um comportamento idiossincrático nas cinco cidades: em Recife, não houve nenhum caso de palatalização de /t/ e /d/ com esse contexto, em Salvador houve aplicação categórica; em São Paulo o índice foi elevado e em Porto Alegre pouco favorável.

Quanto à variável contexto seguinte natureza da vogal [i], os valores estatísticos apresentaram índices mais altos de aplicação das formas palato-alveolares quando o segmento seguinte era a fricativa palato-alveolar [j], ou [ʒ], na coda de sílaba (restaurantes) ou no onset de sílaba seguinte (gente **já**). Nessa mesma variável, o fator fricativa alveolar [s], em posição de coda (fortes), foi o menos favorável.

Abaurre e Pagotto concluíram que:

- a) os dados do Rio de Janeiro se mostraram categóricos quanto à aplicação da palatalização de /t/ e /d/, ao passo que os do Recife apresentaram forte resistência. Os de São Paulo e Salvador apresentaram resultados próximos, enquanto que os de Porto Alegre apresentaram percentual um dos mais baixos de aplicação;
- b) os informantes, em algumas regiões, apresentaram comportamento idiossincrático entre si, principalmente em Porto Alegre;
- c) a sonoridade exerce influência na aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/;
- d) a consoante fricativa [s] aciona a regra de elisão de /e/ e inibe a palatalização das oclusivas dentais;
- e) o glide [y], em que transforma a vogal que segue a oclusiva dental em processo de ressilabificação, motiva mais fortemente a aplicação da palatalização de /t/ e /d/ do que as outras produções desta vogal;
- f) em algumas regiões, os informantes apresentam comportamentos idiossincráticos distintos entre si;
- g) há uma tendência à co-ocorrência da oclusiva dental palatalizada e da palatalização de consoante fricativa /s/ que a antecede, da mesma forma, a produção alveolar da consoante fricativa /s/ tende a co-ocorrer com a realização não palatalizada da consoante oclusiva dental.

2.3 SUMÁRIO ACERCA DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nosso objetivo, neste sumário, é obter uma visão acerca da regra variável de palatalização no português brasileiro a partir dos trabalhos revisados em 2.2 que obedecem à metodologia laboviana e cujos valores estatísticos estão em peso relativo.

A questão que norteia nossa discussão é a que segue: considerando as diferentes amostras, em que medida os fatores lingüísticos e sociais que definem a regra variável de palatalização das oclusivas dentais, no português brasileiro, se assemelham ou divergem?

Quanto às variáveis lingüísticas controladas nos trabalhos da região Sul (BISOL, 1986 ; 1991); (SASSI, 1997); (ALMEIDA, 2000); (KAMIANECY, 2002); (BOPP, 2002); e (PIRES, 2003), podemos asseverar que os grupos de fatores comuns, nesses estudos, produto da seleção estabelecida pelo Varb2000, foram os seguintes: Tonicidade, Tipo de Vogal Alta, Sonoridade, Contexto Precedente e Contexto Seguinte.

No que se refere à variável Tonicidade, constatamos que os fatores sílaba tônica e pretônica manifestaram-se mais significativos para a aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/, em regiões de fronteira (BISOL 1991; PIRES, 2003); em Porto Alegre, Rio Grande do Sul (BISOL, 1991); e em Florianópolis, Santa Catarina (KAMIANECY, 2001).

Com respeito a essa variável lingüística, verificamos que, em regiões bilíngües, português-italiano e português-alemão, o comportamento do grupo de fatores Tonicidade foi distinto.

De um lado, nos municípios de colonização italiana (BISOL, 1991; ALMEIDA, 2000), a produtividade da palatalização das oclusivas dentais foi maior em sílaba postônica. Por outro lado, em cidades de colonização alemã (BISOL 1991; BOPP, 2002), a palatalização de /t/ e /d/ incidiu tanto em sílaba pretônica quanto em sílaba postônica.

Portanto, na variável Tonicidade, a palatalização das oclusivas dentais, em Porto Alegre, Florianópolis e na região de fronteira, foi mais recorrente em sílabas mais acentuadas

(tônica e pretônica), ao passo que, em região de colonização italiana, essa regra variável foi mais produtiva em sílaba átona (postônica). Em zona de colonização alemã, a aplicação da palatalização de /t/ e /d/ foi mais freqüente tanto em sílaba pretônica quanto em sílaba postônica.

Quanto ao grupo de fatores Tipo de Vogal Alta, verificamos que, em zona de fronteira (BISOL, 1986; PIRES, 2003), em município de colonização italiana (BISOL, 1986) e, em Florianópolis (KAMIANECY, 2002), o fator vogal não-derivada foi o mais favorável ao processo de palatalização de /t/ e /d/. Contudo, no município de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul, de colonização italiana (ALMEIDA, 2000), o fator vogal derivada manifestou-se o mais expressivo à palatalização das oclusivas dentais.

Em relação a essa variável lingüística, em região de colonização alemã (BISOL, 1986), o alçamento moderado da vogal /e/ resultou em uma produtividade moderada da regra de palatalização das oclusivas dentais, enquanto que, em Porto Alegre (BISOL, 1986), o fator vogal derivada foi o que mais motivou o processo de palatalização de /t/ e /d/.

Portanto, podemos concluir que não houve uma concordância dos resultados dos municípios de colonização italiana na relação entre o processo alteamento da vogal /e/ e a palatalização de /t/ e /d/, já que, no município de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul (ALMEIDA, 2000), a aplicação da palatalização das oclusivas dentais foi diretamente proporcional ao alçamento da vogal /e/, ou seja, quanto maior o processo de alteamento vocálico maior a produtividade da regra de palatalização das oclusivas dentais, ao passo que, na região de colonização italiana, pesquisada por Bisol (1986), o fator vogal não-derivada foi o que mais motivou o processo de palatalização de /t/ e /d/. Em zona de fronteira e, em Florianópolis, o fator vogal não-derivada foi o mais favorável à palatalização das oclusivas dentais, enquanto que, em Porto Alegre, o fator vogal derivada mostrou-se o mais expressivo à palatalização de /t/ e /d/. Em região de colonização alemã, esse fator manifestou comportamento neutro para a aplicação palatalização das oclusivas dentais.

Em relação à variável Sonoridade, constatamos que o fator [-voz] foi o que mais condicionou o processo de palatalização de /t/ e /d/ em região bilíngüe português-italiano (ALMEIDA, 2000), na zona bilíngüe português-alemão (BOPP, 2002), e em região de fronteira (PIRES, 2003).

Deste modo, podemos supor que, independente do dialeto, o fator [-voz] exerceu um papel favorável à regra de palatalização das oclusivas dentais.

Quanto à variável Contexto Precedente, na região de fronteira (BISOL, 1991; SASSI, 1997), os fatores vogal média-baixa e posterior manifestaram-se mais significativos para a palatalização de /t/ e /d/.

Do mesmo modo que em Porto Alegre (BISOL, 1991), nas zonas de colonização italiana (BISOL, 1991; ALMEIDA, 2000) e em Florianópolis (KAMIANECY, 2002), o fator vibrante foi o que mais favoreceu a palatalização das oclusivas dentais, enquanto que, no município de colonização alemã (BISOL, 1991), o fator lateral foi o que mais condicionou o processo de palatalização de /t/ e /d/.

Assim sendo, no grupo de fatores Contexto Precedente, em Porto Alegre (BISOL, 1991), na região de colonização italiana (ALMEIDA, 2000) e em Florianópolis (KAMIANECY, 2000), o fator vibrante foi o que mais condicionou a palatalização das oclusivas dentais. Em contrapartida, em região de fronteira (BISOL, 1991; SASSI, 1997), os fatores vogal média-baixa e posterior favoreceram a regra de palatalização de /t/ e /d/, enquanto que na zona de colonização alemã (BISOL, 1991), foi o fator lateral que mais condicionou a palatalização das oclusivas dentais.

Em relação à variável Contexto Seguinte, em zona de fronteira, nas regiões bilíngües de colonização italiana e alemã e nas metrópoles (Porto Alegre e Florianópolis) (BISOL, 1991; PIRES, 2003; ALMEIDA, 2000; KAMIANECY, 2002), foi o fator lateral que mais motivou a palatalização de /t/ e /d/. Vale ressaltarmos que, na cidade de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (SASSI, 1997), igualmente em região fronteira, foi o fator fricativa que mais influenciou o processo de palatalização das oclusivas dentais.

Com base nas variáveis extralingüísticas que foram selecionadas pelo programa Varb2000 nos trabalhos que revisamos, verificamos que os grupos de fatores mais freqüentes nas pesquisas da região Sul foram sexo, escolaridade e faixa etária.

Em relação à variável Faixa Etária, não foi possível estabelecermos um paralelo entre os estudos, conforme a região, a saber, metropolitana, fronteira e de colonização italiana e alemã, uma vez que as faixas etárias não coincidiram.

Em Flores da Cunha, Rio Grande do Sul (ALMEIDA, 2000), no município de Panambi, Rio Grande do Sul (BOPP, 2002), em Florianópolis (KAMIANECY, 2002) e no município de São Borja, Rio Grande do Sul (PIRES, 2003), respectivamente, em municípios de colonização italiana, alemã, açoriana e em zona de fronteira, as variantes africadas palato-alveolares, conforme os autores citados, foram consideradas inovadoras, visto que foram levadas à frente pelos mais jovens (abaixo de 50 anos).

Contudo, é conveniente destacarmos o fato de que, nesses trabalhos, a distribuição etária está constituída de duas faixas largas: de menos de 50 anos; de mais de 50 anos, o que não nos permite apurar, por exemplo, se os falantes de outras faixas etárias aplicaram mais a palatalização das oclusivas dentais, do que os mais jovens, já que a faixa etária menos de 50 anos é muito abrangente.

No que se refere à variável Sexo, com base nas pesquisas de Almeida (2000), Kamianecy (2002) e Pires (2003), constatamos que as mulheres, tanto em municípios de colonização italiana e em região de fronteira quanto em Florianópolis, foram as que mais palatalizaram. Conforme a discussão apresentada pelos pesquisadores, as mulheres estão na vanguarda em relação ao uso de determinadas variantes, quando essas dispõem de prestígio. Portanto, supomos que as variantes africadas palato-alveolares são formas lingüísticas prestigiadas em ditas regiões de pesquisa, pois foram as mulheres as que as empregaram com mais frequência.

Quanto ao grupo de fatores Escolaridade, os mais escolarizados, identificados como pertencentes ao ensino médio ou como tendo concluído o ensino médio, em municípios de colonização italiana (ALMEIDA, 2000) e, em região de fronteira (PIRES, 2003), foram os que aplicaram a palatalização das oclusivas dentais com índices mais elevados. Segundo os pesquisadores, parece haver uma relação entre os anos de escolarização e o uso das variantes africadas palato-alveolares nas cidades pesquisadas, ou seja, quanto maior a escolarização maior o emprego da regra variável de palatalização de /t/ e /d/. Portanto, para esses autores, parece que as variantes africadas palato-alveolares desfrutaram de prestígio em tais municípios.

À exceção do trabalho de Sasssi (1997), os mais escolarizados aplicaram mais a palatalização de /t/ e /d/, o que demonstrou ser a variante de prestígio local dessas cidades a mesma do estado do Rio Grande do Sul, ou seja, as variantes africadas palato-alveolares.

Em suma, independente da região investigada, no estado do Rio Grande do Sul e em Florianópolis, os condicionadores sociais mostraram-se convergentes em todas as pesquisas nas quais as variáveis extralingüísticas idade, escolaridade e sexo foram controladas e selecionadas pelo Varb2000 como relevantes estatisticamente.

Na região Sudeste, contrastamos os resultados obtidos nas variáveis lingüísticas e sociais na pesquisa de Carvalho (2000), referente ao estudo de 13 (treze) comunidades pesqueiras das regiões Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro, com os valores estatísticos dos trabalhos de municípios do Rio Grande do Sul.

A partir desse contraste, podemos constatar que as sílabas fortes (tônica e pretônica), favoráveis à regra de palatalização das oclusivas dentais nos municípios de Porto Alegre (BISOL, 1991), e, em região de fronteira (BISOL, 1991; PIRES, 2003), igualmente foi o fator que mais condicionou a produtividade da palatalização de /t,d/ nas 13 (treze) comunidades pesqueiras da região Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro.

Baseando-nos nessa comparação, verificamos também que o fator [-voz] motivou a palatalização de /t/ e /d/ tanto nos municípios da região Sul (ALMEIDA, 2000; BOPP, 2002 ; PIRES, 2003) quanto na pesquisa de Carvalho (2000), o que reforça nossa hipótese de que, independente do dialeto, o fator [-voz] é o mais favorável à aplicação da palatalização de /t, d/.

Em relação à variável Tipo de Vogal Alta, observamos que nas zonas de fronteira (BISOL, 1986 ; PIRES, 2003), em município de colonização italiana ((BISOL, 1986), em Florianópolis (KAMIANECY, 2002) e nas 13 (treze) comunidades pesqueiras das regiões Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro (CARVALHO, 2002), o fator vogal não-derivada foi o mais favorável à palatalização de /t/ e /d/.

Os informantes mais jovens, da mesma maneira que nas pesquisas da região Sul, foram os que levaram as formas africadas palato-alveolares à frente na pesquisa de Carvalho

(2000) na região Sudeste. Porém, é válido ressaltarmos que a distribuição etária não foi a mesma nos trabalhos da região Sul e nas pesquisas das regiões Sudeste e Nordeste.

Verificamos como se comportam os fatores lingüísticos na palatalização das oclusivas dentais na pesquisa de Hora (1990), na região Nordeste. Embora tenhamos revisado os trabalhos de Santos (1996) e Mota e Rollemberg (1997), na região Nordeste, Abaurre e Pagotto (2002), em cinco capitais brasileiras, e Pagotto (2001), em três municípios da região Sul, não os consideramos pelo fato de não apresentarem valores estatísticos em peso relativo.

Correlacionando os resultados estatísticos de Hora (1990), referente às variáveis lingüísticas, com os valores obtidos nas pesquisas da região Sul e no trabalho de Carvalho (2000), na região Sudeste, podemos verificar que as sílabas mais acentuadas e o fator [-voz] foram os fatores mais favoráveis ao processo de palatalização de /t/ e /d/.

Contudo, é necessário assinalarmos que não foi possível compararmos os resultados obtidos na variável Contexto Precedente da região Sul com os resultados obtidos nas regiões Sudeste e Nordeste. Houve apenas a convergência dos resultados de Florianópolis com os índices obtidos em Porto Alegre e na região de colonização italiana.

Da mesma maneira, no Contexto Seguinte, não realizamos contraste com resultados dos trabalhos da região Sul com os valores obtidos nas regiões Sudeste e Nordeste. Nessa variável, apenas nos municípios da região Sul, a saber, Porto Alegre, Florianópolis, regiões de colonização alemã e italiana e, em zona de fronteira, foi que o fator lateral manifestou-se o mais significativo para a aplicação da palatalização das oclusivas dentais.

Comparando os valores obtidos nas pesquisas de Hora (1990, 1995) com relação às variáveis sociais com os índices da região Sul, e da pesquisa de Carvalho (2000) na região Sudeste, percebemos que, na maioria dos trabalhos, à exceção do município de João Pessoa (HORA, 1995) e Alagoinhas (HORA, 1990), em que os resultados estatísticos, entre homens e mulheres, foram praticamente idênticos, as mulheres levaram à frente as formas africadas palato-alveolares.

Não podemos confrontar os resultados da região Sul da variável Escolaridade com os valores obtidos em João Pessoa (HORA, 1995), visto que os fatores não foram

correspondentes. Da mesma forma, não foi possível compararmos os resultados da região Sul com os índices do município de Alagoinhas (HORA, 1990), pois essa variável não foi controlada nesse estudo.

Com base nos trabalhos revisados das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, no que se refere ao condicionamento dos fatores lingüísticos na aplicação da regra de palatalização, podemos concluir que:

- a) o fator [-voz] foi o mais favorável ao processo de palatalização de /t,d/ em todas as regiões de pesquisa;
- b) a sílaba tônica foi o fator que mais motivou a palatalização das oclusivas dentais em região de fronteira, nas 13 (treze) comunidades pesqueiras da região Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro;
- c) a sílaba postônica favoreceu a regra de palatalização de /t/ e /d/ em região de colonização italiana, ao passo que as sílabas pretônica e postônica apresentaram o mesmo comportamento nas regiões de colonização alemã;
- d) o fator vogal não-derivada motivou a palatalização das oclusivas dentais nos municípios de fronteira em Florianópolis bem como nas 13 (treze) comunidades pesqueiras da região Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro, ao passo que o fator vogal derivada manifestou-se significativo nos municípios de Flores da Cunha e de Porto Alegre e no município de colonização alemã apresentou comportamento moderado;
- e) a concordância dos resultados da variável Contexto Precedente deu-se entre o município Florianópolis e a região de colonização italiana e Porto Alegre;
- f) nas cidades da região Sul, a saber, Porto Alegre, Florianópolis, regiões de colonização alemã e italiana e em zona de fronteira, o fator lateral foi o mais favorável ao processo de palatalização de /t/ e /d/ no Contexto Seguinte.

A partir das pesquisas retomadas das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, no que se refere ao condicionamento dos fatores sociais na aplicação da regra de palatalização, podemos concluir que:

- a) as mulheres palatalizaram mais, à exceção de João Pessoa, Paraíba e Alagoinhas, Bahia;
- b) os mais jovens aplicaram com mais frequência a regra de palatalização, contudo, cabe destacarmos a falta de correspondência dos fatores da variável Faixa Etária entre alguns trabalhos da região Sul, nas 13 (treze) comunidades pesqueiras das regiões Norte-Nordeste do estado do Rio de Janeiro, na região Sudeste, e em Alagoinhas, na região Nordeste;
- c) os mais escolarizados aplicaram mais as africadas palato-alveolares à exceção da pesquisa de Sassi (1997), no município de Santa Vitória, Rio Grande do Sul.

Os resultados considerados neste trabalho parecem apontar que o fenômeno variável em exame está em expansão e parece caracterizar dialetos. De um lado, há concordância dos resultados das variáveis sociais sexo, escolaridade e faixa etária nos trabalhos da região Sul. Por outro lado, os valores obtidos nas variáveis lingüísticas parecem convergir segundo os dialetos.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a região da pesquisa, a constituição da amostra e o método de coleta utilizado para o estudo da palatalização das oclusivas dentais.

3.1 A REGIÃO DE ESTUDO

A região da nossa investigação é o município do Chuí, Rio Grande do Sul, o qual integra o Projeto BDS-Pampa. A seguir, apresentaremos uma breve caracterização desse projeto, bem como, com o intuito de conhecermos um pouco mais sobre o município em estudo, faremos um breve histórico, em 3.1.2.

3.1.1 O projeto do BDS-PAMPA

O BDS Pampa tem como amostra de estudo as variedades dialetais faladas na região da fronteira, definida como uma faixa do território brasileiro de aproximadamente 200km de largura, acompanhando a linha divisória do Brasil com o Uruguai e com a Argentina, em uma extensão total de 1.625km. A área de abrangência do BDS Pampa é a que segue:

- a) Litoral Atlântico, que compreende as cidades do Chuí, Santa Vitória do Palmar, Rio Grande, Pelotas, Tavares, Jaguarão e Arroio Grande;
- b) Serra do Sudeste, que abrange as cidades de Piratini, Encruzilhada do Sul, Aceguá e Bagé;
- c) Pampa, que compreende as cidades de Santana do Livramento, Rosário do Sul, São Vicente do Sul, Quaraí, Alegrete, São Francisco de Assis, Barra do Quaraí, Uruguaiana, Itaqui e São Borja.

O BDS-Pampa, dependendo da região em estudo, possui de 24 (vinte quatro) até 30 (trinta) entrevistas de experiência pessoal, todas com duração mínima de 30 (trinta) minutos. Essas entrevistas foram realizadas por pesquisadores da UCPEL (Universidade Católica de Pelotas) e da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas).

3.1.2 O município do Chuí, Rio Grande do Sul

O município do Chuí, Rio Grande do Sul, cidade fronteiriça, está situado no extremo sul do Brasil e é separado da localidade do Chuy do lado Uruguaio pela Avenida Internacional.

De acordo com Azambuja (1992):

Realmente existem dois Chuís: O Chuy uruguaio que nasceu das primeiras instalações aduaneiras dessa, ao fim do século XIX, com seu caráter comercial genuíno e passagem obrigatória do contrabando e o Chuí brasileiro, que veio depois, como extensão natural do outro, só agora projetando-se com sinais marcantes do progresso e desenvolvimento, principalmente após a imigração palestina, bem recente introduzindo um grande impulso no comércio devidos aos fatores turísticos e do câmbio da moeda. Os dois juntos formam uma comunidade identificada, com supremacia idiomática espanhola e também populacional.

Conforme o censo do IBGE de 2005, Chuí, Rio Grande do Sul, possui população estimada de 6.386 habitantes, sendo constituída de brasileiros, uruguaio e palestinos, o que confere à localidade certa mescla cultural.

A vinda de imigrantes palestinos e libaneses para a cidade do Chuí ocorreu mais intensamente na década de 70, período em que esse município, ainda na categoria de Vila, estava em expansão econômica, visto que, desde a década de 60, a política do governo federal foi propiciar o desenvolvimento econômico dos municípios de fronteira. Soma-se a isso a construção da BR 471, o que possibilitou o contato com outras cidades brasileiras.

Atualmente, uma das principais atividades econômicas do município é o comércio, seguido pela plantação de arroz, o que faz do Chuí, Rio Grande do Sul, um dos grandes

produtores brasileiros de arroz. Os *Free Shops*, ou seja, as lojas com variedades de produtos importados, são um dos atrativos para os turistas e uma fonte de renda para a região.

Outras atrações para os que visitam o Chuí, Rio Grande do Sul, pela primeira vez são as belas praias, fortes e fortalezas. O Forte de São Miguel está localizado a dez quilômetros do Chuí, Rio Grande do Sul. É um forte pequeno no qual estão expostos utensílios antigos como móveis e armas.

Das belezas existentes na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, o Farol da Barra do Chuí é visita obrigatória em qualquer roteiro turístico no Cone-sul. Na década de 1920, João Ladriz levantou algumas casas de madeira com cobertura de palha para alugar aos veranistas e instalou o primeiro boliche da estação. Diante da prosperidade do balneário, João Ladriz resolveu fracionar as terras, dividindo-as em lotes e demarcando ruas e praças. Eram as primeiras construções na Barra do Chuí. A Barra do Chuí é um balneário que está localizado à margem esquerda do pequeno rio que lhe empresta o nome.

Somente em 1941, apareceu o primeiro estabelecimento de ensino primário no Chuí brasileiro, do lado brasileiro. A maioria das crianças, ou quase a sua totalidade, era educada nos seus primeiros anos de vida nas escolas do Chuí do lado uruguaio.

O Chuí brasileiro foi elevado à categoria de vila, por ato do Governo do Estado, em 30 de junho de 1939, posteriormente ao seu homônimo uruguaio, sendo emancipado apenas em 1995.

3.1.3 A amostra

A amostra do Chuí, Rio Grande do Sul, do BDS Pampa é constituída de 24 informantes selecionados conforme os seguintes critérios:

- a) ser nativo do lugar;
- b) ser alfabetizado, tendo concluído ou não o Ensino Fundamental ou Médio;

- c) ter a idade mínima de 16 anos.

Os sujeitos desta pesquisa são falantes nativos do português e residentes no município do Chuí, Rio Grande do Sul. É válido destacarmos que não pudemos apurar se todos os informantes são bilíngües ativos ou passivos (português-espanhol), uma vez que essa informação ora estava contida nas fichas sociais, como observação, ora não.

3.1.4 Constituição da amostra da pesquisa

A amostra da cidade do Chuí-RS é do tipo aleatória estratificada, ou seja, a população foi dividida em 12 (doze) células sociais constituídas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais. O preenchimento de cada célula efetuou-se através de uma seleção aleatória, ou seja, qualquer indivíduo poderia ser selecionado.

Desse modo, os informantes foram distribuídos da seguinte maneira:

- a. em relação à variável sexo, 12 (doze) informantes são homens e 12 (doze) mulheres;
- b. quanto à variável faixa etária, 8 (oito) informantes apresentam idade compreendida entre 16-25 anos, 8 (oito) informantes, entre 26-49 anos e 8 (oito) informantes, com idade superior a 50 anos;
- c. em relação à variável escolaridade, 12 (doze) informantes possuem Ensino Fundamental e 12 (doze), o Ensino Médio.

3.2 DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Com a intenção de identificarmos a regra variável de palatalização de /t, d/ no Chuí, Rio Grande do Sul, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes que norteiam o presente trabalho.

3.2.1 Variável dependente

Neste estudo, examinaremos a regra variável da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ diante da vogal palatal [i] e da semivogal [j] na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul.

Durante o trabalho de coleta das ocorrências, registramos as seguintes variantes das oclusivas dentais /t/ e /d/, a saber:

- a) oclusiva dental [t,d]: diver[**ti**]do e [d] [**di**]stinto;
- b) africadas palatos-alveolares [tʃ, dʒ]: [tʃi]me e [**dʒi**]a
- c) africada alveolar [ts]: importan[**ts**]i.

3.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são formadas por grupos de fatores de natureza lingüística e social, os quais podem motivar mais ou menos a aplicação da regra variável em exame.

3.2.3 Variáveis lingüísticas

São fatores internos ao sistema que, em contextos lingüísticos específicos, favorecem mais ou menos a realização de uma ou mais variante(s).

3.2.3.1 Contexto precedente

A variável Contexto Precedente é constituída de qualquer segmento ou ambiente vazio que antecede as oclusivas dentais /t/ e /d/.

Nos estudos anteriores sobre a palatalização das oclusivas dentais, a saber, Hora (1990), Bisol (1991), Santos (1996), Sassi (1997) Almeida (2000), Pagotto (2001), Pagotto e Abaurre (2002) e Kamianecy (2003), esta variável lingüística foi selecionada como expressiva estatisticamente pelo programa Varb2000.

Na investigação em região de fronteira (BISOL, 1991), a vogal posterior b[**o**]tica e a vogal nasal [ã]tigo, foram os ambientes que mais motivaram a aplicação das variantes africadas palato-alveolares, ao passo que em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (SASSI, 1997), também zona fronteira, os fatores que mais exerceram influência na aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/ foram o contexto vazio (øtinha) e a vogal média-baixa p[**ε**]de.

Desta maneira, supomos que tanto as vogais posteriores quanto as vogais média-baixas exercerão mais influência no processo de palatalização de /t,d/, em razão de a concordância de resultados (BISOL, 1991; SASSI, 1997) ter ocorrido em direção às vogais orais.

A seguir, a variável Contexto Precedente, em exame, compreende um conjunto de vinte fatores:

- a) dental [s]: (nordestino);
- b) dental [z]: (desde);
- c) tepe [r]: (verde);
- d) dental [l]: (Coltinho);
- e) vogal [ã]: (antes);
- f) vogal [a]: (adiantar);
- g) vogal [u]: (virtude);
- h) vogal [ũ]: (um dia);
- i) vogal [o]: (idiotice);
- j) vogal [ɔ] : (código);
- k) vogal [i]: (idiota);

- l) vogal [ĩ]: (**í**ndio);
- m) vogal [e]: (**de**dico);
- n) vogal [ε]: (**é** divertido);
- o) vogal [ẽ]: (**ent**idade);
- p) ditongo nasal [ẽj]: (**também** dizia);
- q) glide [w]: (**vo**u de dia);
- r) glide nasal [w] (**são** de São Paulo);
- s) glide [j]: (**le**ite);
- t) vazio: (**ti**o).

3.2.3.2 Localização do contexto precedente

O grupo de fatores Localização do Contexto Precedente trata do contexto precedente que antecede as oclusivas dentais no mesmo vocábulo, no vocábulo distinto, ou registra se não há contexto precedente ou se o contexto precedente faz parte de um clítico.

Nos trabalhos em regiões de fronteira (BISOL, 1991; SASSI, 1997), os fatores da variável Contexto Precedente no mesmo vocábulo, respectivamente b[**o**]tica e p[ε]de, mostraram-se os mais favoráveis à produtividade da palatalização de /t/ e /d/.

Deste modo, supomos que a aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/ será mais recorrente em ambiente antecedente que pertence ao mesmo vocábulo.

Essa variável está constituída de quatro fatores:

- a) mesmo vocábulo (**dist**into);
- b) vocábulo distinto (**deu** dinheiro);
- c) não se aplica (**tive**);
- d) clítico (**é de** discutir).

3.2.3.3 Contexto seguinte

A variável Contexto Seguinte é composta por qualquer segmento ou ambiente vazio que segue a vogal alta anterior não-arredondada [i] ou o glide palatal [j].

Consideramos a variável lingüística Contexto Seguinte devido ao fato de ter sido selecionada como estatisticamente relevante nos trabalhos de Hora (1990), Santos (1996), Almeida (2000) e, principalmente, nas pesquisas de Bisol (1991), Sassi (1997) e Pires (2003), investigações da regra variável de palatalização das oclusivas dentais em região de fronteira.

No estudo de Bisol (1991), em região de fronteira, a lateral di[**I**]ema e a vogal pati[**o**] foram os ambientes que mais exerceram influência na regra de palatalização de /t/ e /d/, enquanto que, na investigação de Pires (2003), em São Borja, Rio Grande do Sul, foram os fatores lateral predi[**I**]eto e velar reumáti[**k**]a os que mais condicionaram a produtividade da regra.

Divergindo dos resultados anteriores, na investigação em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (SASSI, 1997), o fator que mais exerceu influência na produtividade da palatalização das oclusivas dentais foram as consoantes fricativas supleti[**v**]o.

A partir da concordância dos resultados estatísticos, em região de fronteira, dos trabalhos de Bisol (1991) e de Pires (2003), nossa hipótese inicial será de que o fator lateral influenciará mais o processo de palatalização de /t,d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul.

Portanto, a variável contexto seguinte compreende um conjunto de 33 (trinta e três) fatores:

- a) labial [p]: (tipo);
- b) labial [b]: (vestibular);
- c) dental [t]: (títio);
- d) dental [d]: (de **dia**);
- e) velar [k]: (particular);

- f) velar [g]: (**di**go);
- g) alveopalatal [tʃ]: (**ti**tia);
- h) alveopalatal [dʒ]: (de **di**a);
- i) labiodental [f]: (**di**ferença);
- j) labiodental [v]: (**di**vida);
- k) dental [s]: (**sa**tisfeito);
- l) dental [z]: (**di**zer);
- m) alveopalatal [ʃ]: (de **xu**xu);
- n) alveopalatal: [ʒ]: (de **gê**nio);
- o) velar [x] (de **re**pent);
- p) bilabial [m]: (**ve**stimenta);
- q) dental [n]: (**ge**latina) ;
- r) palatal [ɲ]: (**di**nheiro) ;
- s) alveolar [l]: (**pre**dileta);
- t) palatal [ʎ]: (**ga**tilho);
- u) vogal [ã]: (**di**ante);
- v) vogal [a]: (**di**a);
- x) vogal [u]: (de **ur**so);
- z) vogal [ũ]: (de **un**tar);
- aa) vogal [o]: (**pá**tio);
- bb) vogal [ɔ]: (de **ó**dio);
- cc) vogal [i]: (te **ig**norou);
- dd) vogal [ĩ]: (te **im**possibilitou);
- ee) vogal [e]: (**Di**ego);
- ff) vogal [ẽ]: (te **en**viei);
- gg) glide [w]: (de **ou**tro);
- hh) glide [j]: (**di**reitinho);
- ii) vazio: (**par**ti).

3.2.3.4 Localização do contexto seguinte

O grupo de fatores Localização do Contexto Seguinte trata do contexto seguinte que segue a vogal [i] ou o glide [j] no mesmo vocábulo, no vocábulo distinto, ou registra se há ausência de contexto seguinte ou se o contexto seguinte refere-se a um clítico.

Nas pesquisas em região de fronteira (BISOL, 1991), em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (SASSI, 1997) e, em São Borja, Rio Grande do Sul (PIRES, 2003), o fator no mesmo vocábulo, como em di[l]ema, predi[l]eto e supleti[v]o, foi o que mais motivou a palatalização de /t/ e /d/.

Assim sendo, supomos que o fator no mesmo vocábulo em contexto seguinte influenciará mais o processo de palatalização das oclusivas dentais.

A variável Localização do Contexto Seguinte está constituído de quatro fatores:

- a) mesmo vocábulo (distinto);
- b) vocábulo distinto (denti **podre**);
- c) não se aplica (gente);
- d) clítico (leite **de** outra fazenda)

3.2.3.5 Tonicidade

O grupo de fatores Tonicidade refere-se às sílabas fortes e fracas, distribuídas nos seus distintos graus de (a)tonicidade, das quais fazem parte as oclusivas dentais /t/ e /d/.

Nas pesquisas de Hora (1990), Bisol (1991), Santos (1996), Almeida (2000), Carvalho (2002), Pires (2002) e Kamianecy (2003), a variável Tonicidade foi selecionada como relevante estatisticamente.

No estudo de Bisol (1991), a sílaba tônica (**artigo**) mostrou-se a mais significativa para a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais, na região de fronteira.

Da mesma forma, o fator pretônica inicial manifestou-se o mais expressivo para a palatalização de /t,d/, em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (SASSI, 1997), como em [tʃi]gela e, em São Borja, Rio Grande do Sul (PIRES, 2003), no caso de [dʒ i]fífil.

De um lado, os resultados das pesquisas de Bisol (1991), Sassi (1997) e Pires (2003), em municípios de fronteira, estão em concordância no que se refere ao condicionamento de sílabas mais fortes no processo de palatalização das oclusivas dentais.

Por outro lado, as sílabas tônicas podem adquirir um comportamento distinto das sílabas átonas em processos ou em regras.

De acordo com Bisol (1991, p. 156) “na palatalização que, muitas vezes converte uma oclusiva dental em uma africada palato-alveolar, ocorre um caso típico de reforço das propriedades fonéticas que se aplicam preferentemente em posições fortes”.

Portanto, supomos que a regra variável de palatalização será mais freqüente em sílabas mais acentuadas, representadas através dos fatores tônica e pretônica.

Os fatores que compõem esta variável são os seguintes:

- a) pretônica inicial: (**d**izer);
- b) pretônica não-inicial (particular);
- c) pretônica clítico (**d**e noite);
- d) tônica (**t**inha);
- e) postônica não-final: (reumática);
- f) postônica final: (cidade).

3.2.3.6 Sonoridade

A sonoridade está relacionada à vibração das pregas vocais que caracteriza os segmentos como [+voz] ou [-voz].

Nos trabalhos de Almeida (2000) e Pires (2003), o grupo de fatores sonoridade foi selecionado como relevante estatisticamente.

Na pesquisa em São Borja, Rio Grande do Sul (PIRES, 2003), o fator [-voz], como em *realmen[t]e*, exerceu mais influência na produtividade da palatalização de /t/ e /d/.

De acordo com Quilis (1999), os segmentos desvozeados concentram maior quantidade de energia articulatória, devido ao fato de esses segmentos não utilizarem parte dessa energia na vibração das pregas vocais, como ocorre com os segmentos vozeados.

Por conseguinte, com base em tais considerações, acreditamos que será a oclusiva dental [-voz] que apresentará maior número de ocorrências de africadas palato-alveolares.

Desse modo, essa variável está constituída dos seguintes fatores:

- a) vozeada: (*vontade*);
- b) desvozeada: (*noite*).

3.2.3.7 Tipo de vogal alta

A variável Tipo de Vogal Alta abrange os segmentos vocálicos, de natureza subjacente ou não-subjacente, ou glide palatais, imediatos às oclusivas dentais.

Nas investigações de Bisol (1991), Hora (1990), Almeida (2000), Kamianecy (2002), Carvalho (2002) e Pires (2003), a variável Tipo de Vogal Alta foi selecionada como estatisticamente relevante.

No trabalho de Pires (2003), em São Borja, Rio Grande do Sul, e na pesquisa de Bisol (1991), também em zona de fronteira, o fator vogal alta não-derivada foi o que mais motivou o processo de palatalização de /t/ e /d/.

De acordo com Câmara (1991, p. 243), “o sistema fonológico do português possui vogais altas /i/ e /u/ e vogais altas derivadas de vogais médias por neutralização (/e/ → [i]; /o/ → [u])”. Desse modo, conforme afirma esse mesmo autor, a vogal alta anterior não-arredondada [i] e o glide palatal [j] trazem consigo os traços necessários à palatalização de /t/ e /d/, porém, a vogal média alta anterior não-arredondada /e/, para promovê-la, deve antes altear-se para [i].

A partir dos resultados estatísticos de Bisol (1991) e de Pires (2003), nos quais o fator vogal alta não-derivada exerceu mais influência na produtividade da palatalização das oclusivas dentais, e do exposto acima, levantamos a hipótese de que a aplicação da palatalização de /t/ e /d/ será mais freqüente em vogais altas não-derivadas.

Portanto, controlamos, em nosso estudo, duas classes de vogais altas, como segue:

- a) Vogal alta não-derivada: [tʃi]jolo;
- b) Vogal alta derivada: gen[tʃi];

No fator vogal alta derivada, além do processo de alteamento da vogal /e/, levamos em consideração os processos de degeminação e de ditongação. Desse modo, temos:

- a) degeminação de [i]+[i]: anoi[tʃi]teira;
- b) ditongação /i/ → [j]: de uma vez [dʒju]ma vez.

3.2.3.8 Tipo de sintagma

Este grupo de fatores refere-se às modalidades de sintagmas nominais em relação aos elementos que aplicam ou não à regra variável de palatalização das oclusivas dentais.

Nossa hipótese inicial é de que o maior número de constituintes com aplicação da palatalização de /t/ e /d/ favorecerá a produtividade de tal regra.

Desse modo, temos sete fatores que constituem essa variável lingüística, como segue:

- a) p1#p2: qualida[**dʒi**] [**di**] fruta; vonta[**di**] [**dʒi**] Deus;
- b) p1=p2: gen[**te**] [**di**] linha; duran[**tʃi**] [**dʒi**]a;
- c) p1#p2#p3#p4: mon[**ti**] [**dʒi**] [**di**] [**dʒi**]nheiro; mon[**tʃi**] [**di**] [**dʒi**] [**di**]nheiro;
- d) p1#p2=p3: for[**ti**] [**dʒi**] [**dʒi**] São ou for[**tʃi**] [**di**] [**di**] São;
- e) p1=p2=p3: [**ti**]pos [**di**] re[**di**]; mon[**tʃi**] [**dʒi**] [**dʒi**]a;
- f) p1=p2 = p3 =p4: [**ti**]ve meio [**di**] [**di**] [**di**]nheiro; gen[**tʃi**][**dʒi**] gran[**dʒi**] [**dʒi**];
- g) Não se aplica.

3.2.4 Variáveis extralingüísticas

No modelo variacionista de Labov (1972), consideramos não apenas o condicionamento de fatores lingüísticos, mas também elementos geográficos, socioeconômicos e socioculturais que podem influenciar a presença de determinadas variantes na fala dos informantes.

As variáveis extralingüísticas ou sociais são fatores externos ao sistema que podem influenciar mais ou menos a aplicação das variantes.

Tendo em vista a ficha social dos informantes e a seleção das variáveis apresentadas em Bisol (1991), Sassi (1997) e Pires (2003), optamos por controlar as seguintes variáveis: faixa etária, escolaridade e sexo.

3.2.4.1 Faixa etária

Nos estudos sociolingüísticos, o grupo de fatores Faixa Etária é significativo para apontar a tendência de variação ou mudança lingüística dos fenômenos variáveis.

De um lado, nas pesquisas de Bisol (1991), Hora (1990, 1995), Sassi (1997), Almeida (2000), Pagotto (2001), Abaurre e Pagotto (2002), Kamianecy (2002), Carvalho (2002) e Pires (2003), esta variável foi selecionada como relevante estatisticamente pelo Varb2000.

Por outro lado, em pesquisas na zona fronteira (BISOL, 1991), em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (SASSI, 1997) e, em São Borja, Rio Grande do Sul (PIRES, 2003), foram os falantes pertencentes à faixa etária mais jovem que aplicaram mais a regra de palatalização das oclusivas dentais.

A partir da concordância dos resultados das pesquisas em região de fronteira, na variável faixa etária, acreditamos que os informantes mais jovens aplicarão, com mais frequência, a palatalização das oclusivas dentais do que os falantes da faixa etária intermediária e mais velha.

Os informantes da pesquisa estão divididos em três faixas etárias:

- a) 16-25 anos;
- b) 26-49 anos;
- c) acima de 50 anos.

3.2.4.2 Escolaridade

A variável Escolaridade vem desempenhando um papel relevante, nos estudos variacionistas, para determinar o valor social de formas alternantes, em uma região de estudo, pois os falantes com maior grau de instrução tendem a empregar a forma lingüística da variedade padrão, enquanto que os informantes menos escolarizados empregam, com mais freqüência, as variantes não-padrão.

Há, portanto, conforme Oliveira e Silva (1998), uma relação diretamente proporcional do grau de instrução com o uso de determinadas formas lingüísticas.

Segundo os trabalhos de Hora (1995), Santos (1996), Sassi (1997), Almeida (2000), Kamianecy (2002) e de Pires (2003), essa variável extralingüística mostrou-se relevante estatisticamente.

Dos estudos da regra variável de palatalização de /t,d/, em zona fronteiriça, destacamos as pesquisas de Sassi (1997) e Pires (2003), cujos resultados não concordaram em relação ao emprego das formas africadas palato-alveolares por informantes mais e menos escolarizados.

De um lado, em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (SASSI, 1997), os falantes com menor grau de instrução palatalizaram mais do que os mais escolarizados.

Por outro lado, em São Borja, Rio Grande do Sul (PIRES, 2003), foram os informantes com ensino médio, isto é, os mais escolarizados que empregaram mais freqüentemente as formas africadas palato-alveolares.

Assim sendo, deixamos o *status* social das variantes africadas palato-alveolares a ser verificado, visto que não há concordância dos resultados dessa variável social nos trabalhos em região de fronteira. Nesta variável, consideramos os seguintes fatores:

- a) Ensino Fundamental incompleto ou completo;
- b) Ensino Médio incompleto ou completo.

3.2.4.3 Sexo

Na literatura, a variável Sexo tem mostrado que homens e mulheres se comportam de forma distinta em relação ao emprego de variantes. Em razão disso, esse grupo de fatores tem sido utilizado pelos lingüistas para definir, juntamente com outras variáveis sociais, o valor social das variantes na região em estudo.

Nos estudos lingüísticos, as mulheres tendem a empregar mais as formas de prestígio do que os homens pelo fato de terem mais consciência do *status* social da variante.

Conforme Hora (1995), Almeida (2000), Pagotto (2001), Abaurre e Pagotto (2002), Kamianecy (2002) e Pires (2003), o grupo de fator Sexo foi selecionado como significativo estatisticamente.

Em São Borja, Rio Grande do Sul (PIRES, 2003), as mulheres palatalizaram mais do que os homens. A partir dos resultados de Pires (2003), supomos que, em nosso estudo, as mulheres apresentarão, em seu comportamento lingüístico, mais formas africadas palato-alveolares do que os homens. Essa variável está constituída de dois fatores:

- a) masculino;
- b) feminino.

3.2.4.4 Atividade profissional

A variável Atividade Profissional tem sido utilizada, nos estudos variacionistas, para verificar a influência da atividade ocupacional no uso de formas lingüísticas. O mercado lingüístico atribui valor social às formas, portanto, pessoas que utilizam, mais intensamente, a sua língua materna, em sua atividade profissional, tendem a empregar as formas de maior valor no mercado lingüístico. Como esse grupo de fatores extralingüístico não foi controlado nos trabalhos de região de fronteira (BISOL, 1986, 1991, SASSI, 1997, PIRES, 2003), o

consideramos nessa pesquisa com o intuito de verificar o valor das formas africadas palato-alveolares conforme a atividade profissional.

Nessa variável, consideramos os seguintes fatores:

- a. estudante;
- b. professor;
- c. comerciante;
- b) prestador de serviços;
- c) doméstica;
- d) aposentado;
- e) funcionário público.
- f) não informada.

Quanto à distribuição de informantes por atividade profissional, nossa amostra possui 4 (quatro) estudantes, 2 (dois) comerciantes, 7 (sete) aposentados, 1 (um) sem atividade informada, 4 (quatro) prestadores de serviço, 2 (duas) domésticas, 3 (três) funcionários públicos e 1 (um) professor.

3.3 CODIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS

A codificação das ocorrências realizou-se através das variáveis definidas na seção 3.2. Cada fator recebeu um código que foi utilizado para identificar o contexto de aplicação das variantes da variável em exame, bem como o perfil social dos informantes que as produziram. Durante o procedimento de codificação, levamos em consideração como ocorrência para este estudo qualquer item lexical que apresentou /t/ e /d/ seguido de [i] ou [j]. A codificação (2hdbdcvezafm#a) para o dado *tem de bom* pode ser explicada, tanto do ponto de vista lingüístico quanto social, como segue:

- a) a variante é oclusiva dental, código **2**;
- b) o contexto precedente é ditongo nasal, código **h**, em vocábulo distinto, código **d**;
- c) o contexto seguinte é [b] , código **b**, em vocábulo distinto, código **d**;
- d) a tonicidade é pretônica clítico, código **c**;
- e) a variante é vozeada, código **v**;
- f) o tipo de vogal é derivada, código **e**;
- g) o tipo de sintagma não se aplica, código **z**;
- h) o informante é de faixa mais jovem, código **a**, com ensino fundamental, código **f**, do sexo masculino, código **m**, de atividade profissional prestador de serviços, código **#**, primeiro informante, código **a**.

3.4 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS

Em relação ao instrumento de análise dos dados, optamos pelo Pacote Computacional Varbrul 2S, que oferece tratamento estatístico aos dados lingüísticos variáveis analisados sob a perspectiva da Teoria da Variação.

De acordo com Scherre (1992), o Varbrul 2S é um pacote computacional constituído de 10 (dez) programas: Checktok, Readtok, Makecell, Ivarb, Tvarb, Mvarb, Crosstab, Tsot, Textsort e Counttup.

O Varbrul calcula o número de ocorrências dos fatores de cada variável, sua respectiva percentagem e seus pesos relativos.

Os dados selecionados foram submetidos aos programas computacionais Checktok, Readtok, Make3000, Varb2000 e Cross3000. O programa Checktok foi criado para detectar erros de codificação do arquivo de dados. Compara a seqüência da codificação com a lista de fatores considerados pela pesquisa. Os resultados, depois de corrigidos, são enviados para um arquivo específico (.cor), que serve de “entrada” para o segundo programa do pacote, o Readtok.

O programa Readtok elimina as informações prescindíveis à análise estatística dos dados e cria o arquivo de ocorrências (*oco.), o qual serve de “entrada” para o programa Make 3000.

O programa Make3000 cria o arquivo de células (*cel), informa o número de ocorrências de aplicação da regra e os percentuais por grupos de fatores. Esse programa serve de base para os cálculos realizados pelo Varb 2000.

O programa Varb 2000 gera o arquivo (*var) que contém os pesos relativos de cada fator, além de selecionar as variáveis relevantes para o fenômeno em estudo.

O programa Cross3000, além de cruzar variáveis, indica os percentuais e o número de ocorrências dos fatores de duas variáveis, possibilitando, assim, análises estatísticas avançadas ou conhecimento mais detalhado das relações entre os fatores de duas variáveis.

4 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS E SOCIAIS: DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO

4.1 SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS PELO PROGRAMA VARB2000

Como obtivemos 2.659 células, não foi possível efetuarmos a rodada das variáveis lingüísticas e sociais em conjunto, pois o programa Varb2000 apenas pode ser rodado com o número máximo de 2.000 células. Em razão disso, realizamos a rodada das variáveis lingüísticas e sociais separadamente, decisão fundamentada em Sankoff (1988, p. 22): “*não há interação entre os fatores associados aos falantes e os outros fatores que representam aspectos da estrutura lingüística dentro da qual a escolha está encaixada*”

Para obtenção dos resultados estatísticos, foram realizadas quatro rodadas do Varb2000, as quais denominamos rodadas gerais. Efetuamos a primeira rodada do Varb2000, sem amálgamas, apenas com as variáveis lingüísticas, à exceção da variável Tipo de Sintagma, que foi excluída. De acordo com a ordem de relevância, estabelecida pelo Varb2000, foram selecionadas por esse programa, como expressivas estatisticamente, as variáveis lingüísticas: *Contexto Precedente*, *Tipo de Vogal Alta*, *Contexto Seguinte*, *Sonoridade*, *Localização do Contexto Seguinte* e *Tonicidade*. O grupo de fatores lingüístico *Localização do Contexto Precedente* foi excluído pelo programa Varb2000.

Realizamos a segunda rodada, apenas com os grupos de fatores sociais, sem nenhum tipo de amálgama. É válido destacarmos que a variável social Atividade Profissional foi rodada sem o fator *p*, correspondente à atividade profissional professor, em razão desse fator ter resultado em *knockout* (de 0%). Nessa rodada, foram selecionadas pelo Varb2000 todas as variáveis extralingüísticas, conforme a ordem de relevância dada pelo programa, a saber, variáveis *atividade profissional*, *sexo*, *escolaridade* e *faixa etária*.

Executamos a terceira rodada com os amálgamas dos fatores lingüísticos, a partir dos valores estatísticos e das características de base fonética/fonológica de cada fator.

Efetuamos a quarta rodada, somente com os grupos de fatores sociais e a variável lingüística Tipo de sintagma, visto que, a partir da análise do cross 3000, esse grupo de fatores apresentou um número elevado de células vazias, o que nos fez não rodá-la com outras variáveis lingüísticas.

4.2 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, discutimos os resultados obtidos a partir da comparação dos índices estatísticos de nossa investigação com os de trabalhos anteriores (BISOL, 1986, 1991; SASSI, 1997; PIRES, 2003), em região de fronteira, indicando os fatores de natureza lingüística e social que mais motivaram a produtividade da palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, no município do Chuí, Rio Grande do Sul, bem como aqueles que menos condicionaram a produtividade de tal processo.

Organizamos a apresentação e a discussão dos resultados estatísticos em duas partes: inicialmente, mostramos a freqüência global das formas alternativas da variável dependente; posteriormente, apresentamos os grupos de fatores lingüísticos e sociais selecionados pelo programa Varb2000 com suas respectivas análises.

4.2.1 Freqüência global

Conforme observamos no Gráfico 1, a seguir, as variantes oclusivas [t,d] predominaram na fala dos informantes, com 73% das ocorrências. As formas africadas palato-alveolares [tʃ,dʒ] apresentaram um total de 26% das ocorrências e a africada alveolar desvozeada [ts] obteve um valor pouco expressivo (de 0,06%).

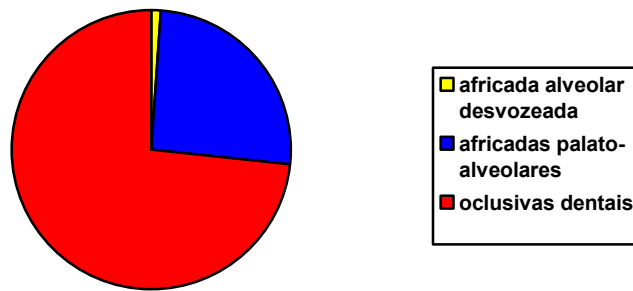


Figura 13: Gráfico da frequência global: Africadas Palato-Alveolares e Outras Variantes

Fonte: Autor, (2007).

Apesar da baixa aplicação das variantes africadas, os resultados numéricos foram significativos do ponto de vista sociolingüístico, pois deram evidências de variação das oclusivas dentais, na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul.

Como a africada alveolar desvozeada [ts] apresentou baixo índice de aplicação (de 0,06), com duas ocorrências para cada uma das palavras *importantes* e *antes*, e esteve presente somente na fala do informante 4, acreditamos que essa variante não está em processo de aquisição no município do Chuí, Rio Grande do Sul, foi resultado de emprego idiossincrático.

4.2.2 Variáveis lingüísticas

Nesta seção, apresentaremos as variáveis lingüísticas selecionadas. Organizamos os grupos de fatores lingüísticos de maneira que a discussão dos resultados seja privilegiada e não a seleção estatística efetuada pelo programa Varb2000, indicada na seção 4.1.

4.2.2.1 Tipo de vogal alta

A variável Tipo de Vogal Alta foi o segundo grupo de fatores a ser selecionado pelo programa computacional Varb2000 como expressivo estatisticamente para a palatalização das oclusivas dentais.

Nossa hipótese inicial de que a vogal subjacente /i/ seria o fator que mais motivaria a palatalização de /t,d/, na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, não foi confirmada.

Na Tabela 1, apresentamos os índices estatísticos referentes à variável Tipo de Vogal Alta.

Tabela 1: Palatalização de /t/ e /d/ - Tipo de Vogal Alta

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Semivogal [djuma]	33/101	33	0,50
Vogal derivada /e/→[i] [denti]	598/2060	29	0,56
Vogal não-derivada /i/→[i] [dia]	588/2152	27	0,45
Total	1219/4673	25	

Input 0,27; Significância 0,046

Fonte: Autor, (2007).

De uma parte, a análise dos resultados numéricos da Tabela 1 nos permite afirmar que, no município do Chuí, Rio Grande do Sul, o fator vogal derivada, com índice de 0,56, exerceu mais influência na aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/. Por outra parte, a vogal não-derivada apresentou valor de 0,45 e a semivogal [j], com peso relativo de 0,50, foi o fator que obteve o menor número de dados (101 ocorrências) em comparação aos demais totais (2.060 para vogal derivada e 2.152 para vogal não-derivada).

Dito de outro modo, a vogal não-subjacente [i], resultante do processo de alteamento vocálico (de /e/), manifestou-se mais expressiva para a palatalização das oclusivas dentais, ao passo que a vogal fonológica /i/ foi a que menos motivou a produtividade de tal regra e o glide palatal [j], produto do processo de ditongação, apresentou comportamento neutro.

Nas pesquisas de Bisol (1991) e de Pires (2003), em regiões de fronteira, a vogal alta não-derivada /i/ foi o fator que mais condicionou a palatalização das oclusivas dentais, enquanto que, na presente investigação, o fator vogal derivada demonstrou que o alçamento da vogal /e/ promove, com mais frequência, a produção das africadas palato-alveolares no município do Chuí, Rio Grande do Sul, do que a vogal não-derivada /i/, que já possui os traços necessários à produtividade de tal regra.

Nosso resultado, no qual o fator derivada(/e/→ [i]) mostrou-se o mais favorável à produtividade de palatalização das oclusivas dentais, contrariando nossas expectativas, está de acordo com os resultados de municípios de colonização italiana.

4.2.2.2 Tonicidade

Na ordem de importância estabelecida pelo Varb2000, a Variável Tonicidade foi o último grupo de fatores a ser selecionado como expressivo estatisticamente.

Nossa suposição inicial de que a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ seria mais freqüente em sílabas mais fortes foi confirmada.

Em relação à variável Tonicidade, os resultados obtidos estão expressos na Tabela 2.

Tabela 2: Palatalização de /t/ e /d/ - Tonicidade

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Pretônica inicial (d izer)	208/744	28	0,61
Postônica não final (reumática)	23/83	28	0,50
Tônica (t inha)	356/1303	27	0,57
Postônica final (c id ade)	383/1485	26	0,43
Pretônica clítico (d e noite)	194/895	22	0,45
Pretônica não-inicial (part ic ular)	55/253	22	0,45
Total	1219/4673	25	

Input 0,27; Significância 0,046

Fonte: Autor, (2007).

A partir da análise da Tabela 2, constatamos que as sílabas pretônica inicial, com peso relativo de 0,61, e tônica, com valor de 0,57, mostraram-se os fatores mais significativos para a palatalização de /t/ e /d/.

Os condicionadores que menos motivaram o processo de palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ foram os fatores pretônica clítico e pretônica não-inicial, com resultados idênticos (de 0,45), seguidos pelo fator postônica final, com valor de 0,43.

O fator postônica não-final obteve índice de 0,50, isto é, alcançou o ponto de referência em relação à aplicação da palatalização das oclusivas dentais. Nesse sentido, cabe destacarmos que esse fator foi o que apresentou o menor número de dados (83 ocorrências) na variável Tonicidade em comparação aos outros totais.

Nos trabalhos acerca da palatalização de /t/ e /d/, em zonas de fronteira, o fator pretônica mostrou-se o mais expressivo para a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais nos trabalhos de Sassi (1997), de Pires (2003) e na presente investigação, enquanto que, na pesquisa de Bisol (1991), foi o fator tônica o que mais motivou a produtividade das africadas palato-alveolares. Logo, conforme já havíamos constatado na seção 2.3, o processo de palatalização de /t,d/, em região de fronteira, tende a ocorrer, com mais frequência, em sílabas mais fortes (pretônicas e tônicas).

Ohala (2000) afirma que as africadas palato-alveolares exigem mais força para produção devido à presença do componente fricativo, que exige mais velocidade para sua produção. Desse modo, de acordo com Ohala (2000, v. 3, p. 16): “Este princípio é mencionado porque o grau de turbulência e, conseqüentemente, o ruído produzido durante as fricativas depende em parte de quão rápido o ar está se movendo através de uma constricção”.

Dessa maneira, podemos explicar a maior incidência das africadas palato-alveolares, isto é, da regra variável em exame, nas sílabas pretônicas e tônicas, se partimos da pressuposição da Física de que força implica velocidade, uma vez que são nas sílabas mais acentuadas que a corrente de ar é mais forte (SILVA, 2002) e, conseqüentemente, é nelas que a velocidade é maior.

Constatamos, através da análise do Cross3000, que a discrepância entre os valores estatísticos e porcentagem e peso relativo na variável Tonicidade, ou seja, a não correspondência crescente entre porcentagem e peso relativo ocorreu no cruzamento entre os grupos de fatores Tonicidade e Tipo de Vogal Alta. Com isso, resolvemos correlacioná-los.

Na Tabela 3, a seguir, apresentamos os valores estatísticos resultantes do cruzamento entre Tipo de Vogal Alta e Tonicidade.

Tabela 3: Palatalização de /t/ e /d/ - cruzamento entre Tipo de Vogal Alta e Tonicidade

Fatores	/i/→[i]	/e/→[i]	[j]
Tônica	326/1196=27% 0,47	15/39=38% 0,66	15/49=31% 0,52
Pretônica inicial	187/624=30% 0,54	18/65=28% 0,52	3/19=16% 0,33
Pretônica não-inicial	35/174=20% 0,38	16/57=28% 0,43	4/12=33% 0,61
Pretônica clítico	10/20=50% 0,75	177/660=27% 0,54	7/12=58% 0,82
Postônica não-final	21/80=26% 0,39	1/2=50% 0,62	
Postônica final	371/1237=30% 0,52	9/58=16% 0,34	3/8=38% 0,56

Input 0,27; Significância 0,011.

Fonte: Autor, (2007).

A partir da Tabela 3, observamos que a regra de palatalização de /t,d/ foi mais recorrente em sílaba pretônica clítico com ditongo e vogal não-derivada, respectivamente, com valores de 0,82 e de 0,75, bem como nas sílabas tônicas e postônicas não-final com vogal derivada [i], com os respectivos índices de 0,66 e de 0,62, seguidas pelas sílabas pretônicas não-inicial com ditongo, com valor de 0,61.

De um lado, esses resultados, à exceção da sílaba tônica com vogal derivada, não estão em concordância com os resultados obtidos, separadamente, nas variáveis Tonicidade e Tipo de Vogal Alta.

Por outro lado, cabe assinalarmos que o pouco número de dados dos fatores pretônica clítico com ditongo e vogal não-derivada não nos permite asseverar que esses fatores foram os mais favoráveis ao processo de palatalização de /t,d/.

Contudo, a partir da análise desse cruzamento, é possível afirmarmos que a sílaba pretônica inicial com vogal não-derivada, com valor de 0,54, igualmente mostrou-se expressiva para a palatalização das oclusivas dentais, como já havíamos constatado em 2.3. Desse modo, esse resultado ratificou os resultados apresentados em estudos em região de fronteira, nos quais a produtividade da palatalização de /t/ e /d/ ocorreu mais freqüentemente em sílabas fortes. Além disso, os resultados da Tabela 3 apontaram para a tendência de a vogal não-derivada em posição pretônica inicial motivar mais a aplicação da regra de

palatalização de /t/ e /d/, já que, na análise da variável Tipo de Vogal Alta, o fator que mais condicionou a produção da palatalização das oclusivas dentais foi a vogal derivada.

4.2.2.3 Contexto precedente

Na ordem de importância estabelecida pelo programa Varb2000, o grupo de fatores Contexto Precedente foi a primeira variável lingüística a ser selecionada como significativa estatisticamente.

Nossa suposição inicial de que as vogais posteriores e as vogais média-baixas, em contexto precedente, condicionariam mais a palatalização das oclusivas dentais foi confirmada parcialmente.

Na Tabela 4, a seguir, apresentamos os resultados relativos à variável Contexto Precedente.

Tabela 4: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Precedente

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Ditongo nasal [ɛj] (também dizia)	84/160	52	0,74
Vogal central nasal [ã] (antes)	109/305	36	0,64
Vogal média-baixa [ɛ] (é divertido)	159/881	32	0,57
Vogais e glide altos anteriores [i, ĩ, j] (idiota); (índio); (leite)	176/616	29	0,52
Vogais e glide altos posteriores [u, õ, ã, w] (virtude); (um dia); (vou de dia); (onde)	195/674	29	0,57
Dentais [s, z, l, r] (nordestino); (desde); (Coltinho); (verde)	109/434	25	0,49
Vazio (time)	27/110	25	0,45
Vogal central oral [a] (adiantar)	172/817	21	0,49
Vogais médias-altas anteriores [e, ê] (dedico); (entidade)	159/881	18	0,36
Vogais médias posteriores [o, ɔ] (idiotice); (código);	25/185	14	0,37
Total	1339/4763	28	

Input 0,27; Significância 0,046

Fonte: Autor, (2007).

Nesta tabela, verificamos que a maior incidência da palatalização de /t/ e /d/ ocorreu quando as oclusivas dentais /t/ e /d/ foram antecedidas do fator ditongo decrescente [ɛj], com peso relativo de 0,74, seguido pelos fatores vogal central nasal [ã], com valor de 0,64, vogal média-baixa [ɛ] e vogais e glides posteriores [u, õ, ã, w], ambos com índice de 0,57.

De uma parte, o fator vazio, com índice de 0,45, as vogais médias posteriores [o, ɔ], com valor de 0,37, e as vogais médias-altas anteriores [e, ê], com peso relativo de 0,36, manifestaram-se menos favoráveis à aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais.

Por outra parte, as consoantes dentais [s, z, l, r] e a vogal central [a] apresentaram índices idênticos, ao redor do ponto neutro (de 0,49), as quais são seguidas pelas vogais e glide altos-antérieures [i, î, j], com valor de 0,52.

Esperávamos maior influência das vogais posteriores e das vogais média-baixas no processo de palatalização de /t/ e /d/, porém, contrariando nossas expectativas, apenas as vogais posteriores [u, ã] e [õ] e a vogal média-baixa [ɛ], com índice de 0,57, mostraram-se expressivas para a aplicação da palatalização das oclusivas dentais, visto que o fator [o, ɔ] manifestou-se pouco expressivo (de 0,37) para a produtividade da regra de palatalização de /t/ e /d/.

Com o objetivo de esclarecermos o pouco condicionamento (de 0,52) do fator vogais e glide altos anteriores [i, î, j], resolvemos realizar a rodada do programa Varb2000, separando o glide palatal [j] das vogais altas [i, î]. Entretanto, antes de efetuarmos essa rodada, realizamos amalgamações. Reunimos as vogais anteriores [e, ê], com índice de 0,36, e posteriores [o, ɔ], com valor de 0,37, em função da proximidade dos valores estatísticos e da altura média compartilhada, denominando-as, portanto, vogais médias.

A seguir, apresentamos a Tabela 5 (com amálgamas e separação de segmentos do fator vogais altas anteriores).

Tabela 5: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Precedente (com amálgamas e separação de segmentos do fator vogais altas anteriores)

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Ditongo decrescente nasal [ɛ̃j] (também dizia)	84/160	52	0,74
Vogal central nasal [ã] (antes)	109/305	36	0,64
Vogal média-baixa[ɛ] (é divertido)	159/881	32	0,57
Vogais altas anteriores [i, ĩ] (idiota); (índio)	144/496	29	0,54
Vogais e glide altos posteriores [u, õ, ã,w] (virtude); (um dia); (vou de dia); (onde)	195/674	29	0,57
Glide [j] (leite)	32/120	27	0,45
Dentais [s, z, l, r] (nordestino); (desde); (Coltinho); (verde)	109/434	25	0,49
Vazio (time)	27/110	25	0,45
Vogal central oral [a] (adiantar)	172/817	21	0,49
Vogais médias [e, ê, o, ɔ] (dedico); (entidade) (idiotice); (código)	184/1066	17	0,36
Total	1049/4763	22	

Input 0,27; Significância 0,047

Fonte: Autor, (2007).

Como observamos na Tabela 5, produto da rodada do Varb2000, o fator [i,ĩ], com índice de 0,54, manifestou-se mais expressivo para a palatalização das oclusivas dentais do que o glide [j], com valor de 0,45, no entanto, é válido ressaltarmos que esse fator depois do fator vazio (110 ocorrências) foi o que obteve o menor número de dados (120 ocorrências) em comparação aos demais totais.

A nasalidade, provavelmente, exerça um papel relevante à palatalização de /t/ e /d/, uma vez que o glide [j], do mesmo modo que o fator [a], mostrou-se mais significativo para a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais, quando dispôs do traço nasal. Nesse sentido, sustentando nossa hipótese, elencada com base em nossos resultados, ressaltamos o fato de a nasalidade ter-se mostrado expressiva para o processo de palatalização das oclusivas dentais no trabalho de Bisol (1991), em região de fronteira, na figura do fator vogal nasal.

Com a intenção de averiguarmos o condicionamento dos segmentos nasais e orais, no tocante à produtividade da palatalização de /t/ e /d/, efetuamos a rodada dos segmentos separando-os em orais e nasais.

Tabela 6: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Precedente
(com separação de segmentos orais e nasais)

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Ditongo nasal [ẽj]	54/123	44	0,72
[ũ] (um dia)	17/48	35	0,70
[ã] (antes)	89/282	32	0,62
[u] (virtude)	143/502	28	0,61
[ɛ] (é divertido)	32/114	28	0,58
[j] (leite)	27/108	25	0,46
[ĩ] (índio)	14/55	25	0,54
[i] (idiota)	100/404	25	0,54
[w] (vou de dia)	39/162	24	0,47
[õ] (onde)	16/69	23	0,54
Vazio(time)	23/103	22	0,45
[s, z, l, r] (nordestino); (desde); (Coltinho); (verde)	133/657	20	0,48
[a] (adiantar)	130/750	17	0,48
[ẽ] (entidade)	108/652	17	0,35
[e] (dedico);	32/199	16	0,46
[o, ɔ] (idiotice); (código)	21/168	13	0,40
Total			

Input 0,23; Significância 0,000

Fonte: Autor, (2007).

De um lado, na Tabela 6, comparando os segmentos nasais aos segmentos orais correspondentes, observamos que os fones [+alto] [i]e [ĩ], com índice de 0,54, independente de sua natureza oral ou nasal, mostraram-se favoráveis à palatalização das oclusivas dentais, do mesmo modo que os sons [u] e [ũ], respectivamente, com valores de 0,61 e de 0,70. Porém, o fone nasal [ũ], com índice de 0,70, manifestou-se mais expressivo para a aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/ do que o fone oral [u], com valor de 0,61. Cabe destacarmos o fato de que o fone nasal [ũ] apresenta apenas 48 dados, o que pode estar influenciando o resultado elevado em peso relativo.

Por outro lado, à exceção dos sons [ẽ] e [w], os demais segmentos, a saber, [ã], [õ] e [j] foram condicionadores mais significativos para a produtividade das africadas palatoalveolares do que os seus correspondentes orais [a], [o] e [j].

Assim sendo, parece que os segmentos nasais exercem um papel favorável à aplicação da palatalização de /t/ e /d/, visto que tal tendência já foi apontada anteriormente, em região de fronteira (BISOL, 1991).

4.2.2.4 Contexto seguinte

O Contexto Seguinte foi a terceira variável lingüística a ser selecionada pelo programa Varb2000 como significativa estatisticamente. A hipótese de que o fator [l] favoreceria mais à palatalização das oclusivas dentais não foi corroborada.

Na Tabela 7, apresentamos os resultados da variável Contexto Seguinte.

Tabela 7: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Seguinte

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
[g, ʃ, x, tʃ, dʒ] (digestão); (de xuxu); (de repente); (titia); (de dia);	63/164	38	0,64
[ɲ, ʎ, ʒ]: (dinheiro); (gatilho); (tigela)	180/536	34	0,53
[f] (diferença)	87/260	33	0,62
Vazio (denti)	52/158	33	0,62
[b, ɾ] (vestibular);(direto)	66/224	29	0,52
[k] (particular)	106/383	28	0,53
[m, v] (vestimenta); (dívida)	195/751	26	0,51
[u, û, e, ê, i, î, w] (de urso); (de untar) ; (Diego); (te enviei); (te ignorou); (te impossibilitou); (de outro);	42/175	24	0,45
[z] (dizer)	47/201	23	0,52
[a, ã, o, ε] (diante); (dia); (pátio); (dieta)	126/562	22	0,49
[p] (tipo)	51/219	22	0,49
[t, d, s, l] (titio); (de dia); (satisfeito); (predileta)	204/1130	18	0,41
Total	1345/4763	28	

Input 0,27; Significância 0,046

Fonte: Autor, (2007).

A partir dos resultados numéricos apresentados na Tabela 7, classificamos os fatores dessa variável em três categorias, a saber, mais influência, menos influência e comportamento neutro, conforme o condicionamento exercido por esses fatores, expresso em peso relativo, à aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais.

A primeira categoria está constituída de fatores que manifestaram-se mais expressivos (+ influência) para a regra de palatalização de /t,d/. Desse grupo, o fator [g, ʃ, x, tʃ, dʒ] foi o que mais motivou a regra, com índice de peso relativo de 0,64, seguido pelos fatores [f] e vazio, ambos com índice de 0,62.

No segundo grupo, estão contidos os fatores menos expressivos à palatalização das oclusivas dentais. Nessa categoria, o fator [t,d, s, l] apresentou o menor peso relativo de 0,41, acompanhado do fator [u, û, e, ê, i, î, w], com valor de 0,45.

No terceiro grupo estão os fatores que tiveram comportamento praticamente neutro. Nesse grupo, o fator [m, v], com índice 0,51, é acompanhado pelos fatores [a, ã, o, ε] e [p], com pesos relativos iguais (de 0,49), ao passo que [ɲ, ʎ, ʒ] e [k], ambos com peso relativo 0,53, são seguidos pelos fatores [z] e [b, r], com pesos relativos idênticos (de 0, 52).

A fim de verificarmos a influência dos fones [s, z, l], no que se refere à aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/, na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, efetuamos uma rodada em que esses sons foram considerados separadamente, visto que, nos estudos de Bisol (1991) e de Pires (2002), em zona de fronteira, o fator lateral [l] manifestou-se significativo à produtividade do processo de palatalização das oclusivas dentais, enquanto as sibilantes [s, z] mostraram-se menos favoráveis à aplicação de tal processo. Portanto, o fator [t, d, s, l], que anteriormente estava constituído de quatro fones, foi rearranjado, resultando em apenas três fatores, a saber, [t, d], [s] e [l].

Na Tabela 8, que segue, apresentamos os fatores [t, d, s, l] separadamente:

Tabela 8: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Contexto Seguinte (com separação dos fones dentais)

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
[g, ʃ, x, tʃ, dʒ] (digestão) (de xuxu); (de repente) (titia); (de dia);	63/164	38	0,64
[ɲ, ʎ, ʒ] (dinheiro); (gatilho);	180/536	34	0,53
[f] (diferença)	87/260	33	0,62
Vazio (denti)	52/158	33	0,58
[b, r] (vestibular); (direto)	66/224	29	0,51
[k] (particular)	106/383	28	0,53
[m,v] (vestimenta); (dívida)	195/751	26	0,51
[u, ã, e, ê, i, î, w] (de urso); (de untar); (Diego); (te envie); (te ignorou); (te impossibilitou); (de outro)	42/175	24	0,44
[z] (dizer)	47/201	23	0,52
[a, ã, o, ε] (diante); (dia); (pátio) (dieta)	126/562	22	0,50
[p] (tipo)	51/219	22	0,50
[t, d] (titio); (de dia)	89/504	18	0,41
[s] (satisfeito)	105/577	18	0,41
[l]); (predileta)	10/49	20	0,47
Total	1219/4763	25	

Input 0,27; Significância 0,004

Fonte: Autor, (2007).

Comparando os resultados da Tabela 8, com os valores obtidos na Tabela 7, constatamos que não houve alterações significativas em relação aos condicionadores da palatalização das oclusivas dentais, em ambiente seguinte.

De um lado, o fator [s] motivou menos a produtividade da palatalização de /t/ e /d/, manteve o mesmo índice (0,41) de que quando constituía o fator [t, d, s, l]; ao passo que o fator [z], com peso relativo de 0,52, permaneceu próximo ao ponto neutro. Por conseguinte, o valor do fone [s], menos favorável à regra de palatalização das oclusivas dentais, está de acordo com os resultados das pesquisas de Bisol (1991) e de Pires (2003), em região de fronteira.

Por outro lado, o fone [l], apesar de ter aumentado o índice de 0,41 para 0,47, na rodada do Varb2000, manteve-se menos expressivo para a palatalização de /t,d/, o que não confirmou a tendência encontrada em regiões de fronteira (BISOL, 1991; PIRES, 2003), nas quais surgiu como condicionador que mais exerceu influência na aplicação das africadas palato-alveolares.

Realizamos outra rodada do Varb2000 com amalgamações. Reunimos os fatores [z], [m, v] e [b, r] em um único fator.

Tabela 9: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e/ d/ - Contexto Seguinte (com amalgamações)

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
[g, ʃ, x, tʃ, dʒ] (digestão); (de xuxu); (de repente); (titia); (de dia)	63/164	38	0,64.
[ɲ, ʎ, ʒ] (dinheiro); (gatilho); (tigela)	286/919	34	0,53
Vazio (denti)	52/158	33	0,63
[f] (diferença)	87/260	33	0,61
[b, m, r, v, p, z] (vestibular); (direto); (dizer); (vestimenta); (dívida); (tipo)	359/1395	29	0,51
[u, ũ, w, e, ê, i, ã,] (de urso); (de untar); (Diego); (te envie); (te ignorou); (te impossibilitou); (de outro)	42/175	24	0,45
[a, ã, o, ε] (diante); (dia); (pátio) (dieta)	126/562	22	0,49
[t, d, s, l, s] (titio); (de dia); (satisfeito); (predileta)	204/1130	18	0,41
Total	820/4763	17	

Input 0,27; Significância 0,046

Fonte: Autor, (2007).

Na Tabela 9, com as amalgamações, verificamos que os condicionadores que mais motivaram a produtividade da regra de palatalização de /t,d/ foram praticamente os mesmos apresentados nas Tabelas 7 e 8. Desse grupo, o fator [g, ʃ, x, tʃ, dʒ], com índice de 0,64, sendo seguido pelo fator [f], com valor de 0,62, e pelo fator vazio, que elevou o seu índice de 0,58 para 0,63, mantiveram-se os mais favoráveis ao processo de palatalização das oclusivas dentais. Um fato que nos chamou a atenção foi o condicionamento do fator vazio, pois, em pesquisas anteriores (BISOL, 1991; SASSI, 1997; PIRES, 2003), em regiões de fronteira, esse fator exerceu menos influência na aplicação da palatalização de /t/ e /d/, enquanto que, na presente investigação, manifestou-se expressivo para a produção das africadas palato-alveolares.

4.2.2.5 Localização do contexto seguinte

A variável Localização do Contexto Seguinte foi o quinto grupo de fatores a ser selecionado como significativo estatisticamente pelo programa Varb2000.

A nossa suposição inicial de que o ambiente seguinte no vocábulo distinto favoreceria a produtividade da regra de palatalização das oclusivas dentais não foi confirmada. Na Tabela 10, a seguir, apresentamos os resultados obtidos.

Tabela 10: Palatalização de /t/ e /d/ - Localização do Contexto Seguinte

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
não se aplica (verde)	52/160	32	0,47
mesmo vocábulo (distante)	597/2296	26	0,47
Vocábulo distinto (importante momento)	570/2307	25	0,53
clítico (de cabra)	109/438	25	0,53
Total	1318/4763	28	

Input 0,27; Significância 0,046

Fonte: Autor, (2007).

Na Tabela 10, verificamos que os fatores mesmo vocábulo e não se aplica obtiveram valores idênticos (de 0,47), menos favoráveis à palatalização de /t,d/. Do mesmo modo, constatamos que os fatores clíticos e vocábulo distinto apresentaram condicionamentos idênticos (de 0,53) à aplicação da palatalização de /t/ e /d/. Portanto, resolvemos amalgamá-los.

Conforme explica Bisol (2005, p. 164-65), “os clíticos, quando acompanham uma palavra, sequer alteram o seu acento, visto que são formas destituídas de acento”. Assim sendo, o contexto seguinte, independente de pertencer a um clítico ou a vocábulo distinto, motivou da mesma maneira (de 0,53) o processo de palatalização de /t,d/.

Verificamos, através da análise do Cross3000, que não houve correspondência crescente entre os valores de porcentagem e peso relativo na variável Localização do Contexto Seguinte durante a interação entre os grupos de fatores Contexto Seguinte e Localização do Contexto Seguinte, portanto, resolvemos correlacioná-los.

Na Tabela 11, a seguir, apresentamos as correlações entre os fatores das variáveis Contexto Seguinte e Localização do Contexto Seguinte.

Tabela 11: Palatalização de /t/ e /d/ - cruzamento entre Contexto Seguinte e Localização do Contexto Seguinte

Fatores	Diferente e clítico	Mesmo vocábulo	Não se aplica
[ε, a, â, ã, i, o, õ] (diante); (dia); (pátio); (dieta)	51/211=24% 0,52	55/309=18% 0,45	
[u, û, w, e, ê, i, î,] (de urso); (de untar); (Diego); (te enviei); (te ignorou); (te impossibilitou); (de outro)	30/151=20% 0,47	5/14=36% 0,68	
[t, s, d, l] (titio); (de dia); (satisfeito); (predileta)	88/635=14% 0,44	72/417=17% 0,41	
[b, r, m, v, p, z] (vestibular); (direto); (dizer); (vestimenta); (dívida); (tipo)	122/595=21% 0,56	166/694=24% 0,46	
[g, j, x, tʃ, dʒ] (digestão); (de xuxu); (de repente); (titia); (de dia)	39/85=46% 0,81	8/60=13% 0,27	
[ɲ, ʎ, ʒ, k] Vazio (denti)	71/282=25% 0,62	169/564=30% 0,47	41/146=20% 0,61
[f] (diferença)	36/140=20% 0,64	25/92=27% 0,54	

Input 0,23; Significância 0,001

Fonte: Autor, (2007).

Nesta tabela, observamos que os fatores [g, j, x, tʃ, dʒ], com valor de 0,81, [f], com índice de 0,64, em contexto distinto e clítico, foram os condicionantes que mais manifestaram-se relevantes para a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais, confirmando os resultados obtidos separadamente nas variáveis Contexto Seguinte e Localização do Contexto Seguinte.

O fator vazio, com valor de 0,61, nesse cruzamento, foi um dos fatores que mais exerceu influência na palatalização de /t/ e /d/, ratificando o resultado obtido para esse fator na variável Contexto Seguinte, em 4.2.2.4.

Apesar do fator [u, û, w, i, e, ê], no mesmo vocábulo, ter apresentado valor de 0,68, não podemos afirmar que esse foi um dos que mais motivou a palatalização de /t,d/, em função do reduzido número de dados.

Os fatores [ɲ, ʎ, ʒ, k], com valor de 0,62, e [b, r, m, v, p, z], com índice de 0,56 em vocábulo distinto e clítico, nesse cruzamento, também mostraram-se os mais favoráveis à regra.

4.2.2.6 Sonoridade

Na ordem de relevância estabelecida pelo Varb2000, a variável Sonoridade foi o quarto grupo de fatores a ser selecionado como relevante estatisticamente.

A nossa hipótese inicial de que a produtividade da palatalização das oclusivas dentais seria mais freqüente no segmento /t/ [-voz] do que no fonema [+voz] /d/ foi confirmada.

A Tabela 12, a seguir, ilustra os resultados com relação à variável Sonoridade.

Tabela 12: Palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ - Sonoridade

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
[- voz] (noite)	689/2224	31	0,58
[+ voz] (vontade)	530/2539	21	0,43
Total	1219/4763	25	

Input 0,27; Significância 0,046

Fonte: Autor, (2007).

Com base na Tabela 12, constatamos que a freqüência das variantes africadas palato-alveolares foi maior no segmento [-voz], com peso relativo de 0,58, do que no segmento [+voz], com valor de 0,43.

A tendência no estudo de Pires (2003), em região fronteiriça, São Borja, Rio Grande do Sul, de a oclusiva dental /t/ [-voz] motivar mais a realização das africadas palato-alveolares do que as oclusivas dentais [+voz] foi ratificada em nosso estudo.

De acordo com Quilis (1999), as consoantes vozeadas e desvozeadas podem se distinguir através da energia articulatória utilizada em sua realização. De um lado, parte da energia articulatória, empregada na produção de consoantes vozeadas, vai para a laringe, o que possibilita a vibração das pregas vocais, e o restante desta energia é empregado na articulação dos órgãos da região bucal. Por outro lado, durante a realização de consoantes [-voz], a energia articulatória se concentra nos órgãos supraglóticos, os quais permitem que a

articulação bucal de tais sons seja realizada com maior energia do que nas consoantes vozeadas.

Tais diferenças de distribuição ou concentração de energia articulatória podem justificar a influência do traço [-voz] em relação à palatalização das oclusivas dentais, visto que, conforme Lahiri e Evers (1991), o processo de palatalização leva a uma grande concentração de energia na parte anterior da cavidade bucal e é justamente a articulação das consoantes [-voz] que propicia tal configuração articulatória.

Há maior concentração de energia articulatória nos órgãos articulatórios, o que pode explicar a tendência da palatalização ocorrer, com mais frequência, nas oclusivas dentais [-voz].

O favorecimento do fator [-voz], na presente pesquisa, está em concordância com os trabalhos revisados nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste.

4.2.2.7 Tipo de sintagma

Essa variável lingüística foi rodada juntamente com as variáveis extralingüísticas. Nossa hipótese inicial de que os sintagmas formados por constituintes que apresentassem concordância na aplicação da regra de palatalização de /t,d/, isto é, sintagmas em que todos ou a maioria dos constituintes palatalizam, simultaneamente, influenciariam a aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais não foi confirmada.

Na Tabela 13, a seguir, apresentamos os índices de aplicação da palatalização de /t/ e /d/ em relação à variável Tipo de Sintagma.

Tabela 13: Palatalização de /t/ e /d/ - tipo de sintagma

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
p1#p2qualida[dʒi] [di] fruta; vonta[di] [dʒi] Deus	29/56	52	0,47
p1#p2#p3#p4 mon[ti] [dʒi] [di] [dʒi]nheiro; mon[ti] [di] [dʒi] [di]nheiro	2/4	50	0,71
p1#p2=p3 for[ti] [dʒi] [dʒi] São; for[ti] [di] [[di] São	1/3	33	0,98
p1=p2=p3=p4 meio[di] [di] [di] [di]nheiro; gen[ti] [dʒi] gran[dʒi] [dʒi]	8/26	31	0,90
p1=p2 gen[te] [di] linha; duran[ti] [dʒi]a	199/709	28	0,48
Não se aplica	969/3858	25	0,51
p1=p2=p3 [ti]pos [di] re[di]; mon[ti] [dʒi] [dʒi]a	11/107	10	0,31
Total	1219/4763	25	

Input 0,10; Significância 0,008

Fonte: Autor, (2007).

A partir da Tabela 13, podemos observar que alguns fatores apresentaram poucos dados, o que causou alteração nos resultados estatísticos, ou seja, fatores que obtiveram número reduzido de dados apresentaram pesos relativos elevados. Em função disso e da concordância entre os elementos do sintagma, amalgamamos os fatores p1#p2, p1#p2#p3# p4 e p1#p2=p3 em um único fator e os fatores p1=p2=p3=p4, p1=p2 e p1=p2=p3 em outro fator denominando-os, respectivamente, primeiro e segundo grupo de sintagmas.

Na Tabela 14, que segue, apresentamos a variável Tipo de Sintagma (com amálgamas).

Tabela 14: Palatalização de /t/ e /d/ - Tipo de Sintagma (com amalgamações)

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Primeiro grupo de Sintagmas p1#p2; qualida[dʒi] [di] fruta; vonta[di] [dʒi] Deus p1#p2=p3; for[tʃi] [dʒi] [dʒi] São; for[tʃi] [di] [di] São p1#p2#p3#p4 mon[tʃi] [dʒi] [di] [dʒi]nheiro; mon[tʃi] [di] [dʒi] [di]nheiro	24/51	47	0,57
Segundo grupo de Sintagmas p1=p2; gen[te] [di] linha; duran[tʃi] [dʒi]a p1=p2=p3; [ti]pos [di] re[di]; mon[tʃi] [dʒi] [dʒi]a p1=p2=p3=p4 meio[di] [di] [di] [di]nheiro; gen[tʃi][dʒi] gran[dʒi] [dʒi]	162/776	21	0,47
Não se aplica	792/3569	22	0,51
Total	978/4763	20	

Input 0,08; Significância 0,437

Fonte: Autor, (2007).

Como observamos na Tabela 14, parece que o primeiro grupo de sintagmas formado por constituintes distintos, ou seja, que não apresentaram concordância em relação à aplicação ou não aplicação da palatalização de /t/ e /d/, exerceram mais influência na produtividade do processo de palatalização de /t/ e /d/ do que o segundo grupo de sintagmas, com valor de 0,47. No entanto, é válido destacarmos que o número de dados do primeiro grupo de sintagma é menor (de 51) em relação aos demais, o que pode estar influenciando o resultado elevado em peso relativo.

Sumariando os resultados das variáveis lingüísticas, podemos afirmar que:

- a) na variável Tonicidade, as sílabas tônica e pretônica foram os fatores que mais motivaram a regra de palatalização das oclusivas dentais;
- b) na variável Tipo de Vogal alta, o fator que mais exerceu influência na produtividade da regra de palatalização de /t/ e /d/ foi a vogal derivada;
- c) do cruzamento entre os grupos de fatores Tipo de Vogal Alta e Tonicidade, as sílabas tônica, pretônica clítico com vogal derivada, seguidas pela sílaba pretônica inicial com vogal não-derivada foram os fatores que manifestaram-se mais significativos para a produtividade da palatalização das oclusivas dentais;

- d) na variável Contexto Precedente, os fatores que mais motivaram a palatalização de /t,d/ foram, respectivamente, [ěj], [ũ], [ã], [u], [ε], [i, ĩ, õ];
- e) no grupo de fatores Contexto Seguinte, os fatores [g, ʃ, x, tʃ, dʒ], [f] e vazio foram os mais favoráveis à aplicação da palatalização de /t/ e /d/;
- f) do cruzamento entre as variáveis Contexto Seguinte e Localização do Contexto Seguinte, os fatores [g, ʃ, x, tʃ, dʒ], [f], [ɲ, ʎ, ʒ, k] e [b, ɾ, m, v, p, z], em contexto distinto, clítico e vazio, foram os que mais mostraram-se expressivos à produtividade da regra de palatalização das oclusivas dentais;
- g) no grupo de fatores Sonoridade, os segmentos [-voz] /t/ mostraram-se mais significativos à aplicação da palatalização de /t,d/;
- h) na variável Tipo de Sintagma consideramos o resultado parcialmente, visto que o primeiro grupo de sintagmas, produto de amálgamas, ou seja, aquele que não apresentou concordância em relação à aplicação ou não aplicação da palatalização, entre os constituintes, que o compõem, obteve um número reduzido de dados (51), o que pode ter influenciado o favorecimento desse fator em relação à palatalização de /t/ e /d/.

4.2.3 Variáveis sociais

Posterior à apresentação e à análise das variáveis lingüísticas, efetuaremos a análise das variáveis extralingüísticas. A ordem de seleção estabelecida pelo programa Varb2000 foi a que segue: *atividade profissional, sexo, escolaridade e faixa etária*. Privilegiamos a discussão dos resultados na apresentação que segue.

4.2.3.1 Variável escolaridade

Conforme a ordem de relevância estabelecida pelo programa Varb2000, a variável escolaridade foi o terceiro grupo de fatores a ser selecionado como expressivo estatisticamente.

Na Tabela 15, a seguir, apresentamos os valores estatísticos concernentes à aplicação da palatalização das oclusivas dentais, conforme o grau de instrução dos informantes.

Tabela 15: Palatalização de /t/ e /d/ - escolaridade

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Ensino Fundamental	622/2295	27	0,78
Ensino Médio	597/2468	24	0,23
Total	1219/4763	25	

Input 0,09; Significância 0,000

Fonte: Autor, (2007).

Pelo que observamos na Tabela 15, com base nos valores de peso relativo, a produtividade da palatalização de /t/ e /d/ foi mais freqüente entre os informantes do ensino fundamental, com peso relativo de 0,78, do que entre os falantes com ensino médio, com índice de 0,23.

Em zona fronteiriça, o trabalho que esteve em concordância com os resultados da presente pesquisa, no que se refere ao condicionamento do fator ensino fundamental no processo de palatalização das oclusivas dentais, foi o de Sassi (1997), em Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul. Nos demais trabalhos revisados, apresentados na seção 2.2, houve maior inclinação por parte dos informantes mais escolarizados ao uso das variantes africadas palato-alveolares do que às formas não-palatalizadas.

Segundo Votre (2004, p. 52):

As formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através de longo processo escolar.

A partir do exposto, a fim de darmos continuidade a essa discussão e de tratarmos do prestígio social das formas africadas palato-alveolares, no município do Chuí, Rio Grande do Sul, recorreremos às três tendências apresentadas por Santos (1980), sobre o estigma de determinados usos no ambiente escolar:

- a) realizações sob estigma social mais amplo;
- b) realizações não estigmatizadas pela escola;
- c) realizações sob estigma basicamente escolar.

Segundo Santos (1980), no caso de (a), a escola atua como mantenedora de uma atitude de preconceito despertada e mantida por pressão social mais ampla que atua sobre o educando, antes de seu ingresso na escola. A influência da escola sobre a percepção de realizações do tipo (b) é mínima, pois não são por ela estigmatizadas. No caso (c), a escola busca alertar sobre as variantes e sobre o seu *status* escolar, mesmo não trabalhando o uso adequado de cada uma delas.

Se partirmos das três tendências a respeito de determinados empregos na escola, apresentados anteriormente, podemos enquadrar a regra de palatalização das oclusivas dentais no subgrupo (b), visto que, segundo Cagliari (1989), a escola, de fato, não se preocupa em corrigir a realização das variantes [tʃ] e [dʒ], quando a ênfase recai sobre as atividades de escrita, já que essa variação não interfere na escrita ortográfica. Entretanto, nas atividades de leitura, a correção mostra-se evidente:

Conforme Cagliari (1989, p. 66):

as pessoas falam [muitʃu], [doidʒu] por exemplo, as professoras ensinam os seus alunos a ler [muitu], [doidu], porque o modo de eles falarem sofre pressões sociais para ser evitado, já que é estigmatizado, sobretudo por falantes de outros dialetos, que zombam de quem fala dessa maneira.

Entretanto, tendo em vista as considerações anteriores de Cagliari (1989), pretendemos destacar o fato de que, ao contrário das africadas baianas (MOTA e ROLLEMBERG, 1997), as variantes africadas palato-alveolares que ocorrem diante de [i] ou [j] parecem não sofrer pressão da escola quanto ao seu uso.

A escola prima pelo domínio das regras da variedade padrão, no entanto, o papel de controle e correção exercido por essa instituição não é o mesmo em todos os fenômenos lingüísticos.

De acordo com Ramos (1999, p. 33), “Os fenômenos lingüísticos destacados pela escola quanto ao seu prestígio, a exemplo das regras de concordância e regência, são evidentemente mais sujeitos à avaliação que aqueles que não são explicitamente evidenciados na escola”.

Nesse sentido, acreditamos que a ação da escola, em relação a determinados fenômenos lingüísticos, será mais intensa em três casos. Em primeiro lugar, a escola exercerá maior influência quando as regras da gramática tradicional não forem obedecidas, como por exemplo, se os falantes não fizerem a concordância dos elementos que constituem o sintagma nominal.

Em segundo lugar, haverá pressão da escola, se os fenômenos lingüísticos, recorrentes na fala, forem, acentuadamente, estigmatizados, como a troca [l] por [r], no caso de prob[r]ema ou se não houver a distinção entre a modalidade oral e escrita.

Por conseguinte, parece-nos que o controle e a avaliação escolar, em relação ao uso de determinados fenômenos lingüísticos, serão diferenciados, conforme a regra variável.

A regra de palatalização das oclusivas dentais é um fenômeno lingüístico que consiste na realização de /t/ e /d/, como [tʃ, dʒ], diante de [i] ou [j] que, a depender da região, caracteriza dialetos. Deste modo, o processo de palatalização das oclusivas dentais diante de [i] ou [j] parece não sofrer influência e correção da escola por três razões, a saber: primeiro, por ser uma regra que não afeta as normas estabelecidas pela gramática tradicional, visto que não está contemplada no ensino prescritivo da língua portuguesa da mesma maneira que a regra de concordância; segundo, por ser um fenômeno variável que parece não interferir em atividades de escrita (CAGLIARI, 1989); terceiro, por ser uma regra que não parece ser estigmatizada.

Tendo em vista a discussão realizada até o momento, cremos que não podemos caracterizar as variantes africadas palato-alveolares, na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, como prestigiadas ou desprestigiadas, apenas a partir dos resultados numéricos obtidos no grupo de fatores Escolaridade, uma vez que a regra variável em questão parece fazer parte da categoria dos fenômenos que escapam ao controle e da ação normativa da escola. Desta forma, faz-se necessária à utilização dos resultados estatísticos de outras variáveis sociais, também selecionados pelo Varb2000, para conduzir essa discussão.

4.2.3.2 Variável sexo

Na ordem de relevância estabelecida pelo programa Varb2000, a variável extralingüística Sexo foi o segundo grupo de fatores a ser selecionado como significativo estatisticamente.

Nossa suposição inicial de que os informantes do sexo feminino palatalizariam mais do que os do sexo masculino não foi corroborada.

A seguir, apresentamos a Tabela 16, que contém os resultados estatísticos referentes à aplicação da regra de palatalização, conforme a variável Sexo.

Tabela 16: Palatalização de /t/ e /d/ - Sexo

Sexo	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Masculino	652/2569	25	0,72
Feminino	567/2194	26	0,25
Total	1219/4763	25	

Input 09; Significância 0,000

Fonte: Autor, (2007).

Como observamos na Tabela 16, a produtividade da palatalização de /t/ e /d/, no município do Chuí, Rio Grande do Sul, foi mais freqüente entre os falantes do sexo masculino, com peso relativo de 0,72, do que entre as mulheres, com índice de 0,25.

Comparando os resultados numéricos deste estudo, quanto à variável Sexo, com os índices obtidos em São Borja, Rio Grande do Sul (PIRES, 2003), também em região fronteiriça, observamos que, na presente pesquisa, os homens palatalizaram mais, ao passo que, em São Borja, foram as mulheres que levaram à frente as variantes africadas palato-alveolares.

Nos estudos sociolinguísticos de Labov (1963) e Hora (1995) foi distinto o comportamento de homens e mulheres em relação à frequência de emprego das variantes.

Na pesquisa de Labov (1963), na ilha Martha's Vineyard, sobre a centralização do primeiro segmento dos ditongos [ay] e [aw], foram os homens de idade intermediária que estiveram na vanguarda do processo.

No trabalho de Hora (1995), acerca da palatalização das oclusivas dentais em João Pessoa, na Paraíba, os homens palatalizaram mais do que as mulheres, portanto, a variante favorecida foi a não-padrão, ou seja, as formas africadas palato-alveolares, visto que, conforme Hora (1995), nesse município, o padrão local são as variantes não-palatalizadas.

Assim sendo, esses estudos demonstraram que não apenas as mulheres estão na vanguarda, em relação ao uso de formas linguísticas, mas também que os falantes do sexo masculino participam do processo de avanço e implementação de variante (s).

As mulheres são mais sensíveis às variantes prestigiosas do que os homens. Geralmente, se a forma inovadora dispõe de *status* social, ou seja, se é uma variante prestigiada, as mulheres a levam à frente quanto ao seu uso. Deste modo, conforme afirma Paiva (2004, p. 37): “O que se pode generalizar, pelo momento, é a maior sensibilidade feminina ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas”.

De acordo com Oliveira e Silva e Paiva (1998), nas situações de mudança que consistem nos processos de implementação de uma variante não-padrão, as mulheres preferem as formas conservadoras, enquanto que os homens lideram o processo. Em situação contrária, isto é, de a variante ser prestigiada, as mulheres estarão na vanguarda. Portanto, podemos inferir que o avanço de uma variante inovadora, por falantes do sexo masculino ou feminino, parece estar na dependência do seu *status* social na região de pesquisa.

Pelo que observamos nos resultados obtidos na Tabela 15, em que os falantes do sexo feminino, com índice de 0,25, produziram mais as variantes conservadoras, as oclusivas dentais, do que as africadas palato-alveolares, e, a partir do que discorremos até o momento, acerca da freqüência de uso de forma(s) lingüística(s) conforme o sexo, podemos supor que as variantes africadas palato-alveolares parecem não gozar de prestígio social no padrão lingüístico local do município do Chuí, Rio Grande do Sul.

Soma-se a isso o fato de que os resultados para a variável Escolaridade indicaram que a palatalização das oclusivas dentais foi mais freqüente entre os informantes do ensino fundamental, com menor grau de instrução.

Portanto, as evidências parecem levar-nos a duvidar do *status* prestigioso da variante africada palato-alveolar no município do Chuí, Rio Grande do Sul.

Com a intenção de melhor investigar nossa suposição anterior, correlacionamos a variável Escolaridade com o grupo de fatores Sexo, conforme mostra a Tabela 17.

Tabela 17: Palatalização de /t/ e /d/ - cruzamento entre Escolaridade e Sexo

Sexo	Ensino Fundamental	Ensino Médio
Masculino	248/1187=21% 0,85	404/1382=29% 0,59
Feminino	374/1108=34% 0,65	193/1086=18% 0,50
Total	622/2295 27%	597/2468 24%

Input 0,10; Significância 0,000

Fonte: Autor, (2007).

De um lado, a partir da Tabela 17, verificamos que a regra de palatalização de /t,d/ foi mais recorrente (valor de 0,85) entre os falantes do sexo masculino, com índice de 0,85, e do sexo feminino, com peso relativo de 0,65, com menor grau de instrução.

Por outro lado, os falantes do sexo masculino com ensino médio apresentaram valor de 0,59, ao passo que, as informantes também com ensino médio foram as que menos palatalizaram, com índice de 0,50.

O fato de os informantes do sexo masculino do ensino médio manifestarem-se favoráveis, com índice de 0,59, à aplicação da palatalização das oclusivas dentais, enquanto que, as falantes do ensino médio obtiveram comportamento neutro em relação à aplicação da regra (de 0,50), mereceu ser esclarecido, conforme o Gráfico 2, onde os informantes do sexo masculino com ensino médio são considerados individualmente quanto à aplicação da regra em questão.

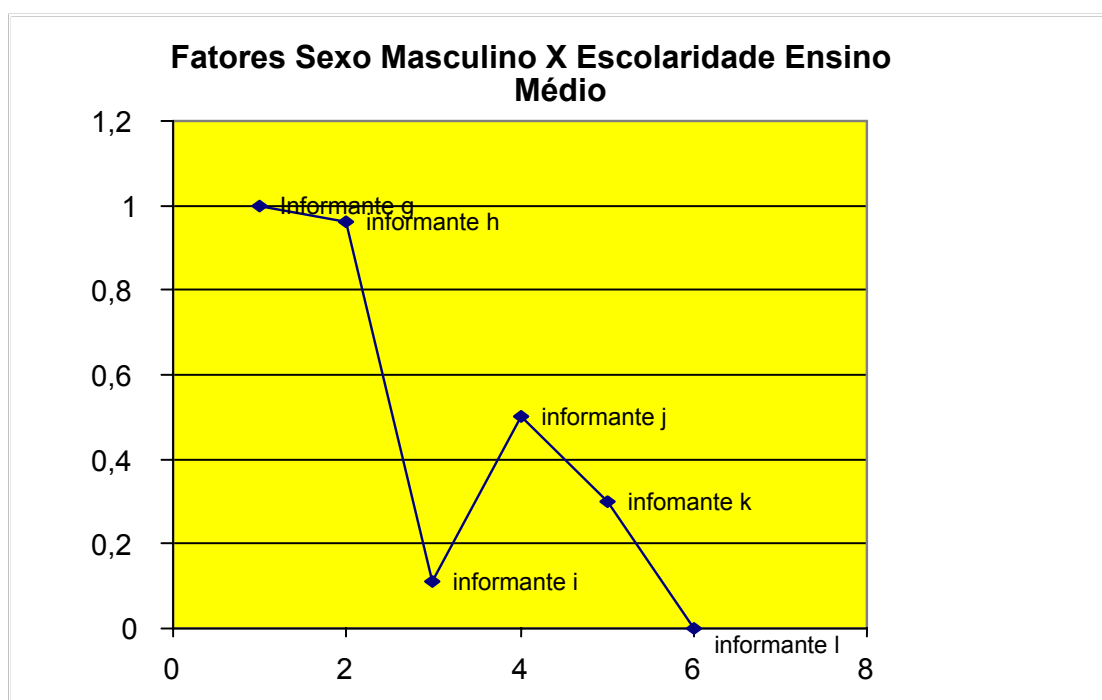


Figura 14: Gráfico dos fatores sexo masculino x escolaridade ensino médio
Fonte: Autor, (2007).

Como observamos no gráfico anterior, o informante **g**, com aplicação categórica, e o informante **h**, com valor de 0,96, ambos pertencentes à faixa etária mais jovem, foram os que obtiveram os índices mais altos de palatalização das oclusivas dentais. Assim sendo, esses pesos relativos parecem alterar o resultado estatístico obtido da correlação dos fatores sexo masculino e ensino médio, já que, o valor de 0,59 oriundo desse cruzamento parece ter sido produto da alta produtividade da palatalização de /t/ e /d/ de apenas dois informantes, **g** e **h**, uma vez, que os informantes **l**, com 0,0, **j**, com índice de 0,50, **k**, com peso relativo de 0,30 e **i**, com valor de 0,11, oscilaram entre não-aplicação, a baixa aplicação da regra de palatalização de /t,d/ e o comportamento neutro (de 0,50).

Na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul o fato de os falantes do sexo masculino, com menor grau de instrução (valor de 0,85), aplicarem mais as formas africadas palato-alveolares e a tendência de as informantes do sexo feminino, com maior grau de instrução, com índice de 0,50, apresentarem comportamento neutro em relação à palatalização de /t/ e /d/, leva-nos a supor que essas variantes são pouco prestigiadas no padrão lingüístico local.

Em suma, os resultados estatísticos nos permitem inferir que a regra variável de palatalização das oclusivas dentais parece estar sendo mais produzida entre os falantes do sexo masculino com ensino fundamental, e se estende para as falantes do sexo feminino, também com menor grau de instrução. Ao contrário da tendência no português brasileiro de as formas africadas palato-alveolares disporem de prestígio no padrão nacional, conforme Hora (1995), são as variantes não-palatalizadas que parecem gozar de valor social no município do Chuí, Rio Grande do Sul.

4.2.3.3 Variável faixa etária

A variável Faixa Etária foi o último grupo de fatores a ser selecionado como significativo estatisticamente.

A hipótese de que os informantes mais jovens aplicariam mais a regra de palatalização das oclusivas dentais foi confirmada.

Na Tabela 18, apresentamos os resultados estatísticos referentes à aplicação da regra de palatalização, por faixa etária, no município do Chuí, Rio Grande do Sul.

Tabela 18: Palatalização de /t/ e /d/ - faixa etária

Fatores	Apli./Total	%	Peso Relativo
16-25 anos	917/1714	54	0,71
26-50 anos	270/1650	16	0,69
acima de 50 anos	32/1399	2	0,11
Total	1219/4763	25	

Input 0,09; Significância 0,000

Fonte: Autor, (2007).

Verificamos que a aplicação regra de palatalização de /t/ e /d/ foi mais freqüente na fala dos informantes mais jovens, com peso relativo de 0,71 e dos falantes pertencentes à faixa etária intermediária, com peso relativo de 0,69, enquanto que os informantes da terceira faixa etária, os mais velhos, com índice de 0,11, foram os que menos palatalizaram.

Desse modo, a tendência dos estudos revisados por Bisol (1991), Sassi (1997) e Pires (2003), em zonas fronteiriças, de os jovens aplicarem mais a regra, foi confirmada.

Resolvemos elucidar o resultado estatístico obtido entre os falantes de faixa etária intermediária, pois, pretendemos avaliar a extensão do fenômeno variável em exame, no que se refere a sua aplicação por faixa etária, visto que nos trabalhos citados anteriormente, em região de fronteira, os informantes que apresentaram altos índices de aplicação da regra de palatalização de /t,d/ foram os mais jovens, podendo ser singular o uso elevado das formas africadas palato-alveolares entre os falantes da faixa etária intermediária, na região do Chuí, Rio Grande do Sul.

A Tabela 19, a seguir, apresenta a aplicação das variantes africadas palato-alveolares, por informantes de faixa etária intermediária:

Tabela 19: Palatalização de /t/ e /d/ - informantes de faixa etária intermediária

Informantes	Peso Relativo
c	0,81
o	0,98
P	0,55
d	0,09
i	0,11
x	0,40
j	0,50

Fonte: Autor, (2007).

Observamos que, na Tabela 19, os informantes da faixa etária intermediária (de 26 a 49 anos) nem sempre apresentam índices favoráveis à produção da variante africana palato-alveolar, o que conduz à conclusão de que, na Tabela 18, o resultado favorecedor obtido pela faixa etária intermediária apenas refletiu uso idiossincrático de dois informantes, já que houve maior aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/ pelo informante **c**, com índice de 0,81, e

pelo informante **o**, com valor de 0,98, sobre os demais informantes que, em sua maioria, apresentaram pesos relativos que variaram entre 0,09 e 0,55.

Portanto, em busca de resultados precisos, realizamos a rodada do programa Varb2000 sem os informantes **c** e **o**, o que resultou, como esperávamos, em uma modificação dos valores e, conseqüentemente, em um redirecionamento de nossa discussão.

A Tabela 20 apresenta os resultados da rodada do programa Varb2000, sem os informantes **c** e **o**.

Tabela 20: Palatalização de /t/ e /d/ - faixa etária (com retirada dos informantes)

Fatores	Ocorrências	%	Peso Relativo
16-25 anos	917/1714	54	0,89
26-50 anos	29/1650	2	0,16
acima de 50 anos	32/1399	2	0,27
Total	1219/4763	25	

Input 0, 07; Significância 0,000

Fonte: Autor, (2007).

A partir dos índices da Tabela 20, verificamos que houve modificação na tendência apresentada na rodada do Varb2000, pois com a retirada dos informantes **c** e **o** da faixa etária intermediária, a maior aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/ se manteve apenas entre os mais jovens, informantes da faixa etária **A** (de 16 a 25 anos), que aumentaram o valor de aplicação da regra de 0,71 para 0,89, ao passo que os informantes da faixa etária **B** (de 26 a 49 anos) reduziram o índice de 0,69 para 0,16. Em contrapartida, para os informantes da faixa **C** (acima de 50 anos) ocorreu um aumento no peso relativo de 0,11 para 0,27. Contudo, a influência desse fator, no que se refere à produtividade da regra de palatalização das oclusivas dentais, permaneceu pouco favorável.

De acordo com os pressupostos variacionistas, um fenômeno variável pode ser caracterizado como variação estável, mudança em progresso ou mudança implementada. No caso de mudança em progresso, a tendência é de que os mais jovens estejam na vanguarda do processo de mudança, enquanto que os mais velhos mantenham as formas conservadoras.

Segundo Naro (2004, p. 43):

os falantes mais velhos costumam preservar as formas antigas, o que pode acontecer também com as pessoas mais escolarizadas, ou das camadas da população que gozam de maior prestígio social, ou ainda de grupos sociais que sofrem pressão social normalizadora, a exemplo do sexo feminino de maneira geral, ou das pessoas que exercem atividades socioeconômicas que exigem uma boa apresentação para o público.

A manutenção das variantes conservadoras já se registrou, na literatura da área, em inúmeros trabalhos, dos quais destacamos a pesquisa de Labov (1963), na ilha de Martha's Vineyard, acerca da centralização do primeiro segmento dos ditongos [ay] e [aw].

Nesse estudo, os falantes da ilha, principalmente os da faixa etária intermediária do grupo ocupacional pescador, centralizavam mais o segmento [a] dos ditongos [ay] e [aw] do que os mais velhos. Os informantes mais velhos (acima de 75 anos), com índice de 0,22, pouco centralizaram o ditongo [aw], conservando a variante antiga, forma não-centralizada, ao passo que, os de idade intermediária, com valor de 0,88, quadruplicaram a centralização.

Na presente pesquisa, as variantes africadas palato-alveolares foram mais frequentes na fala dos informantes mais jovens, enquanto que as variantes conservadoras, as oclusivas dentais, se mantiveram na fala dos informantes da faixa intermediária e dos mais velhos. A partir dos resultados em tempo aparente, a regra variável de palatalização das oclusivas dentais na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, parece ganhar força na comunidade, visto que os falantes mais jovens são os que mais produzem as variantes africadas palato-alveolares.

4.2.3.4 Variável atividade profissional

Na rodada do programa Varb2000, conforme a ordem de importância estabelecida, o grupo de fatores Atividade Profissional foi a primeira variável social a ser selecionada como significativa estatisticamente.

Na Tabela 21, a seguir, indicamos os valores estatísticos referentes à aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/, conforme a atividade ocupacional.

Tabela 21: Palatalização de /t/ e /d/ - Atividade Profissional

Fatores	Aplic./Total	%	Peso Relativo
Comerciante	384/462	83	0,96
não informada	142/211	67	0,88
Estudante	380/602	63	0,98
prestador de serviços	258/2194	25	0,22
Doméstica	19/285	19	0,41
Aposentado	26/1178	2	0,52
funcionário público	10/750	1	0,2
Total	1219/4763	25	

Input 0, 09; Significância 0,000

Fonte: Autor, (2007).

Como podemos observar, a partir dos pesos relativos apresentados na Tabela 21 anterior, os informantes cujas atividades profissionais são estudante, com valor de 0,98; comerciante, com índice de 0,96 e atividade profissional não-informada, com peso relativo de 0,88 foram os que apresentaram maiores índices de palatalização de /t/ e /d/, enquanto que, os fatores doméstica, com valor de 0,41; prestadores de serviço, com índice de 0,22 e funcionário público, com peso relativo de 0,2 foram os informantes que menos aplicaram a regra de palatalização das oclusivas dentais. Já os aposentados apresentaram índice de 0,52, próximo ao ponto de referência.

Segundo Oliveira e Silva (1998), a variável mercado ocupacional exerce mais influência entre os falantes do sexo masculino, em nossa sociedade, pelo fato de os homens serem educados desde cedo para responder pelo sustento da família. Para essa mesma autora, o mercado ocupacional está relacionado ao tipo de atividade profissional exercido por uma pessoa, ao longo dos anos, e a necessidade de emprego de variantes lingüísticas de prestígio.

Com o objetivo de elucidarmos os resultados da Tabela 21, correlacionamos a variável Atividade Profissional com a Faixa Etária.

A Tabela 22, a seguir, apresenta os valores estatísticos obtidos do cruzamento entre as variáveis Atividade Profissional e Faixa Etária.

Tabela 22: Palatalização de /t/ e /d/ - cruzamento entre Atividade Profissional e Faixa Etária

Fatores	16-25 anos	26-50 anos	Acima de 50 anos
Prestador de serviços	189/645=29% 0,46	63/159=40% 0,48	6/221=3% 0,40
Aposentado			26/1178=2% 0,13
Estudante	380/602=63% 0,99		
Comerciante	206/255=81% 0,98	178/207=86% 0,98	
funcionário público		10/750=1% 0,50	
Doméstica		19/284=7% 0,63	
não informada	142/211=67% 0,96		

Input 0,10; Significância 0,000

Fonte: Autor, (2007).

Na Tabela 22, a partir de uma análise horizontal, constatamos a tendência de profissionais das faixas etárias mais jovens e intermediárias pertencentes à mesma atividade ocupacional apresentarem índices muito próximos de aplicação da regra de palatalização das oclusivas dentais. De um lado, os prestadores de serviço das faixas etárias mais jovem, com peso relativo de 0,46, e intermediária, com valor de 0,48, apresentaram pesos relativos ao redor do ponto neutro quanto à palatalização de /t,d/. Por outro lado, os comerciantes mais jovens e os da faixa etária intermediária, ambos com peso relativo de 0,98, aplicaram quase que categoricamente a regra de palatalização das oclusivas dentais.

Observamos, ainda, em uma leitura horizontal, que fatores da variável Atividade Profissional constituem subcategorias da variável Faixa Etária. Os informantes aposentados estão todos na faixa acima de 50 anos e apresentaram peso relativo pouco favorecedor(de 0,13). Os estudantes concentram-se na faixa mais jovem e aplicaram a regra categoricamente (0,99). Os funcionários públicos e as domésticas referem-se a indivíduos entre 26 e 50 anos, a faixa intermediária, sendo que o primeiro grupo apresentou-se neutro em relação à aplicação (0,50) e o segundo, favorável (0,63). O indivíduo que não informou a atividade profissional concentrou-se na faixa mais jovem e, assim como os estudantes, apresentou índices bastante elevado (0,96) de aplicação da palatalização de /t/ e /d/.

Em uma análise vertical da Tabela 22, constatamos que a palatalização de /t/ e /d/ na faixa etária mais jovem foi a mais recorrente entre os estudantes, com índice 0,99, entre os comerciantes, com valor de 0,98 e entre informantes que não informaram profissão, com peso relativo de 0,96, ao passo que, na faixa etária intermediária, a regra de palatalização das oclusivas dentais foi mais freqüente na fala dos comerciantes, com índice de 0,98, e da doméstica, com peso relativo de 0,63. Na faixa acima de 50 anos, os pesos relativos foram pouco favorecedores.

Conforme Oliveira e Silva (1998), os adolescentes e adultos jovens da faixa etária e 15 a 25 anos estão em fase de inserção no mercado de trabalho, enquanto que os informantes de 26 a 49 anos já estão envolvidos em sua atividade profissional e os informantes de 50 a 71, se ainda não estão aposentados, estão em fase consolidada de carreira.

Estabelecendo uma relação desse fato com os resultados estatísticos da Tabela 22, podemos observar que, apesar dos prestadores de serviços das faixas etárias mais jovem, com índice de 0,46, e intermediária, com peso relativo de 0,48, ainda estarem ativos no mercado ocupacional, apresentaram baixa aplicação das africadas palato-alveolares.

Apesar do fator estudante, com peso relativo de 0,99, ter apresentado elevada aplicação da palatalização de /t/ e /d/, questionamos o prestígio das variantes africadas palato-alveolares no município do Chuí-RS, pois como constatamos, anteriormente, em 4.2.3.2, foram os estudantes do sexo masculino e do ensino fundamental que aplicaram mais o processo de palatalização das oclusivas dentais. Logo, o índice de 0,99 do fator estudantes parece referir-se à aplicação dos informantes do ensino fundamental.

O fato de os comerciantes das faixas etárias mais jovens e intermediárias terem aplicado, freqüentemente, as variantes africadas palato-alveolares pode ser explicado a partir do que já apresentamos na seção 3.1.2, a respeito do município do Chuí, Rio Grande do Sul. Essa cidade tem como principal atividade econômica o comércio. Assim sendo, supomos que a palatalização das oclusivas dentais, no município do Chuí, Rio Grande do Sul se origine também do contato da população, em geral, e, principalmente, dos comerciantes com os turistas, os quais são falantes de outros dialetos do português brasileiro em que a produtividade da regra de palatalização de /t/ e /d/ pode ser mais intensa. Podemos inferir,

portanto, que para os comerciantes do Chuí, Rio Grande do Sul o uso, com freqüência, das africadas palato-alveolares está correlacionado à sua atividade ocupacional e à faixa etária.

Os resultados obtidos para as variáveis sociais indicam que:

- a) na variável Escolaridade, os falantes menos escolarizados aplicaram mais as variantes africadas palato-alveolares do que os informantes do ensino médio;
- b) no grupo de fatores Sexo, os homens palatalizaram mais do que as mulheres;
- c) do cruzamento entre as variáveis Sexo e Escolaridade, os falantes do sexo masculino do ensino fundamental, sendo seguidos pelas informantes do sexo feminino, também com menos escolaridade, foram os que mais palatalizaram no município do Chuí, Rio Grande do Sul;
- d) na variável Faixa Etária, os informantes mais jovens foram os que mais aplicaram as variantes africadas palato-alveolares;
- e) no grupo de fatores Atividade Profissional, os comerciantes, estudantes e falante cuja atividade ocupacional não foi informada foram os que mais aplicaram a regra de palatalização das oclusivas dentais;
- f) da correlação entre as variáveis Atividade Profissional e Faixa Etária, os estudantes da faixa etária mais jovem, sendo seguidos pelos comerciantes das faixas etárias mais jovem e intermediária, pelo falante cuja atividade ocupacional não foi informada, pertencente à faixa etária mais jovem, e pelas domésticas da faixa etária intermediária, foram os profissionais que aplicaram mais a palatalização de /t/ e /d/.

CONCLUSÃO

A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/, diante da vogal alta [i] e do glide palatal [j] foi o nosso objeto de pesquisa, no município do Chuí, Rio Grande do Sul.

No que se refere as variantes em exame é possível ressaltarmos dois aspectos: o primeiro é de que as variantes africadas palato-alveolares, apesar de terem apresentado um baixo índice de aplicação (de 26%), na localidade do Chuí, Rio Grande do Sul, parecem estar em expansão nesse município; o segundo é de que a variante africada alveolar, com apenas quatro ocorrências, é produto de uso idiossincrático do informante 4 e as oclusivas dentais, variantes conservadoras, predominaram entre os falantes das faixas etárias intermediária e mais velha.

Em relação à análise que foi realizada à luz da Teoria da Variação, constatamos que tanto os grupos de fatores lingüísticos quanto os extralingüísticos exerceram influência na aplicação da palatalização de /t/ e /d/ no Chuí, Rio Grande do Sul.

No que concerne ao grupo de fatores Tipo de Vogal Alta, foi o fator vogal alta derivada o que mais favoreceu a aplicação da palatalização de /t/ e /d/, no município do Chuí, Rio Grande do Sul, resultado observado em Flores da Cunha, Rio Grande do Sul (ALMEIDA, 2000).

Quanto à variável Tonicidade, os fatores pretônica inicial e tônica foram os mais favoráveis à palatalização das oclusivas dentais. Esses resultados convergiram com os valores obtidos em região de fronteira, Porto Alegre e nas 13 (treze) comunidades pesqueiras da região Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro, na região Sudeste.

No que se refere ao cruzamento entre as variáveis Tipo de Vogal Alta e Tonicidade, as sílabas tônica, pretônica clítico com vogal derivada, seguidas pela sílaba pretônica inicial com vogal não-derivada foram os fatores que mais condicionaram a produtividade da palatalização das oclusivas dentais.

Em relação à variável Sonoridade, o fator [-voz] foi o que mais motivou a produtividade da palatalização de /t,d/ no Chuí, Rio Grande do Sul. O condicionamento desse fator está de acordo com os resultados obtidos em Porto Alegre, São Borja, Flores da Cunha, e nas 13 (treze) comunidades pesqueiras da região Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro.

No que diz respeito ao grupo de fatores Contexto Precedente, os fatores [êj], [ũ], [ã], [u], [ε], [i, ĩ, õ] manifestaram-se mais significativos à produtividade da palatalização de /t,d/. Os fones [ũ, u, w] concordaram com os índices das regiões de fronteira e com os valores das 13 (treze) comunidades pesqueiras das regiões Norte-Nordeste do Estado do Rio de Janeiro.

Quanto à variável Contexto Seguinte, os fatores [g, ʃ, x, tʃ, dʒ], [f] e vazio mostraram-se mais expressivos para a regra de palatalização das oclusivas dentais. Esses condicionadores convergiram parcialmente com os resultados obtidos em São Borja e em Santa Vitória do Palmar, regiões de fronteira, visto que em São Borja, o fator velar [g] foi o que mais condicionou a regra de palatalização de /t/ e /d/, enquanto que, em Santa Vitória do Palmar, o segmento [f] fricativo foi o mais favorável à palatalização de /t/ e /d/.

No que se refere ao cruzamento entre variáveis Contexto Seguinte e Localização do Contexto Seguinte, os fatores [g, ʃ, x, tʃ, dʒ], [f], [ɲ, ʎ, ʒ, k] e [b, r, m, v, p, z], em contexto distinto e clítico e o ambiente vazio, foram os que mais se mostraram favoráveis à regra de palatalização das oclusivas dentais.

Em relação à variável Tipo de Sintagma, o primeiro grupo de sintagmas, ou seja, aquele que não apresentou concordância em relação à aplicação ou não aplicação da palatalização das oclusivas dentais, entre os constituintes que o compõem, foi o fator que mais condicionou a aplicação da palatalização de /t/ e /d/. Resultado que consideramos parcialmente devido à quantidade de dados.

Quanto à variável Faixa Etária, os falantes mais jovens e os de faixa etária intermediária apresentaram os maiores índices de palatalização no município do Chuí, Rio Grande do Sul. Contudo, verificamos, após análise apurada da aplicação da regra variável em questão entre os informantes da faixa etária intermediária, que a produtividade elevada de tal regra foi resultado do uso idiossincrático dos informantes c e o, visto que esses foram os que

apresentaram os maiores índices de aplicação da regra de palatalização de /t/ e /d/. Logo, foram os mais jovens da localidade do Chuí, Rio Grande do Sul, que apresentaram maior produtividade do fenômeno variável em exame, o que parece indicar o fortalecimento da aplicação da regra no município.

No que se refere ao grupo de fatores Escolaridade, foram os falantes com ensino fundamental que aplicaram mais as africadas palato-alveolares do que os com ensino médio. Pelo que observamos, a regra variável de palatalização das oclusivas dentais não sofre controle pela instituição escolar da mesma forma que outros fenômenos variáveis, sendo, pois, uma regra variável que caracteriza dialetos. Nesse sentido, acreditamos que a variável Escolaridade não basta para caracterizar a palatalização de /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul como prestigiada ou desprestigiada, sendo necessário o auxílio de índices de outros grupos de fatores sociais.

Quanto à variável Sexo, os resultados indicaram que os falantes do sexo masculino palatalizaram com mais frequência do que as informantes do sexo feminino. Considerando que os menos escolarizados aplicaram mais a palatalização das oclusivas dentais, pudemos sugerir que as formas africadas palato-alveolares parecem não desfrutar de prestígio na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul. A fim de verificar essa suposição, correlacionamos as variáveis Escolaridade e Sexo. Os resultados desse cruzamento apontaram para os falantes do sexo masculino com menor grau de instrução como os que aplicaram mais as formas africadas palato-alveolares, seguidos pelos informantes do sexo feminino também com menos escolaridade. O valor elevado de aplicação entre os informantes do sexo masculino com mais escolaridade (ensino médio) foi averiguado através da análise dos índices de aplicação da regra por informantes, a qual revelou-nos uso idiossincrático dos informantes **g** e **h** em comparação aos demais informantes com esse perfil social. Deste modo, obtivemos mais um argumento contra o status de prestígio das africadas palato-alveolares na comunidade do Chuí, Rio Grande do Sul, visto que tais variantes foram recorrentes entre os falantes do sexo masculino com ensino fundamental.

No que alude à variável Atividade Profissional, foram os estudantes, seguidos pelos comerciantes e pela falante cuja atividade ocupacional não foi informada, que aplicaram mais a regra de palatalização de /t/ e /d/. A correlação entre os grupos de fatores Atividade Profissional e Faixa Etária mostrou-nos que os comerciantes das faixas etárias mais jovem e

intermediária, ainda ativos no mercado de trabalho, produziram, com mais frequência, as africadas palato-alveolares, o que levou-nos a supor que essas formas lingüísticas são oriundas também do empréstimo de outros dialetos do Português Brasileiro (PB) através do contato da população em geral, e principalmente dos comerciantes, com falantes de outras cidades brasileiras, nas quais o processo de palatalização de /t/ e /d/ pode estar mais avançado, já que o comércio é uma das principais atividades econômicas desse município.

Dos condicionamentos sociais que compõem a regra variável em exame no Chuí, Rio Grande do Sul, apenas o fator faixa etária mais jovem está em concordância com os resultados dos trabalhos revisados acerca da regra variável de palatalização de /t/ e /d/, apresentados na seção 2.2, a saber, Bisol (1991), Sassi (1997), Almeida (2000), Kamianecy (2002), Carvalho (2002) e Pires (2003). Ressaltamos que o condicionamento do fator sexo masculino está de acordo com os resultados de João Pessoa, Paraíba (HORA, 1995), enquanto que o favorecimento do fator ensino fundamental na variável Escolaridade concordou com os resultados obtidos na cidade de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul (SASSI, 1997).

A partir do exposto, concluímos que a palatalização de /t/ e /d/ na cidade do Chuí, Rio Grande do Sul, é um fenómeno variável, de baixa aplicação, mas que não dá mostras de enfraquecimento. São os falantes mais jovens, estudantes e comerciantes, do sexo masculino e com nível fundamental os que parecem conduzir as variantes africadas palato-alveolares na localidade.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete; PAGOTTO, Emílio. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela C.S. (Orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas: UNICAMP, 2002. (Novos estudos descritivos; v. III).
- ALMEIDA, Marco Antônio Bomfoco. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Flores da Cunha: uma análise quantitativa**. Porto Alegre: PUCRS, 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.
- BHAT, D.N.S. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J.H.; FERGUSON, C.; MORAVSICK, E. (Eds.). **Universals of language**. Stanford: University Press, 1978. v. 2: Phonology.
- BISOL, Leda. A palatalização e sua restrição variável. **Estudos**, Salvador, n. 5, p. 163-77, 1986.
- _____. Palatalization and its variable restriction. **International Journal of Sociology of Language**, n. 89, p. 107-24, 1991.
- _____; HORA, Dermeval da. A palatalização das oclusivas dentais: fonologia lexical. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 5, p. 25-40, 1993.
- _____. Clítico e o seu hospedeiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 163-84, set. 2005.
- BORDIEU, Pierre. **Sociologia de cultura**. Conaculta: Guijalto, 1990.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização & lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.
- CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- _____. **Problemas de lingüística descritiva**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
- _____. **Dicionário de lingüística e gramática**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
- CARVALHO, Sérgio Drummond Madureira. **A palatalização das plosivas dentais na fala de pescadores do norte e noroeste do Rio de Janeiro**. UFRJ, 2002.
- CLEMENTS, G.N. The geometry of phonological features. **Phonology yearbook**, Cambridge, n. 2, p. 225-52, 1985.
- _____; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sound: In: GOLDSMITH, John A. (Ed.). **The handbokk of phonological theory**. Cambridge: Blackwell, 1995.

DUBOIS, Jean. **Dicionário de lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.

GOLDSMITH, John. **A autosegmental phonology**. Tese (Doutorado), MIT, 1976.

HERNANDORENA, Carmem Lúcia L.M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

HORA, Dermeval da. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear**. Porto Alegre: PUCRS, 1990. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

_____. A palatalização das oclusivas dentais: contextos lingüísticos favorecedores e inibidores. **Euc. e Comp.** Teresina, v. 3, n. ½, p. 33-46, jan.-dez. 1991.

_____. A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e as restrições sociais. **Garphos**, v. 2, n. 1, p. 116-25, 1997.

KAMIANECKY, Fernanda. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa**. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

LABOV, Willian. Contraction, deletion, and inherent variability of the english copula. **Language**, Baltimore, v. 45, n. 4, p. 715-62, 1969.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Principios del cambio lingüístico**. Madrid: Gredos, 1994.

LAHIRI, A.; EVERS, V. Palatalization and coronality. In: PARADIS, C.; PRUNET, J.F. (eds.). **The special status of coronals**. New York: Academic Press, 1991.

LOPEZ, B.S. **The sound pattern of brazilian portuguese (Cariocan dialect)**. Los Angeles: UCLA, 1979. Tese (Doutorado em Lingüística), UCLA, 1979.

MOLICA, Cecília Maria; BRAGA, Luiza Maria (Orgs.). **Cadernos didáticos: introdução à sociolingüística variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

MOTA, Jacira. Variantes palatais do português do Brasil. **XXI Congresso Internazionale di Lingüística e Filologia Romanza Palermo**. Itália, 18-24 set. 1995.

MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Variantes africadas palatais em Salvador. In: HORA, Dermeval da (Org.). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 131-40.

OHALA, John J. **A course in experimental phonology**. Phonology laboratory. Department of Linguistics. Berkeley: University of California, 2000. 5 arquivos, 3 disquetes (3 ½ pol.), Power Point 2000. (Material cedido durante curso ministrado pelo autor na pós-graduação da UFRJ, fev. 2000).

OLIVEIRA, Marco Antônio. Variável lingüística: conceituação: problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. **D.E.L.T.A.**, v. 3, n. 1, p. 19-34, 1987.

OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline. Variáveis sociais e perfil do corpus censo. In: OLIVEIRA E SILVA, Scherre; PEREIRA, Maria Marta (Orgs.). **Padrões sociolingüísticos**. 2. ed. UFRJ, 1998.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e identidade**. Campinas: UECamp, 2001. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. (Org.). **Cadernos didáticos**: introdução à sociolingüística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 17-25.

PIRES, Lisiane Buchholz. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ em São Borja, RS**. Porto Alegre: PUCRS, 2003. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2003.

QUILIS, Antonio. **Tratado de fonologia y fonética españolas**. 2. ed.. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

RAMOS, Fabiana. **Atitudes lingüísticas de falantes campinenses sobre os fenômenos de palatalização das consoantes /t/ e /d/ e do uso da concordância nominal de número**. Paraíba: UFPB, 1999. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal da Paraíba, 1999.

ROCA, Iggy. **Generative phonology**. London: Routledge, 1994.

SANTOS, Lúcia de Fátima. **Realização das oclusivas dentais /t/ e /d/ na fala de Maceió**. Alagoas: UFAL, 1996.

SASSI, Maria Pía Mendonza. **A palatalização na cidade de Santa Vitória do Palmar**. Pelotas: UCPel, 1997. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Católica de Pelotas, 1997.

SCHERRE, M.M.P. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

SILVA, Taís Bopp. **A variação das oclusivas dentais na comunidade bilíngüe de Panambi**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Monografia (Curso de Graduação em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. (Org.). **Cadernos didáticos**: introdução à sociolingüística variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. p. 17-25.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D978p Dutra, Eduardo de Oliveira
A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul. – Porto Alegre, 2007.
132 f.

Diss. (Mestrado em Letras) - PUCRS, Fac. de Letras.
Orientação: Prof.^a Dr.^a Cláudia Regina Brescancini.

1. Lingüística Portuguesa – Brasil. 2. Português - Fonologia.
3. Variação (Lingüística). I. Brescancini, Cláudia Regina.

CDD 469.15

Ficha Catalográfica elaborada por
Vanessa Pinent
CRB 10/1297